

alyson Noël

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER **os imortais** E DE **Radiante**,
Luminoso E **Terra dos sonhos**



Murmúrio

SÉRIE RILEY BLOOM





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



alyson Noël



Murmúrio

série riley bloom | livro 4

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Copyright © 2012 by Alyson Noël, LCC. Mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Whisper

CAPA

Angela Goddard e Kathleen Breitenfeld

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

IMAGEM DE CAPA

© 2012 by Juliana Kolesova

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

Susan Walsh

REVISÃO

Shirley Lima

Camila Dias da Cruz

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-240-7

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para você.

Sim, VOCÊ.

A pessoa que está segurando este livro.

*Obrigada por fazer essa viagem
comigo e com Riley!*

Assombração residual *s.f.* Considerada a forma mais comum

de assombração, em que um fantasma reencena uma atividade repetitiva sem consciência de nada nem de ninguém que não faça parte dela.

*“Ninguém conquistará nada extraordinário
nem impressionante a menos que ouça
o sussurro que só ele ouve.”*
— Ralph Waldo Emerson



A primeira coisa que me veio à cabeça quando entramos nos domínios de Roma foi: *Hum?*

Cerrei os olhos por causa do vento, meus cabelos loiros caíam pelas costas, e eu me senti um tanto decepcionada ao voar sobre uma paisagem praticamente igual a todas as outras.

Meu guia, Bodhi, meu cão, Buttercup, e eu havíamos voado uma boa distância para chegar até ali, e embora voar sem sombra de dúvida fosse nossa forma favorita de viajar, não havia como negar que, depois de um tempo, a paisagem começava a ficar um pouco tediosa — transformando-se em um borrão contínuo de nuvens, natureza e coisas construídas pelo homem, tudo empilhado em sequência. Mesmo já acostumada a isso, acho que ainda tinha esperanças de que Roma fosse diferente, mas de onde olhávamos era tudo sempre a mesma coisa.

Bodhi olhou para mim, seus olhos verdes notando minha decepção. Ele sorriu rapidamente.

— Siga-me — disse.

Esticou os braços para a frente e se lançou em queda livre. Buttercup e eu fizemos o mesmo. E quanto mais rápido girávamos na direção do solo, mais a paisagem ganhava vida, florescendo com

cores e detalhes tão vibrantes que era impossível não dar um gritinho de satisfação.

Roma não era tediosa. Era o oposto: uma cidade abarrotada de contradições visuais em praticamente todos os cantos. Era formada por um louco labirinto de ruas engarrafadas e sinuosas, que faziam curvas e contornavam prédios recém-reformados e outros muito velhos e malconservados — tudo muito perto de ruínas antigas e empoeiradas, datadas de milhares de anos atrás, lembranças de uma história que se recusava a se silenciar.

Bodhi diminuiu a velocidade. Seus cabelos batiam no rosto quando ele fez sinal com a cabeça para a ruína bem embaixo de nós e disse:

— Aqui está. O que acha?

Buttercup latiu com empolgação, abanando o rabo de um jeito que o fazia girar para o lado, e eu olhava admirada o anfiteatro extremamente antigo, maravilhada com seu tamanho, quando, de repente, me bateu uma dúvida.

Quer dizer... sim, fui eu que praticamente implorei ao Conselho por uma Captura de Almas mais desafiadora — eu queria brilhar mais, e, mais do que tudo no mundo, queria fazer treze anos, e acreditava erroneamente que fazer muito bem meu trabalho era a única maneira de acelerar esse processo. Mas quanto mais eu olhava aquela enorme estrutura de pedra com arcos, colunas e paredes robustas — quanto mais observava seu tamanho e extensão —, e pensava nas atividades que a haviam tornado famosa — crueldade e massacres bárbaros, batalhas sangrentas até a morte —, bem, não podia deixar de imaginar que, talvez, eu tivesse sido um pouco ambiciosa demais, tivesse ido longe demais.

Sem querer expor minha repentina onda de covardia, engoli em seco e falei:

— Uau, isso é, hum... é muito maior do que eu pensava.

Continuei a pairar, ansiosa para descer logo, até que Bodhi puxou com força a manga da minha roupa e fez com que todos

continuássemos em frente. Porém, em vez de nos conduzir para o meio da arena, ele aterrissou na sacada de um restaurante muito elegante. A decoração toda branca serviria como cenário perfeito para o que pode ser uma das vistas mais espetaculares do plano terreno.

Ele se apoiou na grade de ferro cinza, olhando para baixo, para o lugar que abrigava tantas histórias, e eu me sentei a seu lado, segurando no colo, meio sem jeito, um Buttercup nada disposto a cooperar, com as patas penduradas dos dois lados do meu colo enquanto eu dizia:

— Temos reserva para jantar e você não me contou nada?

Sabia que a piada era idiota, mas não pude evitar. Quando eu ficava nervosa, fazia gracinhas.

Bodhi deu uma inspecionada no local, observando o espaçoso terraço cheio de gente bem-vestida desfrutando elegantes jantares à luz de velas e o pôr do sol que banhava o Coliseu, deixando-o com um brilho alaranjado e cor-de-rosa. Felizmente, ninguém tinha ideia de que havia três fantasmas sentados ali.

Depois, Bodhi se virou para mim e foi direto ao assunto.

— Certo, o negócio é o seguinte: o nome do fantasma com quem deverá trabalhar é Theocoles. Não sei o sobrenome. E, por gentileza, faça um favor a si mesma e chame-o pelo nome *inteiro*. Não invente apelidos. Nada de Theo, T, Grande T, ou...

— Entendi. Theocoles — repeti, pensando que realmente era um nome grande, mas não tinha problema. O nome era o que menos me preocupava àquela altura. — O que mais?

Eu olhava para a frente, querendo parecer confiante, apesar dos dedos agitados que remexiam o pelo amarelo de Buttercup.

Bodhi semicerrou os olhos e me encarou por entre os cílios espessos ao dizer, com a voz baixa e grave:

— De acordo com o Conselho, ele está assombrando o Coliseu há muito tempo.

Eu me virei para Bodhi, arqueando a sobancelha, com o desejo de obter mais detalhes, e o vi encolher os ombros, tirar um canudo verde e mastigado do bolso e o colocar na boca, roendo-o. Um hábito que servia para acalmar nervos ou ajudá-lo a pensar — eu nunca soube ao certo.

— Esse cara é *intenso* — continuou. — É realmente uma alma perdida. Está tão completamente imerso em seu mundo que não tem ideia de nada que esteja fora dele ou de quantos anos se passaram desde sua morte, que, por sinal, estão na casa dos mil.

Concordei, afagando a cabeça de Buttercup uma última vez antes de deixá-lo pular do meu colo para o chão, a fim de farejar as pessoas e suplicar por migalhas de comida... sem a mínima ideia de que elas não podiam vê-lo.

— Parece a mesma coisa de sempre — respondi, fingindo um pouco mais de coragem do que tinha, na verdade. Embora o Coliseu fosse realmente intimidador, nada do que Bodhi dissera parecia muito complicado. — Praticamente todos os fantasmas com que lidei eram intensos, e ainda assim consegui chegar até eles, ainda assim consegui convencê-los a cruzar a ponte e seguir em frente, então tenho certeza de que posso convencer esse tal Theocoles a fazer o mesmo. Facinho. — Confirmei com a cabeça, e me virei a tempo de ver Bodhi recuar.

— Você precisa saber de mais uma coisa — disse ele, a voz baixa e calma. — Theocoles era o campeão dos gladiadores em sua época. Temido por todos... Nunca foi derrotado.

— Você disse *gladiador*? — Estava boquiaberta, certa de que havia entendido mal.

Bodhi confirmou.

— Era chamado de “Pilar da Destruição” — acrescentou.

Eu pisquei, tentei não rir, mas não adiantou. Sei que o nome deveria soar assustador, mas para mim parecia um personagem idiota de desenho.

A risada cessou assim que Bodhi me lançou um olhar preocupado e disse:

— Ele foi um gladiador campeão. Um *primus palus* de verdade. Era assim que o chamavam. E, caso não saiba, significa *o maior*. Amplamente considerado o mais durão, mais assustador e mais destemido de todos. Não é motivo para rir, Riley. Receio que um trabalho muito sério lhe tenha sido atribuído. Mas foi você mesma quem implorou por um desafio.

Meus ombros desmoronaram e eu enterrei o rosto nas mãos. A breve onda de confiança se esvaiu no momento em que me dei conta da realidade da minha situação.

Sério... um *gladiador*? Esse foi o desafio que o Conselho julgou por bem designar a mim?

Só podia ser um engano, ou talvez algum tipo de piada.

Só podia ser o jeito que o Conselho encontrou de se vingar por eu sempre ignorar suas regras e inventar as minhas.

Como eu — uma menina de doze anos, esquelética, de nariz meio achatado e peito reto — poderia encarar um sujeito grande, forte e enfurecido que havia passado a maior parte da vida picando seus adversários em pedacinhos sangrentos?

Só porque eu estava morta — só porque ele, tecnicamente, não podia me machucar —, não significava que não estivesse tremendo de medo. Porque eu estava. Estava mesmo, de verdade. E não tenho problemas em admitir.

— Sei que parece muito para se pedir a uma Apanhadora de Almas relativamente nova como você — reconheceu Bodhi. — Mas não se preocupe, o Conselho só designa tarefas que sabe que você poderá cumprir. O fato de estar aqui significa que acreditam em você. Então é hora de a senhora começar a acreditar também. Precisa pelo menos tentar, Riley. O que foi que Mahatma Gandhi disse?

Bodhi olhou para mim, parando como se realmente esperasse que eu desse a resposta, e quando eu não disse nada, ele

continuou:

— “Um esforço total é uma vitória completa.” — Ele parou novamente, permitindo que as palavras fossem absorvidas. — Tudo o que você pode fazer é dar seu melhor. É a única coisa que qualquer um poderia pedir.

Suspirei e desviei o olhar. Acreditar em mim mesma não era nenhuma dificuldade para mim. Na verdade, muitas vezes eu caía nos perigos de ser confiante demais. Mas a situação que enfrentava não era nem um pouco normal ou corriqueira. E mesmo sabendo que havia pedido, até mesmo implorado por ela, não conseguia deixar de ficar um pouco chateada com o Conselho por ter cedido à minha vontade.

— E os outros Apanhadores de Almas? — perguntei. — Os que vieram antes de mim e fracassaram? Acredito que o Conselho também tenha acreditado neles, não?

Bodhi mastigou seu canudo e passou a mão pelos cabelos com nervosismo.

— Acontece que não terminou tão bem para eles... — respondeu ele.

Estreitei os olhos, esperando mais alguma coisa.

— Eles se perderam. Foram sugados tão profundamente para o mundo dele que... — Bodhi fez uma pausa, coçou o queixo e enrolou um pouco até limpar a garganta. — Bem, digamos apenas que nunca conseguiram voltar — completou.

Eu o encarei, boquiaberta, sem palavras.

Era algo acima de minha capacidade. Não havia como negar. Mas pelo menos eu não precisaria passar por aquilo sozinha. Pelo menos tinha Bodhi e Buttercup para me darem apoio.

— Mas, por favor, saiba que eu e Buttercup estaremos aqui se precisar de nós. Não vamos embora sem você, prometo.

Olhei para ele com os olhos quase saltando das órbitas e a voz denunciando a total extensão de minha histeria.

— Você espera que eu entre *sozinha*? — Sacudi a cabeça, sem conseguir acreditar na rapidez com que as coisas haviam evoluído de ruim a muito, muito pior. — Achei que, como meu guia, fosse seu trabalho, para não dizer seu dever, me *guiar*. E Buttercup? Está mesmo me dizendo que não posso levar meu próprio cão para me proteger?

Eu me virei, correndo os olhos pelo restaurante até parar em meu doce labrador amarelo, abaixado sob uma mesa mastigando um sapato dourado de salto alto que uma mulher tinha tirado do pé. Lembrei que, historicamente falando, ele nunca provara ser um apoio tão bom. Quando a pressão era grande, Buttercup parecia mais um gato assustado que um cão de guarda ameaçador. Mas, de qualquer forma, era amoroso e leal (bem, na maior parte do tempo), e certamente seria melhor ir com ele que sozinha.

Bodhi me olhou. Sua voz estava cheia de compaixão quando disse:

— Sinto muito, Riley, mas o Conselho deixou bem claro que a missão era *sua*. Só sua. Eles me pediram para ficar de fora, apenas supervisionar e deixá-la trabalhar por conta própria. Mas tentaremos jogar uma corda salva-vidas caso você precise. Ou devo dizer *salva-almas*? Pensei em deixá-la levar Buttercup, pelo menos como companhia, mas acontece que milhares de animais selvagens morreram naquela arena, e alguns deles ainda podem estar lá na forma de fantasmas. Ser perseguido por um leão ou por um urso poderia deixar seu cão muito assustado, já que ele não entende muito bem que está morto.

A claridade diminuía e eu estreitei os olhos, observando o espaço comprido e retangular cheio de fileiras de estruturas a céu aberto, estreitas e desgastadas, bem abaixo de nós — outra ruína ancestral. Pelo que vira, Roma tinha muitas delas.

— Logo vai ficar escuro — disse Bodhi, pressionando-me gentilmente com seu tom de voz. — Quanto antes você começar, melhor. E talvez queira começar por aqui. — Ele apontou a ruína

para a qual eu estava olhando. — É um antigo *ludus*, o Ludus Magnus, conhecido como uma das maiores e mais importantes escolas de gladiadores da história de Roma. Poderia ser um bom ponto de partida para você se orientar, ter uma noção do lugar... você sabe... antes de ir para a arena.

A arena.

Engoli em seco, fiz um sinal positivo com a cabeça e tentei não pensar em meus colegas Apanhadores de Almas que nunca conseguiram voltar. Bem, se o Conselho acha que eu dou conta, quem sabe? Talvez eu consiga. Talvez eles saibam de algo que eu não sei.

Afastei a franja do rosto, dei uma última olhada em meu cão, que ainda roía aquele sapato, e saí da sacada. Esperava mais do que tudo que o Conselho estivesse certo, que eu fosse realmente capaz de fazer mais do que imaginava.

Mas já apostava no contrário enquanto seguia descendo.



A primeira coisa que notei quando aterrissei no *ludus* foi o barulho. Era alto. Alto a ponto de perturbar e enlouquecer. Tão alto que não fui capaz de determinar a que mundo pertencia — ao físico, ao sobrenatural ou a ambos.

A segunda coisa que notei foi o cheiro. Só porque eu estava morta — só porque eu não respirava mais —, não significava que não podia sentir cheiros. E aquele odor em particular, bem, era terrível, insuportável, repugnante e fétido no pior dos sentidos. Como se todos os piores cheiros do universo tivessem sido misturados e borrifados exatamente onde eu estava.

Comecei a andar, esperando encontrar um lugar silencioso, desesperada para respirar algo um pouco mais agradável. Meus sapatos deslizavam alternadamente na lama e eu ia escorregando por trechos de grama ainda úmida devido à chuva da manhã, enquanto tentava ter uma visão melhor das mesmas ruínas desmoronadas que havia enxergado de alto. Mas tudo o que conseguia ver eram terra encharcada, paredes em ruínas e... bem... basicamente só isso. Não havia pessoas, fantasmas, animais selvagens — nem vivos nem mortos — nem nenhum motivo para aquele cheiro tão horrível.

Olhei para trás, na direção de Bodhi e Buttercup, já esperando encontrá-los a uma mesa, desfrutando sua elegante refeição de cinco pratos, totalmente alheios a mim, e fiquei aliviada ao encontrar Bodhi ainda se equilibrando na grade, bem onde estava quando o deixei. Ele sorria, acenava, me encorajava a continuar, e enviou uma mensagem telepática que rapidamente me alcançou. *Não se preocupe. O som reconfortante de sua voz serpenteou lá dentro de mim. Você consegue. Pergunte a si mesma: qual a única coisa que a maioria dos fantasmas tem em comum?*

Parei, enganchei os polegares no passador do meus jeans e refleti profundamente. Soltei um sorriso ao responder: *uma péssima noção de moda?* Lembrei-me de algumas combinações extremamente horrorosas que alguns fantasmas escolhem usar, embora sejam perfeitamente capazes de materializar praticamente qualquer coisa.

Bodhi riu. Eu já esperava que risse. Isso quebrou a tensão e me ajudou a relaxar. *Bem, sim, tem isso*, ele respondeu. *Mas o que essa horrível noção de moda prova?*

Levei menos de um segundo para entender, e, para o azar de Bodhi, minha resposta deve ter soado como um grito em sua cabeça: *Prova que estão presos! Prova que estão presos à época em que morreram e se recusam a seguir em frente!*

Exatamente, ele confirmou, acrescentando um 😊 — um emoticon telepático que me fez sorrir também. *Eles estão presos, e Theocoles não é diferente. Ele não vivencia o ludus do mesmo jeito que você. Até agora, você só deu uma olhada na superfície. Para ver o que ele vê, precisará ir mais fundo. Precisar ver o lugar como era. Mas receio que minha orientação termine por aqui. Não tenho permissão para lhe dizer como fazer isso.*

Franzi a testa, imaginando se fora o Conselho que o proibira de me ajudar ou se ele tirara isso da própria cabeça. Bodhi nunca foi muito de entregar os truques do ofício de Apanhador de Almas, nem quaisquer outras dicas úteis, ou conselhos que possam realmente

me ajudar com o trabalho. Tudo o que aprendi até agora foi sozinha, do jeito mais difícil — por tentativa e erro, colocando a mão na massa. Embora ele ainda não tivesse me dito nada que eu já não soubesse, talvez seja essa a função de um bom guia — reforçar o conhecimento que já foi adquirido.

Fiquei paralisada, chocada pelas palavras que repassava na cabeça.

Eu me referi a Bodhi como um *bom* guia.

Praticamente desde o momento em que o conheci, vinha pedindo que ele fosse substituído. Aparentemente, tudo o que fazíamos era brigar, bater boca, discutir — e só concordávamos em trabalhar juntos quando estávamos profundamente afundados em problemas e totalmente sem opções.

Por isso não compreendi muito bem minha repentina mudança de opinião. De onde havia tirado isso? Em que momento parei de vê-lo como meu inimigo número um?

Então eu me lembrei. Eu me lembrei do dia em que o vi com sua nova namorada — Jasmine. De como me senti estranha ao ver Bodhi lendo poesia para ela, parando por um instante para materializar uma flor — um jasmim para Jasmine — que ele colocou gentilmente em suas tranças.

Sacudi a cabeça para me livrar do pensamento. Eu precisava lidar com um fantasma gladiador grande e malvado, e perder tempo pensando em meu relacionamento em constante evolução com Bodhi não mudaria nada daquilo. Então voltei minha atenção ao *ludus*, sabendo que precisava encontrar um modo de vê-lo do mesmo jeito que Theocoles via se houvesse alguma probabilidade de encontrá-lo. O problema é que eu não fazia nem ideia de como essas velhas paredes demolidas haviam sido um dia. Eu morri bem antes de estudar o Império Romano nas aulas de história.

Continuei caminhando, tentando ver aquilo do modo como foi um dia. Materializando um teto, substituindo a camada de mato por um chão seco, de terra — mas, infelizmente, isso era o máximo que eu

podia fazer. Bem... desculpe dizer, mas eu morri no século XXI — uma criança do novo milênio, membro registrado da Geração Shopping Center. Recriar uma antiga história de gladiadores estava um pouco distante de minhas possibilidades.

Cerrei os dentes, afastei a franja despenteada do rosto e jurei que tentaria novamente. Notei uma pequena pilha de rochas que brilhavam como ossos sob a luz da lua, e me curvei para examiná-las. Passando os dedos sobre as profundas fendas e rachaduras, fechei os olhos e pensei: *O que estou deixando passar? Por favor, mostre-me, mostre-me tudo o que há para ver!* E quando abri os olhos e olhei à minha volta, não pude deixar de arfar de surpresa.

O universo havia realizado o meu desejo.

Mas, em vez de estar cara a cara com Theocoles, eu me vi cercada por centenas de fantasmas de gladiadores raivosos e coléricos.



Agachei-me na terra, protegendo-me com os braços enquanto abaixava a cabeça até os joelhos, tentando parecer menor, chamar menos atenção, fazendo o possível para evitar a agressividade dos fantasmas raivosos. Eles acertavam o ar com os punhos, gritavam e rugiam uma longa lista de ameaças para algum inimigo invisível — pronunciando as palavras em uma língua que, assim como eles, havia morrido há séculos, embora a mensagem estivesse clara. Todos eles estavam tão consumidos por lembranças que ficavam cegos a todo o resto.

Vi uma abertura na multidão e me levantei, mas logo fui derrubada novamente por um fantasma enorme, parrudo e monstruoso que passou voando por mim. Ele nem se preocupou em parar ou ir mais devagar quando seu ombro acertou em cheio meu queixo.

— Ei, preste atenção! — gritei, revirando os olhos e sacudindo a cabeça enquanto lutava para me levantar novamente. — Bem, eu sei que você é um zilhão de vezes maior do que eu, mas precisa mesmo ser tão *grosseiro*?

Fiz cara feia, coloquei as mãos na cintura e olhei para as costas dele. Gostaria que ele se virasse e pedisse as devidas desculpas,

mas apenas continuou andando, tão alheio à minha presença quanto ao barulho retumbante a seu redor. O ruído não era apenas alto e desagradável, mas também, pelo menos no início, impossível de decifrar. Mas não demorou muito até que eu conseguisse separá-lo em partes mais distintas. Reconheci instantaneamente aquilo como o som da fome, da dor e de uma raiva incontável — em outras palavras, o som da escravidão. Eu já ouvira aquilo antes.

Era contínuo. Incessante. O único alívio vinha em um breve rompante de risos que terminava com a mesma rapidez que começava. Mas eu não conseguia imaginar o que suscitaria tantos risos naquela espécie de prisão subterrânea terrível.

Limpei a terra dos jeans e saí andando. Tendo visto o suficiente do *ludus* para saber que não gostaria de ficar ali mais tempo do que o necessário, estava mais determinada do que nunca a focar nos esforços para encontrar Theocoles e, assim, fazer com que ele cruzasse a ponte e eu pudesse dar o fora.

Porém, encontrar o gladiador campeão não foi tão fácil quanto eu pensava, principalmente por não ter uma descrição muito clara para seguir. O que o pequeno Bodhi dissera — *grande, forte, robusto, assustador, intenso* — não passava de uma sequência genérica de palavras que podiam ser aplicadas facilmente a qualquer um dos fantasmas que assombravam o local.

À primeira vista, todos pareciam iguais. Um monte de homens extremamente musculosos, asquerosos, sujos e de cabelos ensebados que já haviam sido retalhados e costurados tantas vezes que tinham a pele parecida com uma bolsa de couro barato. Eles tinham mãos grandes e fortes, brutais — capazes de matar apenas com um movimento leve do pulso.

Era como um desfile interminável de guerreiros, um lutador destemido após o outro. E justamente quando eu começava a distingui-los como indivíduos, um se virava, eu logo me distraía, e todos se misturavam novamente.

Acho que estava tão focada em encontrar Theocoles que nunca me ocorreu que haveria tantas outras almas perdidas vagando pelo *ludus* também. Embora eu devesse saber, já que a maioria dos lugares antigos que sediavam atos horrendos de violência e repressão eram conhecidos por serem assombrados por espíritos coléricos que exigiam justiça antes de seguir em frente.

Esgueirei-me pelo lugar. A princípio, eu me mantive próxima das paredes, fazendo o possível para passar despercebida, ficar fora do caminho, garantindo a mim mesma que, se eu simplesmente ficasse longe das cotoveladas e dos punhos, tudo ficaria bem. Segui pelo corredor e enfiei a cabeça em uma série de cômodos pequenos e estreitos que imaginei serem os quartos dos gladiadores. Mas, diferentemente de meu próprio quarto recém-redecorado lá em Aqui & Agora, que tinha todo o conforto e todas as conveniências da modernidade com que eu poderia sonhar (literalmente, já que eu mesma materializei todas as coisas) —, esses eram praticamente o oposto. Quase a definição de *lúgubre*. Tinham chão de terra, rígidos estrados de madeira usados como camas, junto às paredes e, bem, não muito mais do que isso. Não foi surpresa ver que todos os quartos estavam vazios.

Com os fantasmas, é assim — eles não dormem de verdade, e quase sempre se recusam a descansar. Estão muito ocupados revivendo o passado para conseguir tempo para qualquer tipo de atividade de lazer como essa, e esses fantasmas não são diferentes. Vagando pelos corredores, gritando e berrando — parecia que, quanto mais eu olhava, mais os números aumentavam, fazendo-me cogitar se algum dia eu encontraria Theocoles em meio a essa multidão inquieta.

Eu sabia que precisava começar por algum lugar, então comecei a puxar túnicas e cutucar cotovelos, sempre fazendo exatamente a mesma pergunta: *Você sabe onde eu posso encontrar Theocoles, conhecido como Pilar da Destruição?*

E sempre recebia exatamente a mesma resposta: um olhar vazio, o que apenas confirmava o que eu já sabia — eu era praticamente invisível do ponto de vista deles.

Percorri uma série de corredores, e quando comecei a me arrastar por um deles, fiquei paralisada. Perdi o fôlego de medo quando me vi na porta de um cômodo tão pavoroso que tive de colocar a mão sobre a boca para não gritar.

Espiei no escuro, movendo os olhos das paredes ásperas e manchadas de sangue para o amontoado de gladiadores gravemente feridos que estavam sobre tábuas velhas e rachadas. Corpos se debatendo presos por grossas correntes de ferro que pendiam de seus tornozelos e pulsos — gemendo, lamentando-se e uivando de dor —, um coro de agonia tão terrível que eu não pude evitar: comecei a tremer de medo.

Era uma câmara de tortura — uma casa dos horrores ancestral, disso eu tinha certeza. Mas não demorou muito para meus olhos se adaptarem e eu conseguir ver que havia entendido tudo errado — não era nada daquilo.

Era um hospital, uma enfermaria, um antigo sanatório conduzido por um homem pequeno e moreno que imaginei ser o médico, ou curandeiro, ou qualquer que fosse o nome usado naquela época. Foi impossível não contrair todos os músculos enquanto o observava tratar dos ferimentos dos gladiadores com uma gama estranha de pomadas, unguentos e outros preparados grotescos que cheiravam ainda pior do que o pus que escorria dos homens.

Ainda assim, mesmo fazendo o melhor para curá-los, de meu ponto de vista continuava parecendo uma cena retirada de um filme de terror — uma cena da qual eu estava desesperada para fugir. Escapuli o mais rápido que pude e corri pelas escadas, pulando dois degraus por vez, forçando minhas pernas além de todos os limites razoáveis, desejando que houvesse um meio de apagar as imagens chocantes que ardiam em minha mente.

Cheguei finalmente ao patamar e parei perto de uma resistente coluna de pedra, de frente para um cômodo aberto, às sombras, que, a julgar pelo número de gladiadores sentados em longos bancos de madeira, curvados sobre tigelas também de madeira, sorvendo vorazmente algum tipo de mingau horrível, cinza e empelotado, imaginei ser o refeitório. E, embora, diferentemente do hospital, não houvesse sangue, o lugar ainda era bem horripilante a seu próprio modo, fazendo-me pensar mais uma vez na lógica de alguns fantasmas. Eu não chegava nem perto de entender por que alguém escolheria, voluntariamente, ficar em um lugar tão abominável.

Observando a arena de treino, a apenas alguns metros de distância, segui na direção dela. Com a mão na testa, protegendo-me da onda repentina de calor e claridade, dei uma boa olhada nos arredores e percebi que, assim como nos alojamentos, no hospital e no refeitório, ali também estava cheio de fantasmas.

Suas longas espadas de madeira para treino cortavam o ar, enquanto os escudos de madeira golpeavam e acertavam um oponente diante deles. Meus olhos moviam-se de um lado para o outro energicamente, à procura de Theocoles, imaginando que, se ele pudesse ser encontrado em algum lugar no *ludus*, seria ali. Como campeão invicto, isso parecia fazer sentido.

O problema é que eu era tão ignorante a respeito de como tudo aquilo funcionava que era impossível dizer quem era o melhor entre eles — quem era bom o bastante para ser um campeão digno do título Pilar da Destruição — se todos pareciam tão determinados, tão destemidos, tão ávidos para destruir qualquer oponente sem sorte que aparecesse em seu caminho. Todos compartilhavam essa mesma vontade implacável de matar, retalhar e destruir — que ardia como chamas em seus olhos.

Eu estava prestes a desistir, prestes a seguir para o Coliseu e tentar minha sorte lá, quando vi algo tão inesperado que me obriguei

a piscar várias vezes para ter certeza de que não era algum tipo de miragem — ter certeza de que não se tratava de um sonho.

Era uma menina.

Uma linda menina de cabelos escuros parada em uma sacada que dava para a arena.

A única menina naquele lugar, além de mim.

Mas, diferentemente de mim, ela estava vestida de um modo mais apropriado para a época. Enquanto eu usava jeans, uma camiseta (superfofa) e minhas sapatilhas preferidas, ela usava um lindo vestido de seda drapeado e esvoaçante que se arrastava pelo chão.

Eu a analisei com cuidado, observando a pele macia e bronzeada, os cabelos longos, escuros e brilhantes — os fios da frente estavam presos no alto da cabeça por um prendedor reluzente e cravejado de joias, enquanto o resto caía pelos ombros e ia até a cintura em uma profusão de ondas.

Passando a mão na frente do sofisticado vestido vermelho, ela prestava muita atenção nos gladiadores abaixo. Os dedos longos e finos tocavam a faixa dourada e bordada em sua cintura. Ela era tão elegante, tão bela, tão graciosa e refinada que eu não conseguia imaginar o que poderia estar fazendo em um lugar triste e imundo como aquele.

Pelo menos foi o que pensei até olhar com um pouco mais de atenção e notar que ela estava concentrada em um gladiador específico. A intensidade de seu olhar me dizia que ele era alguém especial, não só para ela, mas para a arena como um todo.

Segui o olhar castanho e cintilante e cheguei a um gladiador que se destacava dos demais. Era mais alto, mais forte, tinha movimentos ao mesmo tempo brutais e graciosos.

Ele era um lutador bárbaro. Não havia dúvida em minha mente. Mas, diferentemente dos outros, que rosnavam, socavam e chutavam levantando grandes nuvens de poeira, esse gladiador era singular.

Ele tinha o porte, a presença e a arrogância que só podiam pertencer a um campeão.

E eu soube naquele instante que acabara de encontrar Theocolos.



Embora já tenha ouvido mais de uma vez que tenho a delicadeza e a *finesse* de um touro em uma loja de porcelanas, no que dizia respeito a Theocoles eu estava determinada a estar uma abordagem totalmente diferente.

O que significa que não o abordei de modo nenhum.

Em vez disso, fui falar com a garota que o estava observando.

Ou, pelo menos, tentei. Mas a verdade é que não cheguei muito longe. Assim que me viu sorrindo e acenando do lugar onde eu estava, ela desapareceu. Simplesmente *puf*, e ela não estava mais lá. Mas não antes de eu notar o olhar de puro susto em seu rosto.

Diferentemente dos outros, ela havia me visto. E naquele momento, sem ter muito para onde ir, considerei isso um progresso. Um começo.

Abri caminho entre os gladiadores, abaixando e desviando de suas espadas cortantes, e parei ao lado daquele que a garota observava, perguntando-me por que não o veria antes.

Daquele ângulo, ele era ainda mais alto do que eu pensara. Chegava a ser uns trinta centímetros mais alto do que os outros, o que provavelmente explicava por que não era tão corpulento. Mas isso não significa que não fosse forte, porque era, sim. A

circunferência de apenas um dos bíceps parecia maior do que a das minhas duas pernas juntas. E embora sua pele tivesse uma boa quantidade de cicatrizes de batalha, não era nada excessivo. Pelo menos se comparado ao que eu vira em seus companheiros lutadores.

Ele largou a espada no chão e passou a mão na fronte, limpando a densa camada de suor que fazia sua testa brilhar, enquanto afastava o emaranhado de longos cachos escuros que caíam em seus olhos. Revelou um rosto que, tirando o nariz, que certamente já havia sido quebrado uma ou duas vezes, era escuro e suave, e surpreendentemente perfeito para alguém em sua linha de trabalho. Foi impossível não pensar que, em outra época e lugar — uma época e lugar mais modernos —, ele poderia ser destaque em capas de revista e telas de cinema. Mas, na Roma antiga, sua forma devia-se exclusivamente aos atos pavorosos que cometia com sua espada.

Sentindo que tinha apenas alguns segundos até que ele voltasse ao treinamento, estava prestes a falar quando ele se virou para mim com olhos da cor de topázios muito brilhantes, fazendo com que o discurso que eu havia preparado se transformasse em uma confusão nervosa e constrangedora que saiu mais ou menos como:

— Hum, oi. Desculpe incomodar. — Eu acenei, em uma tentativa inútil de parecer amigável. — Mas por acaso você seria Theocolos... hum, você sabe... aquele que chamam de Pilar da Destruição?

Ele resmungou, limpou a garganta e teve a audácia de cuspir um monte de catarro bem na minha direção.

Um monte de catarro que foi parar exatamente no lugar onde eu estava segundos antes de respirar fundo e sair do caminho.

Olhei com cara feia para ele e para a poça de *meleca*.

— Como *ousa*? — gritei, sacudindo a cabeça, e senti as bochechas ficarem vermelhas. — Estou falando sério! Mesmo sabendo que você é de outra época, de uma época bem mais *bárbara* da história, mesmo sabendo que, por causa disso, não

estamos sintonizados no que diz respeito a boas maneiras, você ainda assim não pode me dizer que realmente não percebe como isso foi grosseiro!

Ele se inclinou na direção do chão, pegou um monte de terra e esfregou na palma das mãos antes de recuperar a espada e esfregar também seu cabo. Ele estava agindo como se não me visse, como se não tivesse me insultado da pior das maneiras.

Estava prestes a dizer poucas e boas quando uma voz suave surgiu atrás de mim.

— Receio que ele não possa escutar você.

Eu me virei e encontrei a menina da sacada.

— E nem ver você. Então, por favor, não se ofenda. — Ela alternou o olhar entre mim e o gladiador. — Theocoles vê apenas aquilo que escolhe ver. Eu e você somos invisíveis para ele.

Franzi a testa. Fiz cara feia. Olhei primeiro na direção dele, depois dela.

— Pelo que estou notando, ninguém pode me ver, só você. O que está havendo? — perguntei.

Cruzei os braços diante do peito e a olhei de cima a baixo, incapaz de deixar de notar como a proximidade só parecia aumentar nossas diferenças. Embora eu tentasse não me sentir pequena, insignificante e completamente diminuída por sua presença, não adiantou.

Ela era alta, eu era nanica.

Ela era bonita, eu tinha que me conformar em ser simpática.

Ela era curvilínea e feminina, eu era magricela, esquelética e o mais miúda possível.

Mesmo que suas roupas fossem completamente ultrapassadas, não havia como negar que aquele vestido vermelho deslumbrante a favorecia.

Não havia como dizer o contrário — ela conseguia me ofuscar total e completamente, de todas as maneiras concebíveis. Era como

se ela fosse uma estrela brilhante e reluzente, enquanto eu era um planeta tão pequeno e insignificante que nem tinha nome.

Meus pensamentos foram interrompidos pela cadência de sua voz.

— Infelizmente, aqueles que você vê aqui são tão escravos na vida após a morte quanto eram na vida física. — Ela fez uma pausa, franzindo a boca perfeita e rosada. — Eles se recusam a desistir e seguir em frente.

Ergui uma sobrancelha em resposta, não é como se ela tivesse acabado de revelar algo novo. Era a mesma coisa de sempre — definitivamente, um cenário com o qual eu já estava acostumada até demais. Todos os fantasmas que eu encontrara até então haviam sido escravizados por sua vida e não estavam dispostos a abandonar o passado — e, acredite, todos alegavam ter uma lista bem longa de razões que os levaram a ficar. Nada muito diferente de mim quando assombrava o plano terreno.

— E você? — perguntei, recusando-me a liberá-la tão facilmente. — Por que ainda está aqui? Por que não seguiu em frente? — Fiz uma pausa e esperei por sua resposta. Mas em vez de responder ela mordeu o lábio e desviou o olhar. — Bem, presumo que saiba sobre a ponte que leva ao outro lado, *não sabe*? — Inclinei a cabeça, o que fez com que meus cabelos caíssem nos olhos. Mas quanto mais eu esperava que ela falasse, mais silêncio recebia. — Bem, não que *eu* vá levar você, nem nada disso. Não é da minha conta. Estou curiosa. Só isso.

Tirei a franja do rosto e lancei um olhar ansioso ao meu redor. O Conselho era informado de tudo o que acontecia, deixando-me na esperança de que pelo menos tivessem entendido que eu finalmente aprendera minha lição. Que eu não tinha mais interesse em inventar minhas próprias tarefas, muito menos apanhar almas que não estavam designadas a mim. Theocoles é minha única e *exclusiva* preocupação, o único que eu levaria para o outro lado naquela visita a Roma. Ainda assim, achei que não havia mal em

pelo menos *mentonar* a ponte. Só para o caso de ela ainda não saber sobre ela... ou algo do tipo.

Ela se virou, apertando os olhos escuros enquanto me olhava atentamente. Com a mão nos cabelos, enrolou um cacho bem na ponta do dedo.

— Estou surpresa por terem enviado você. — Ela continuou a me analisar. — Você parece bem mais nova do que todos os Apanhadores de Almas anteriores. *Muito* mais nova, para falar a verdade.

Se ela estava tentando me insultar, bem, não funcionou. Apenas dei de ombros e ignorei, ou pelo menos foi a impressão que me esforcei para passar.

— O último que mandaram era muito mais velho. Muito maior também, por sinal... Misturou-se rapidamente com os outros. Talvez até bem *demais*, pensando melhor. Visto que ele nunca encontrou a saída... — Seus lábios se curvaram enquanto ela apontava com a cabeça para uma multidão de gladiadores que resmungavam e se empurravam. Suas ondas de cachos escuros balançavam sobre os ombros enquanto ela acrescentava: — Ele ainda está aqui. Em algum lugar. De vez em quando dou de cara com ele. Ou devo dizer com *eles*? Não se engane, ele não foi o único que perdeu o rumo...

A menina estava fazendo de tudo para me intimidar, e eu precisava que ela soubesse de uma vez que, embora pudesse parecer jovem, mirrada e completamente incapaz de lidar com qualquer fantasma, principalmente com o fantasma de um gladiador, por qualquer razão inconcebível, o Conselho julgou por bem me enviar. O que significa claramente que, apesar das aparências, eu tinha muita habilidade para Apanhar Almas agindo em meu favor.

— Eu sei sobre os outros — avisei, cruzando os braços.

— Sabe? — Ela me examinou, pronunciando as palavras com tanta suavidade que eu mal pude ouvi-las. Sua voz ganhou altura quando ela continuou. — Bem, nesse caso, direi apenas que você é

a primeira menina que eles mandam para estas bandas. O que é algo que acho muito interessante. Você não acha?

Olhei para ela, torci a boca, agindo como se achasse aquilo apenas ligeiramente interessante — no máximo.

Vi suas bochechas se alargarem e florescerem em um sorriso repentino.

— Mas quem sabe? É tão estranho que pode realmente funcionar! — Seu rosto parecia radiante, luminoso, mas durou pouco, pois a ilusão rapidamente se dissipou quando ela acrescentou: — Embora seja um pouco duvidoso, com certeza.

Eu já havia escutado o suficiente. Quero dizer... não havia viajado tanto para ganhar sua aprovação. Minha confiança já estava abalada o suficiente, e a última coisa que precisava era de uma princesa cintilante usando um vestido vermelho metido a besta para pulverizar o pouco que restava.

Sacudi a cabeça, apertei os olhos, e estava prestes a soltar um clichê batido como: *É, bem, não julgue um livro pela capa!*

Ou: *Os melhores perfumes vêm nos menores frascos!*

Ou: *Você ainda não viu nada — prepare-se para ficar impressionada!*

Mas antes que eu pudesse chegar lá, ela foi em minha direção. Percorrendo o pequeno espaço que havia entre nós, estendeu a mão e disse:

— De qualquer modo, só há um jeito de ter certeza.

Engoli um bocado de ar quente e cheio de poeira e a vi esperando, com a mão estendida. Eu já sabia que acabara de chegar à parte em que normalmente, para não dizer sempre, terminava mergulhando de cabeça em um monte de confusão.

Ainda assim, aquilo não me impediu de sorrir ao pegar na mão dela.

Bem, era exatamente como ela tinha dito, *só havia um jeito de ter certeza*, e eu precisava começar por algum lugar.



Embora eu não tivesse certeza absoluta do que esperava que acontecesse, eu esperava que *algo* acontecesse. No passado, esse tipo de contato “mão com mão” sempre me fez acabar presa em algum mundo superassustador do qual tive de lutar muito para conseguir sair. E foi por isso que fiquei muito surpresa em ver que ainda estávamos lá, ainda de mãos dadas, enquanto a menina sorria.

— Pode me chamar de Messalina — disse ela.

Confirmei com a cabeça, ainda me preparando para alguma coisa grande e dramática. Mas, quando não aconteceu nada, quando aquilo realmente não passou de nosso aperto de mão do dia a dia, eu a larguei.

— Meu nome é Riley. Riley Bloom. E, embora esteja sendo ótimo conversar com você, eu tenho um trabalho a fazer. Preciso muito encontrar um meio de chegar a Theocoles. Então, se tiver alguma dica útil, qualquer tipo de informação privilegiada, gostaria muito de ouvi-la. Mas se não tiver... — Dei de ombros, imaginando que não havia necessidade de medir palavras. — Bem, então provavelmente será melhor nos despedirmos, já que realmente preciso fazer algum progresso.

Eu havia acabado de falar quando ela fez algo muito inesperado: em vez de ficar brava, irritada, ou completamente ofendida, ela riu.

Ficou bem ali na minha frente e riu com beleza e feminilidade, modos que eu nunca seria capaz de ter, não importa o quanto tentasse.

Quando eu ria, minhas bochechas ficavam muito afastadas, os olhos ficavam apertados e úmidos, o nariz ficava bem vermelho. E se fosse algo realmente engraçado, bem, eu acabava soltando um som horrível — cruzamento de ronco e buzina de carro —, que me fazia começar a rir novamente. Em resumo, não havia nada de bonito.

Mas quando Messalina ria, lembrava o som do vento soprando uma leve brisa de verão. Seus ombros se erguiam de um modo que fazia os longos e brilhantes cachos balançarem, enquanto suas bochechas coravam, lembrando botões de rosas, e os olhos brilhavam de alegria.

Era quase um exagero.

Quase o bastante para me fazer não gostar dela logo de cara.

Levando os dedos cobertos de joias à boca, ela finalmente se acalmou o suficiente para perguntar:

— Você *sempre* está com tanta pressa?

Parei para pensar por um instante.

— Sim. Quase sempre. — respondi, sem conseguir entender qual era a graça.

Mas quando os olhos dela cruzaram-se com os meus, aconteceu uma coisa muito estranha: toda a irritação que alguns minutos antes ameaçava me consumir simplesmente desapareceu. A sensação de seu olhar era reconfortante — como dormir em uma banheira quente e convidativa.

— Bem, é uma pena — lamentou ela. — Isso simplesmente não funciona por aqui. Nunca ouviu o ditado “Em Roma, faça como os romanos”?

Dei de ombros e olhei para o chão, sem querer demonstrar que não conhecia o ditado. Não queria parecer completamente idiota aos olhos dela.

— Não adianta se apressar, Riley. Se quer chegar a Theocoles, precisa primeiro *entender* Theocoles. Precisa se familiarizar com o mundo dele, a época em que viveu, os motivos que o levaram a permanecer do jeito que está. E, por acaso, eu posso ajudá-la com isso.

Ela estendeu a mão mais uma vez, com o olhar sereno e o sorriso amigável. Mas, diferente da última vez, eu não aceitei. Fiquei ali parada, olhando para o modo como sua mão pairava diante de mim, agindo como se ela tivesse todo o tempo do mundo para esperar que eu me decidisse.

Alternei o olhar entre ela e Theocoles, que estava levantando uma espessa nuvem de poeira ao iniciar uma série de saltos e chutes, logo seguidos por agachamentos e giros, depois retornando aos saltos e chutes. Totalmente alheio a ela, a mim, a tudo que havia à sua volta, sintonizado apenas com a visão que se passava em sua cabeça, tudo isso não deixava dúvidas de que me restavam poucas opções.

Eu estava em território estranho em vários sentidos. Então, que mal haveria em pegar mais uma vez na mão dela e aceitar sua oferta de ajuda? Eu não hesitei da primeira vez, então por que de repente havia ficado tão cheia de dúvidas?

Porque podia, sim, haver muito mal! O pensamento se alojou em minha cabeça. Você poderia ficar presa e nunca mais encontrar o caminho de volta — assim como todos os outros Apanhadores de Almas enviados antes!

Ainda assim, embora soubesse que era verdade, não era o bastante para evitar que eu apertasse os lábios, olhasse nos olhos dela, e dissesse:

— Com uma condição. Apenas com uma condição. — Eu sabia que era um pouco estranho eu estar dando o ultimato quando

dependia dela.

Ela concordou. Seu rosto era tão belo, tão gentil, confiável e aberto que quase me senti mal por continuar.

Mas só *quase*.

Limpei a garganta e mantive as mãos firmes ao lado do corpo.

— A condição é você não me prender, não me aterrorizar, não me provocar, nem... fazer nada remotamente parecido com isso. Você me ajudará a entender Theocoles, seu mundo, suas motivações, e o que mais eu precise saber para poder me aproximar dele e convencê-lo de que é hora de seguir em frente. E, quando chegar o momento de ir embora, eu vou. Não sou como os outros Apanhadores de Almas que você conheceu. Não quero ofender, longe disso, mas não sou muito fã deste lugar. Ainda não encontrei nenhum bom motivo para ficar. O que significa que eu *encontrarei* o caminho de volta. Você não tem como me manter aqui por mais tempo do que eu desejar. Mesmo com muito esforço.

Ela fez uma pausa. O lábio inferior formava um beicinho ridiculamente bonito, sua expressão mudava para outra de profunda contemplação enquanto seus olhos castanhos olhavam nos meus.

— E o que leva você a achar que *eu* sou responsável pelo destino daqueles outros Apanhadores de Almas? — indagou.

Apertei os olhos e não perdi o embalo ao responder:

— Minha intuição. — Mantive um tom de voz severo, direto, pois queria que ela soubesse que eu estava falando sério. — Minha intuição me diz que você não é o que parece. E, para sua informação, minha intuição raramente falha a respeito dessas coisas, se é que algum dia já falhou.

Ela abaixou a cabeça, permitindo uma visão panorâmica do belo rubi preso em seus cabelos. Depois, ergueu-a novamente e sorriu como se falasse sério.

— Temos um acordo, Srta. Riley Bloom. — Seus olhos brilhavam de empolgação. — Então, o que me diz? Está pronta para viajar ainda mais profundamente no mundo de Theocoles?

Ela esticou o braço diante de mim, com a mão aberta, chamando com os dedos. E, como da primeira vez, não hesitei. Apenas cerrei os dentes, fechei os olhos e, mais uma vez, peguei na mão dela.



Assim que abri os olhos, contraí todos os músculos. Meu maxilar travou, os ombros se encolheram, todo o meu ser ficou em alerta, preparando-me para a cena em que certamente me encontraria: eu, agachada no Coliseu, bem no meio de uma sangrenta e pavorosa luta até a morte — envolvendo forcados, espadas, bigas puxadas por cavalos e — que sorte a minha — um bando de leões ferozes e vorazes.

Imagine minha surpresa quando, em vez de me encontrar imersa em alguma cena horripilante de massacre, cercada por uma multidão eufórica e sedenta por sangue, eu me vi parada no quarto de vestir mais luxuoso que já havia visto.

— Uau! — exclamei, não querendo parecer excessivamente impressionada, mas sem conseguir evitar que a palavra escapasse. Eu nunca vira nada remotamente parecido com isso, exceto, talvez, em filmes ou na TV. Mas nunca na vida real e, certamente, nunca na vida após a morte. — Onde estamos? — Eu me virei para Messalina, imaginando por que ela me levara até ali, não que estivesse reclamando, mas ainda achava que não fazia sentido.

Messalina riu — aquele adorável assobio que ecoava nas paredes e nas sofisticadas colunas de mármore esculpido.

— Esta é minha casa — disse ela, claramente entretida com minha reação.

— Você *mora* aqui? — Meus olhos se arregalaram enquanto eu me esforçava para absorver tudo aquilo — a *chaise longue* cheia de véus de seda coloridos e montes de almofadas bordadas, a pilha de pentes e joias e óleos perfumados e cremes que se amontoavam em uma mesa próxima, montes de objetos brilhantes e cintilantes que só podiam ser descritos como “coisas de menina” que enfeitavam todas as superfícies disponíveis e saltavam de vários baús pintados com floreios.

— E isso é... isso é uma piscina *dentro de casa*? — Apontei para uma piscina rasa, com pastilhas de mosaico, em um cômodo separado. Espalhadas sobre a água, flutuavam lindas pétalas de rosa, enquanto tochas iluminavam o recinto, destacando-se contra as paredes de mármore branco.

Foi impossível não ficar boquiaberta. Não pude deixar de imaginar por que nunca havia pensado em materializar algo assim para mim, e prometi remediar a situação logo que voltasse para casa, em Aqui & Agora.

— Este é meu quarto, e aquela é minha banheira — Messalina deu um sorriso lento e cuidadoso. — Mas eu não diria exatamente que *moro* aqui. Este é o lugar onde fui criada, Riley. E também onde morri, há muitos, *muitos* anos.

Meu olhar ficou vagando entre ela e suas coisas. Havia tanto para ver que era difícil absorver tudo.

— Bem, acho que entendi por que você ficou. — Dei de ombros. — Diferente daqueles gladiadores nos alojamentos, você tem um lugar bem exuberante aqui.

— É bom e confortável, certamente. — Ela me lançou um olhar severo. — Mas não se engane, *não* foi por isso que fiquei. Não chega nem perto.

Eu me virei para ela. A inconfundível tensão em sua voz chamou minha atenção.

— Então por que ficou? — perguntei, sabendo que era hora de começar a agir.

Hora de ficar um pouco menos impressionada pelo luxo à minha volta e um pouco mais focada na razão pela qual peguei na mão dela e a segui até ali.

Mas Messalina tinha sua própria programação e, em vez de responder, lançou-me outro olhar severo.

— Ainda tentando ser apressada, não é? — Ela sacudiu a cabeça, levou a mão à têmpora e tentou domar um cacho renegado enfiando-o atrás da orelha. — Você saberá de tudo, Riley. Tudo a seu tempo, eu dou a minha palavra.

— O que isso quer dizer? — Minha voz ficou aguda, desconfiada, observando-a pressionar o dedo longo e delicado na ponta do queixo enquanto apertava os olhos e analisava, passando rapidamente os olhos por mim, de cima a baixo, de um lado para o outro, repetidas vezes, parando apenas quando chegou a algum tipo de conclusão.

— Bem, para começar, precisamos fazer algo a respeito de suas roupas. — Ela apontou o dedo para meus trajes como se os considerasse deprimentes e ofensivos. — Sinto dizer, mas essas vestes simplesmente não servem.

Fiquei indignada. Aturdida, sem fala. Sério, se ela achou meus trajes ofensivos, não foi nada comparado a como me senti ofendida com seu olhar de desprezo.

— Hum, para sua informação — disse eu, fazendo o possível para manter a voz estável e as emoções sob controle, apesar da irritação que estava sentindo. — *Isso...* — Apontei com o polegar para o centro do peito. — Isso por acaso é a última moda no plano terreno. Fique sabendo que Miley Cyrus usou essa mesma camiseta quando saiu para tomar um café e os *paparazzi* a seguiram com lentes gigantes para tirar uma foto realmente boa dela. E embora eu entenda que você esteja morta há uns zilhões de anos, e

provavelmente nem saiba quem é Miley Cyrus, deixe-me dizer, só para constar...

— Riley, por favor! — interrompeu ela, erguendo a mão com a palma entre nós. — Eu sei quem é Miley Cyrus. Consigo transitar facilmente entre a Roma antiga e a Roma moderna, sabe... Mas admito que escolhi passar a maior parte do meu tempo aqui. Sinto muito por tê-la ofendido, mas só quis dizer que suas roupas modernas não são adequadas a este mundo. Se quiser se misturar, terá que se vestir de acordo com o personagem. E depois terá que aprender a desempenhar o papel também.

— E então? — perguntei, não querendo ceder tão facilmente. Eu gostava de meu visual, minhas roupas eram novinhas, recém-materializadas, e para trocá-las eu precisaria de um argumento um pouco mais convincente do que ela havia usado até então. — Você vai me fazer usar uma dessas túnicas imundas de gladiador com a esperança de que eu encontre um meio de me misturar miraculosamente com todos esses matadores cruéis? Porque, desculpe dizer, mas eu duvido muito que funcione. Duvido muito que eu me encaixe.

Sacudi a cabeça, comecei a murmurar mais algumas palavras, mais para mim do que para ela, mas não fui muito longe e logo parei de falar ao ser surpreendida quando ela colocou as mãos na cintura e aproximou-se de mim.

— Para começar, nem *todos* são matadores cruéis. — Ela fez uma pausa, dando tempo suficiente para suas palavras assentarem e criarem raízes, e acrescentou com os olhos brilhando: — Entendo que, vendo de fora, você possa pensar isso, mas, se quiser concluir sua tarefa aqui, nunca deve agrupá-los de forma tão negligente. Nunca deve esquecer que há muito mais na história deles do que você testemunhou até agora. Cada um tem suas próprias razões para fazer o que faz. Acho que você ficará muito surpresa ao aprender o que eles são. Além disso, você tem muita dificuldade em confiar nas pessoas, não tem? — Ela me lançou um olhar

claramente entristecido pela ideia, embora eu tenha sido rápida em corrigi-la.

— Não, nas pessoas não. Só nos fantasmas — respondi de repente, imitando sua linguagem corporal e colocando minhas próprias mãos na cintura e me aproximando dela até quase tocarmos nariz com nariz. — E, acredite, tenho minhas razões. Já me dei mal mais de uma vez. E não pretendo deixar isso acontecer novamente.

Confirmei com a cabeça, deixando claro que ela não deveria mexer comigo, mas Messalina se virou, ocupando-se com um baú cheio de coisas belas, sedosas e brilhantes que começou a vasculhar.

— Está bem, então permita-me dizer que desejo sinceramente que você aprenda a relaxar e confie em mim. — Ela me lançou um sorriso por sobre o ombro. — Espero que possamos ser amigas. Faz muito tempo que não desfruto da companhia de uma menina da minha idade.

Enfiei as mãos no fundo dos bolsos da frente e lancei-lhe um olhar inquisidor. Fazia tempo que eu também não tinha uma amiga, e era algo de que eu começava a sentir falta, mas não era verdade que ela achava que tínhamos a mesma idade. Certamente notara que havia um punhado de aniversários entre nós.

— Mas até lá — continuou ela, ignorando meu olhar com um aceno —, o que acha de trocarmos seus jeans e a camiseta da Miley Cyrus por *isso*?

Desviei o olhar e observei, admirada, quando ela puxou um tecido azul, macio e sedoso do baú e o balançou segurando com a ponta dos dedos. A chama das tochas, juntamente com os suaves feixes de luz que entravam pelas janelas, banhavam-no com o brilho mais surpreendente e incandescente e o faziam cintilar diante de mim.

Era meu tom de azul preferido de todos os tempos — um azul-esverdeado profundo e vibrante. Uma cor que me remetia

imediatamente a imagens de dias preguiçosos boiando em um belo mar tropical. Não que eu já tenha passado um dia assim, mas foi exatamente nisso que pensei. E enquanto a observava andando em minha direção, com o tecido esvoaçante entre nós, soube que não poderia resistir, e não resistiria. Era algo muito tentador para ignorar.

Ela colocou o tecido na frente do meu corpo e, agitada, mediu meus ombros e cintura, apertando os lábios enquanto puxava e esticava e tentava ajustar ao meu tamanho.

— O que acha? — perguntou ela, enquanto eu olhava para mim mesma. — Você gostou? Acho que destaca o azul de seus olhos.

— É mesmo muito bonito — admiti. Embora também tivesse que admitir a mim mesma que ficaria muito menos bonito quando eu estivesse realmente vestida. Agora que ela segurava na minha frente, não havia como negar que simplesmente não daria certo.

Bem, não me entenda mal, eu gosto muito de roupas e coisas do tipo, e gosto de achar que tenho muito bom gosto apesar do que Messalina possa pensar. Mas o tipo de roupa que costumo usar normalmente é um pouco mais esportivo do que o vestido que ela estava me empurrando — um vestido longo, vaporoso, formal, que confere um visual meio importante.

O tipo de vestido que alguém usaria se fosse indicado a um Oscar, um Grammy ou algo assim. O tipo de vestido que exigia um corpo que pudesse realmente preencher o tecido — o tipo de corpo que há tempos me vinha sendo negado.

Sério, não era preciso mais do que um rápido olhar para saber que ambas estávamos seguindo rumo a uma grande decepção. Assim que eu vestisse aquilo, ele pararia de esvoaçar e fluir com tanta magia. Em vez disso, sucumbiria e penderia como macarrão cozido demais.

— Hum, você não tem outro modelo? — Afastei o vestido como se o achasse ofensivo. — Algo com um caimento um pouco melhor para... bem... uma pessoa como eu?

Messalina me olhou, cabeça inclinada e sobrancelhas unidas.

— *Este* tem um caimento ótimo para uma pessoa como você. Para uma pessoa *exatamente* como você, para dizer a verdade. Vamos, Riley, por que não experimenta? Acho que ficará bastante surpresa com o resultado.

Seus olhos eram persuasivos e a voz, insistente, mas por mais tentador que fosse confiar na palavra dela, eu já sabia o que aconteceria.

Eu simplesmente não estava preparada para esse tipo de humilhação.

Não estava preparada para confirmar o que já sabia.

Mas apesar do meu protesto, Messalina continuou insistindo — ela não cederia facilmente.

— Não se esqueça de que deixou seu mundo para trás. Está em meu mundo agora. Então, por favor, por que não tenta confiar em mim? Por que não arrisca, experimenta o vestido e vê com os próprios olhos?

Ao mesmo tempo que eu não entendia por que aquilo era tão importante para ela, sabia que não adiantava enfrentá-la. Pelo que podia ver, éramos iguais no departamento da teimosia, o que significava que quanto mais eu resistisse, mais tempo levaria para chegar ao ponto, terminar o trabalho e dar o fora — algo que desejava desesperadamente.

Soltei um suspiro alto — não deixando dúvidas do quanto estava relutante em cooperar — e me rendi ao vestido, deixando-a passar o tecido azul e transparente por minha cabeça.

Seus dedos eram habilidosos e rápidos enquanto ela enfiava, ajeitava, amarrava, apertava, puxava e sacudia — o tempo todo estalando levemente a língua repetidamente. E mesmo com muita vontade de espiar, ela dera ordens estritas para eu fechar os olhos ou ficar olhando para a frente. Eu não podia olhar para o resultado final até que ela permitisse.

Quando o vestido já estava no lugar, ela começou a mexer no resto de mim também. Torcendo e puxando meus cabelos,

prendendo-o com vários tipos de enfeites e joias que tirava da mesa ao seu lado. Então, depois de colocar brincos em minhas orelhas e um pesado colar em meu pescoço, ela me pediu para fechar os olhos — bem, na verdade pareceu mais uma ordem — e como eu já estava conformada com a ideia de obedecer a ela, foi o que fiz.

— E não abra — disse ela, assim que atendi a seu pedido. — Não vale espiar até eu mandar. Promete? — Suspirei em resposta, totalmente convencida de que ela estava tramando algo que resultaria em fracasso total para ambas as partes.

O som de seus passos contra o chão era suave enquanto arrastava algo de um canto. O retorno repentino foi anunciado pelo murmúrio de sua voz em meu ouvido.

— Agora quero que pense com afinco. Quero que se concentre *não* na imagem que está convencida de que vê, mas naquela que *deseja* ver.

— Está dizendo que é como... *materializar*? — Todo o meu ser caiu em frustração, certa de que nunca funcionaria.

Eu estava bem acostumada com materialização — bem acostumada a imaginar o que quisesse — como roupas, livros, iPods, móveis novos para o meu quarto — e ver tudo aparecer diante de mim como a mágica que realmente era, mas eu sabia que nunca funcionaria com minha própria pessoa. Bem, é claro que eu já havia pensado nisso, é claro que eu já havia tentado.

Mas, por algum motivo, Messalina estava convencida, e ainda mais determinada a me convencer também.

— Sim, exatamente como materializar — disse ela. — E para que funcione você precisa esvaziar a mente de qualquer dúvida. Lembre-se, Riley, você está em meu mundo agora.

Para ser sincera, eu me sentia um pouco boba ali parada com o corpo engolido por aquele vestido azul enorme, e os olhos apertados enquanto tentava visualizar uma versão de mim que nunca daria certo.

Ainda assim, parte de mim pensava: *dane-se!* Não tenho mesmo muito a perder. E Bodhi não me dissera que, se eu quisesse ser adolescente, teria que me enxergar como uma? Que eu teria que aprender a agir como se já fosse? Se funcionasse, bem, eu finalmente realizaria meu sonho — e só de pensar naquilo já sabia que valeria o risco de parecer ainda mais idiota do que já parecia.

Apertei ainda mais os olhos, tentada a mergulhar com tudo, fazer todo o possível e me imaginar como uma estrela de cinema, uma supermodelo, ou até mesmo uma mistura das duas. Mas antes que a imagem começasse a se formar, rapidamente apaguei-a da mente e comecei de novo, imaginando que seria muito mais interessante ver uma versão de mim que realmente correspondesse a meu total (e muito mais provável) potencial, em oposição a uma imagem que minha própria mãe não reconheceria.

— Consegue vê-la? — A voz de Messalina estava tomada pela empolgação. — Consegue ver a nova você brotar como uma flor em sua mente?

Ela esfregou um dedo frio em minha testa enquanto eu continuava a me concentrar o máximo possível, focando em uma versão de mim que não era muito diferente do que eu já era — apenas mais alta. Uma versão em que minhas bochechas redondas davam lugar a um belo par de maçãs do rosto que, de alguma forma, miraculosamente, faziam meu nariz semiachatado parecer... bem... menos achatado.

Ah, e é claro que me dei cabelos mais grossos, mais ondulados e muito mais brilhantes também — o tipo de cabelo que se vê em comerciais de xampu. E quando chegou a hora de imaginar a parte abaixo do pescoço, digamos apenas que rapidamente transformei minha figura reta em uma com a quantidade certa de curvas que preencheriam bem o vestido.

Com a imagem fixada com firmeza em minha mente, fiz um rápido gesto positivo para que Messalina soubesse que eu já havia terminado.

— Olhe! — disse ela, batendo palmas.

Eu olhei.

Ao me ver no espelho de corpo inteiro que ela havia colocado na minha frente, fiquei boquiaberta de alegria com aquela visão que se parecia muito com minha bela irmã mais velha Ever e ao mesmo tempo conseguia ser fiel a mim — embora fosse uma versão muito melhor, mais bonita e mais madura de mim.

Eu estava exatamente igual à imagem que havia formado em minha mente.

— Que tal? Gosta do que está vendo? Eu estava certa sobre o vestido, não estava? — A voz de Messalina soava tão ansiosa quanto a expressão em seu rosto.

Passei os dedos primeiro sobre o espelho e depois sobre mim, quase incapaz de absorver a enorme mudança que havia acabado de acontecer. Um sorriso surgiu em meu rosto e eu olhei na direção dela, radiante, rouca, mas ainda demonstrando na voz o tamanho de minha gratidão.

— Ah, sim, gosto muito. Eu pareço pelo menos... — Virei-me novamente para minha imagem, analisando-a de perto, começando a dizer: *pareço ter treze anos, a idade que sempre quis ter!* — mas logo me dando conta de que havia conseguido passar dos treze.

E talvez também dos catorze.

E possivelmente dos quinze.

— Quantos anos você tem? — perguntei, olhando novamente para Messalina, esperando medir meu progresso pelo dela, já que ainda parecia mais velha do que eu.

Mas Messalina apenas deu de ombros, levantando-os e abaixando-os daquele seu jeito gracioso e delicado.

— Não sei — respondeu ela. — Acho que ninguém nunca pensou em contar.

Meus olhos saltaram de um modo nada bonito, mas não pude evitar. Nunca ouvira nada parecido. Era tão chocante, tão impensável, que imediatamente suspeitei que estivesse mentindo.

— Meus pais morreram quando eu era bem jovem — continuou ela, com a voz firme, as palavras diretas, sem nenhum pinga da emoção que ela deve ter sentido naquela época distante. — Vivi com uma série de parentes relutantes até chegar aqui. O *ludus* pertencia ao meu tio, minha tia não conseguia conceber e estava tão desesperada por um filho que se conformou comigo. Passei muitos anos neste lugar, mas não sei dizer exatamente quantos. Só sei que era criança quando cheguei e que, quando morri, eu era assim. — Ela passou a mão pela lateral do corpo.

— Então você nunca teve uma festa de aniversário? — Tentei ao máximo conter minha surpresa, mas ainda assim aquilo era algo inconcebível, um choque. Eu não conseguia nem imaginar uma coisa como aquela. Aniversários sempre foram extremamente importantes para mim.

Ela estreitou os olhos e inclinou a cabeça, agindo como se minha reação fosse completamente exagerada, como se não conseguisse entender por que eu dava tanta importância para uma coisa facilmente esquecida, se não ignorada, por ela.

Sua reação me motivou a deixar aquilo de lado, parar bem ali. Éramos produtos de épocas diferentes, culturas diferentes, e não adiantava divagar por coisas que não podiam me ajudar com o trabalho que eu precisava fazer.

Voltando à minha própria e gloriosa transformação, a versão recém-crescida de mim, eu me aproximei do espelho, passei a mão sobre meus cachos brilhantes e macios que caíam até a cintura, observando o brilho verde-claro que havia ao meu redor — lembrando-me de como ele costumava ser um pouco mais escuro, um pouco mais profundo, até que as coisas não saíram muito bem na minha última e não designada empreitada como Apanhadora de Almas, e todo o meu progresso se dissipou. Praticamente o oposto do brilho de Bodhi, que continuou mais brilhante — o verde contornado de azul até se tornar um belo e vibrante azul-esverdeado, o mesmo tom do vestido que eu estava usando.

Meu guia me havia deixado comendo poeira. Sem esforço, havia completado quinze anos enquanto eu ficava presa nos doze. Ainda assim, se ele pudesse ver como progredi rapidamente, com certeza ficaria tão boquiaberto quanto eu. A única coisa que estragava a transformação era aquele meu brilho idiota, quase inexistente.

— Está tudo bem? — Messalina olhou para mim com o rosto coberto de preocupação. — Não está feliz com a nova versão de você?

Alternei o olhar entre nossos reflexos, incapaz de ver meu deplorável brilho verde diferente do que realmente era — um lembrete constante do que eu fizera de errado. Uma lembrança dolorosa do que havia aprendido. E ficar arrastando aquilo não me faria bem algum.

Messalina não brilhava. Nem nenhum dos outros fantasmas que vi pelo *ludus*. E, se o objetivo era encontrar um modo de eu me encaixar da melhor forma possível, bem, então estava claro que meu brilho precisava *desaparecer*.

Fechei as pálpebras e imaginei como eu ficaria sem aquele irritante brilho esverdeado, e quando abri os olhos novamente, ele havia sumido. Fácil, muito fácil — simples assim. Deixando-me com uma versão perfeita da Riley, recém-aprimorada e gloriosa.

Messalina ficou me encarando com os olhos brilhantes e ávidos, brincando com os anéis que usava nos dedos, ansiosa para que eu reagisse de algum modo, demonstrasse como me sentia em relação à minha transformação repentina, e eu lhe trouxe um alívio rápido.

— Isso é tudo com o que sonhei por muito tempo! — Passei as mãos sobre o vestido e um sorriso surgiu em meu rosto. — Eu me sinto como uma borboleta que acabou de sair do casulo. — Olhei nos olhos dela e pensei se havia algum modo de expressar toda a profundidade de minha gratidão. — Realmente não tenho ideia de como agradecer — disse eu, seriamente.

Messalina sorriu e estendeu o braço em minha direção. Pegando minha mão entre as suas, ela me levou para fora do quarto.

— Não precisa se preocupar com isso agora — aconselhou ela.
— Certamente teremos muito tempo para isso depois. Por enquanto, faltam apenas alguns toque finais. — Ela parou diante de uma bela bandeja onde pegou uma pilha de anéis reluzentes e dourados, observando com cuidado os presentes até selecionar dois e me entregar. — São réplicas exatas dos que eu estou usando. — Ela sorriu, erguendo a mão e balançando os dedos para que eu visse. — Espero que os considere um símbolo de nossa amizade. — Ela ficou olhando enquanto eu colocava os anéis nos dedos, sorrindo ainda mais quando completei a tarefa. — Na verdade, somos mais do que amigas agora, somos como irmãs, você não acha?

Franzi a testa, pronta para discordar. Sermos amigas era uma coisa, fingir sermos irmãs era outra completamente diferente. Eu já tinha uma irmã — uma irmã que eu amava, admirava e da qual sentia muita falta, uma irmã que nunca poderia ser substituída.

Estava prestes a dizer tudo isso a Messalina quando ela passou o dedo de leve em minha testa e eu fui tomada por uma sensação muito estranha. Uma onda de gentileza e aceitação que fez minha solidão desaparecer, até que não pude deixar de pensar: *Que se dane! Que mal faria fingir?*

E quando vi, estava rindo, pronta para segui-la para onde me levasse. De braço dado comigo, ela disse:

— E agora, irmã, devemos nos apressar. Temos que ir a uma festa muito glamorosa!



Sei que parece presunçoso. Sei que parece totalmente egocêntrico e mais do que antipático, mas não podia evitar — simplesmente não conseguia parar de olhar para mim mesma.

Qualquer superfície refletora pela qual passava era uma oportunidade para me observar admirada, ficar boquiaberta e maravilhada, e praticamente devorar com os olhos minha nova e deslumbrante *eu*.

Era uma transformação que deixava todas as outras no chinelo, e eu não me cansava de olhar.

— Você está muito bonita, posso garantir — sussurrou Messalina com a voz muito mais satisfeita do que irritada, pressionando as mãos com firmeza em minhas costas ao me guiar pela extensão de um cômodo bem grande. — Isso deve ser muito empolgante para você, não é?

Uma criada passava balançando uma longa bandeja de prata que meus olhos perseguiam com avidez. Dispensei a pilha de frutas que se espalhava no ato e fui diretamente para as bordas, com meu olhar atraído para onde minha imagem refletia, certamente distorcida, mas ainda muito mais prazerosa de se ver do que jamais foi.

— Onde estamos? — perguntei assim que a criada saiu. Era hora de esquecer de mim mesma e me concentrar na tarefa que tinha à mão. Mas com toda a agitação e esplendor à minha volta, estava ficando cada vez mais difícil.

Havia tanta ostentação, tanta opulência e riqueza, tanto brilho e glamour, que minha cabeça praticamente girava sobre o pescoço na tentativa de absorver tudo.

Todas as superfícies reluziam. Todas as mesas afundavam sob montanhas de doces e guloseimas e pilhas de iguarias que uma sucessão de criados repunha constantemente. A sala estava cheia de fontes com pétalas de rosas espalhadas, o piso era coberto por um mosaico intrincado, e ainda assim, apesar da linda decoração, foram os outros convidados da festa que realmente roubaram minha atenção.

As mulheres esbanjavam a mais fina gama de cetins e sedas, ostentando joias brilhantes do tamanho de pequenos punhos. E com os homens não era diferente, vestidos com túnicas sofisticadas de trançados cintilantes que envolviam as golas, enquanto grossas correntes de ouro pendiam do pescoço.

O tipo de vida com que era fácil de se acostumar e na qual era fácil se perder. Depois de pouco tempo ali, eu já conseguia entender por que alguns daqueles outros Apanhadores de Almas haviam optado por ficar. Era o oposto do mundo com que deparei primeiro, totalmente diferente do *ludus*.

— Os jogos começam amanhã. — O olhar de Messalina se movia em meio aos convidados até voltar para mim. — Embora os próprios jogos sejam considerados a melhor parte da celebração, pense nisso como um tipo de... festa de abertura. — Ela sorriu de um modo que não chegava aos olhos. — Uma festa para comemorar o início dos jogos.

Os jogos, certo. Gladiadores. Theocoles. O verdadeiro motivo para estar ali. Mantenha o foco, Riley — droga!

— Então a festa é para os jogos? — perguntei, sabendo que era redundante, mas determinada a voltar aos trilhos.

— Isso mesmo. — Ela confirmou com a cabeça. — Esses jogos são em homenagem à morte do imperador. São jogos fúnebres, como a maioria dos jogos. Têm a intenção de honrar homens poderosos depois de mortos e quanto mais duram os jogos, mais importante o homem, pelo menos é o que se pensa. E, acredite, esses jogos em particular pretendem ser o maior e mais chamativo espetáculo de todos. Despesas não foram poupadas, como logo você verá. — Ela voltou a olhar para a sala, como se procurasse alguém, e disse com o olhar distante: — Centenas de gladiadores devem competir, e milhares de feras selvagens foram trazidas até da África para participar.

Eu me esforcei para imaginar tal empenho, tendo que lembrar a mim mesma que eu estava em uma época muito anterior aos carros, aviões, bondes ou trens, e tudo isso fazia uma viagem como aquela parecer completamente incompreensível.

— Eles viajaram em uma série de barcos e balsas, depois foram colocados em carroças puxadas por cavalos simplesmente para terem uma morte espetacular diante de multidões sedentas por sangue, que não se contentariam com menos. — Ela suspirou e sacudiu a cabeça. Seus belos cachos balançavam para a frente e para trás. — O que não é muito diferente do modo como morrerão os gladiadores, alguns dos quais viajaram ao lado dos animais.

— Parece horrível — disse eu com a voz séria de repente, o humor ficando sóbrio, não mais embriagado por meu novo *eu*.

— Com certeza é. — Ela concordou com a cabeça. — Mas devo confessar que antes eu não era melhor do que todos os outros. — Ela apontou para a multidão resplandecente. — *Panem et circenses*. — Ela pronunciou as palavras facilmente, com uma bela cadência que eu nunca seria capaz de imitar. — A tradução é *pão e circo*. O pão é aquele que jogam à população durante os jogos para mantê-los alimentados durante um longo dia, e o circo são os próprios

jogos. “*Mantenha a plebe contente com pão e circo, e ela será sua*”, foi mais ou menos isso que disseram. Mas não se engane, as classes mais altas também ficavam fascinadas. Naquela época eu considerava os jogos, e todas aquelas mortes terríveis, a melhor forma de divertimento. Mas um dia uma daquelas mortes me tocou pessoalmente e daquele momento em diante, tudo mudou...

Fiquei em silêncio, apegando-me rapidamente a suas palavras, notando que ela acabara de revelar algo extremamente pessoal e imaginando se a insinuação fora intencional. Tudo nela parecia calculado — ela não dava ponto sem nó.

Estaria se referindo a Theocoles? Eu vira o modo como olhava para ele quando estava na sacada. Certamente ela o conhecia, mas como? Eles haviam sido próximos? A ideia me parecia impossível. Eles eram de dois mundos diferentes — dois mundos diferentes que às vezes se sobrepunham, mas mesmo assim.

— Os gladiadores não eram todos escravos? — perguntei, tentando manter o tom casual, imaginando que ela me interromperia assim que sentisse que eu estava bisbilhotando.

Ela tinha um plano — disso, eu tinha certeza — que controlava com a mesma firmeza que controlava o próprio mundo.

— Eram — respondeu ela. — Mas embora seja verdade que a maior parte deles eram escravos, não se engane — estavam entre os mais fortes, mais corajosos, mais brutais de todos. Meu tio tinha um bom olho para essas coisas. Os donos de outros *ludus* o observavam atentamente em mercados de escravos, fazendo de tudo para cobrir suas ofertas, mas raramente conseguiam. Meu tio tinha bolsos muito fundos, além de uma intuição — um dom para essas coisas — se é que se pode chamar aquilo de dom. — Ela fez um gesto de indiferença com a mão, com o brilhante anel em seu dedo refletindo a luz da tocha. — Mas nem todos começaram como escravos. Sei que pode parecer estranho para você, mas também existiam alguns voluntários, que assinavam um contrato com meu tio, trocando avidamente seu tempo e talento pela possibilidade de

vitórias e glória. Ser gladiador era carregar um tipo singular de honra, pois eles eram tanto respeitados quanto temidos. Deve entender, Riley, que o Coliseu facilmente abrigava até cinquenta mil pessoas, e quase sempre ficava lotado. Acho que é possível dizer que eles eram os astros da época, pois dominavam a arena como deuses. Garotos que tinham vida fácil e provinham da nobreza imitavam seus golpes, e inúmeras mulheres desmaiavam por eles, demonstrando sua afeição com pequenas espadas banhadas de sangue que usavam como enfeite de cabelo.

Ela olhou de lado e seu rosto foi tomado por uma expressão que eu não conseguia decifrar, e apesar de ter escutado tudo que ela acabara de dizer, não consegui entender uma parte em especial.

— Você está falando sério? As pessoas realmente se *voluntariavam* para lutar na arena, e arriscavam uma morte terrível e violenta? — Arregalei os olhos. Não conseguia imaginar aquilo. Pelo pouco que sabia, a arena era um lugar selvagem e brutalmente assustador.

— Existiam muitas razões para isso — respondeu ela, com um tom de voz irritado e impaciente. — Algumas mais complicadas do que as outras, devo acrescentar.

Eu estava prestes a encorajá-la a contar mais quando ela abanou a mão e deu um sorriso doce.

— E então, diga-me, o que achou da festa? — indagou.

Dei uma olhada no salão sem saber muito bem o que responder. De repente eu me senti envergonhada por ter reagido com tanta admiração no início, pela empolgação de fazer parte de tudo isso, e não conseguir mais ver o que havia à minha volta com os mesmos olhos de antes.

Todas aquelas pessoas deslumbrantes que pareciam tão glamorosas há alguns instantes agora pareciam selvagens, imorais e sedentas por sangue da pior das maneiras. Todos aqueles criados carregando bandejas cheias de pilhas de comida não estavam ali

por vontade própria — eram escravos como os gladiadores. Escravos da casa, e não da arena, mas escravos do mesmo jeito.

— Todas essas pessoas são fantasmas? — perguntei, dirigindo a conversa a um assunto mais neutro, em parte porque me via relutante em perturbá-la novamente e, em parte, porque estava realmente curiosa. — Todas essas pessoas escolheram assombrar este lugar?

Dei mais uma olhada no recinto, perguntando-me por que tantos escravos optariam por permanecer em uma função tão miserável e ingrata. Mas é como ela já dissera — cada fantasma tinha uma história. E, embora esperasse que algum dia eles encontrassem um meio de seguir em frente, aquela não era minha função. Eu estava lá para aprender sobre Theocoles, concentrar-me na alma perdida que me fora designada, e nada mais.

— Alguns são fantasmas, outros não. — Messalina deu de ombros. — Minha intenção era recriar a celebração exatamente como eu me lembrava para que você possa entender melhor o mundo em que vive Theocoles.

— E onde ele está? — Olhei para o salão sem muita esperança de encontrá-lo. Afinal de contas, Theocoles era um escravo, um gladiador, e eu duvidava muito que ele tivesse alguma participação real neste mundo, pelo menos não deste lado, o lado mais glamoroso. — Ele está aqui? Ele tem permissão para frequentar festas desse tipo?

Messalina confirmou com a cabeça, rosto comedido, reservado, levantando o braço e apontando.

— Ele está bem ali.

Segui o gesto até onde estava um grupo de gladiadores em posição de sentido, braços e pernas acorrentados, enquanto uma multidão de convidados parava para inspecioná-los. Eles os puxavam e cutucavam, os brutais guerreiros em exposição diante deles existiam apenas para servir ao entretenimento mórbido da multidão.

Tentei correr na direção dele, mas não fui muito longe até ser impedida com firmeza pelos longos e frios dedos de Messalina ao redor de meu pulso.

— Agora não. — Ela olhou para mim com um sorriso tenso, forçado, nem um pouco genuíno. — Logo mais você o conhecerá, eu dou minha palavra. Mas, por enquanto, temos assuntos mais urgentes para resolver. Precisamos encontrar um novo nome para você.

Olhei para ela com o rosto franzido, não gostando de como aquilo soava, não gostando nem um pouco. Como isso podia ser mais importante do que eu me encontrar com Theocoles? Além disso, não bastava ter mudado minha aparência? Agora ela tinha que mexer com meu nome também?

Mas antes que eu tivesse tempo de me queixar, um escravo com uma jarra de barro esbarrou em mim, atingindo-me de um modo que me fez perder o equilíbrio, que me fez girar até que fiquei de frente para o lado oposto da sala, onde vi algo tão incrivelmente surpreendente que só consegui ficar paralisada.

Só que dessa vez não foi uma superfície brilhante e refletora que me distraiu.

Dessa vez foi um garoto.

Um garoto que olhou para mim de um jeito... bem, de um jeito que ninguém nunca havia me olhado.

Com curiosidade.

E intensidade.

Junto com uma dose inequívoca de interesse.

Assim como os garotos costumavam olhar para minha irmã, Ever — assim como olhavam para Messalina —, mas nunca, nenhuma vez, para mim.

Pelo menos não para a antiga versão de mim.

Meu rosto ficou quente, minhas mãos começaram a tremer e eu continuei ali parada, paralisada e estúpida e completamente ridícula.

Eu não tinha ideia do que fazer. Não tinha ideia de como reagir. Era tão inexperiente em relação aos costumes da época quanto em ser observada pelos garotos.

Continuei do mesmo jeito, paralisada e boquiaberta até que Messalina finalmente interveio e me salvou de meu próprio jeito desajeitado.

— É como eu disse antes, você não precisa apenas se *parecer* com o personagem; precisa *desempenhar* o papel. Vamos, será divertido! — Ela esticou o braço na direção da minha testa, sorrindo enquanto passava o dedo por minha fronte, empurrando um cacho solto para o lado. A sensação de seu toque tirou toda a minha ansiedade, substituindo-a por calma. — Já fiz o trabalho pesado por você. Reduzi a duas opções, e qualquer uma servirá, qualquer uma ficará bem para você. Então pode escolher. Que nome prefere: Lauricia ou Aurelia? — Seus olhos piscaram com tanto brilho quanto as joias que pendiam de suas orelhas. — Vamos! Precisamos decidir logo — sussurrou ela, apontando com a cabeça para o lado oposto da sala. Sua voz soava enérgica e impaciente quando continuou: — Caso ainda não tenha percebido, conseguiu causar um pequeno alvoroço em certo convidado. E pelo que posso ver, é apenas uma questão de tempo até que ele esteja parado diante de nós, exigindo saber quem é você, e precisamos de algo para dizer a ele, agora, não precisamos?

Parei por um instante, agindo como se estivesse considerando seriamente cada um dos nomes, quando, na verdade, já escolhera Aurelia. Quis esse nome assim que o ouvi. Só porque me lembrava de Aurora — a mais bela, serena e perfeita do Conselho e, por sinal, também a minha preferida. Além disso, também se aproximava um pouco mais do meu nome, o que deixava a combinação perfeita.

Mas antes que eu tivesse a chance de informá-la, o garoto do outro lado da sala já estava parado diante de nós. Seu olhar se alternava entre mim e Messalina, enquanto dizia:

— Messalina, é sempre um prazer vê-la. — Ele abaixou a cabeça e pegou na mão dela de modo a conseguir levá-la até seus lábios. Então, apontando para mim com a cabeça, ele acrescentou: — E quem é essa que trouxe consigo? — Ele olhou em meus olhos.

Messalina me lançou um olhar ansioso, sem saber do que me chamar. Mas aquilo nem importava. Naquele momento, parecia que o tempo estava suspenso.

Como se toda a festa estivesse em pausa.

Como se nada mais existisse além de seus cabelos escuros e desgrenhados, a pele lisa e morena, e olhos castanhos bem escuros, quase pretos, que faziam minha cabeça girar.

— Meu nome é Aurelia — respondi em um tom de voz surpreendentemente seguro, estendendo a mão com uma estranha onda de calma.

Eu não tinha ideia de onde vinha aquilo. Não tinha ideia de como estava me inserindo tão facilmente no papel de uma jovem e sofisticada aristocrata romana. Ainda assim, lá estava eu, baixando os olhos com timidez, curvando os lábios para fazer charme, arredondando as bochechas com ar, enquanto esperava para sentir o roçar da palma de sua mão, a breve passada de seus lábios sobre a minha — cumprimento padrão da época. Foi como se eu realmente fosse Aurelia e, naquele momento, preferia esse personagem a mim mesma.

— Aurelia, este é Dacian — apresentou Messalina, fazendo um gesto intencional com os olhos. — Como você já sabe, Dacian é filho de um senador — continuou, expressando-se com cuidado, certamente para que eu entendesse o significado. Dacian era importante, alguém que eu pelo menos deveria fingir conhecer.

— É estranho que nunca tenhamos sido apresentados — afirmou Dacian com um tom de voz tão perplexo quanto a expressão em seu rosto, como se realmente estivesse se esforçando para ver algum sentido naquilo.

Dei de ombros, erguendo-os e abaixando-os enquanto olhava de lado, surpresa com a serenidade que eu transparecia, embora não tenha demorado muito para ela começar a desaparecer e eu sair do papel que Messalina insistia que eu desempenhasse.

Eu não estava acostumada a ficar perto de meninos tão bonitos — e Dacian, definitivamente, caía na categoria Muito Gato. Bem, eu o conhecia há menos de um minuto e ele já estava no alto de minha lista “Top 5 dos mais Gatos do Mundo” — uma lista que incluía pessoas vivas, fantasmas e celebridades (e ele fazia parte dela mesmo usando trajes que pareciam muito com um vestido).

Aurelia era ótima nesse tipo de coisa, Riley não. Mas por mais que eu quisesse voltar a ser Aurelia, ela estava sendo abafada pelo alerta que retumbava em minha cabeça, uma voz irritante e prudente que berrava: *Não se distraia! Seu nome não é Aurelia e Dacian não está em sua programação, mesmo sendo muito lindo. Você está aqui para encontrar Theocoles e levá-lo para o outro lado da ponte — só isso!*

A voz era alta — muito mais alta do que eu gostaria que fosse. E, ainda assim, não teve chance contra a de Messalina quando ela pegou em minha mão, silenciando instantaneamente meus pensamentos.

— Perdoe-me, Aurelia, mas preciso auxiliar minha tia por um momento. Acho que ficará bem aos cuidados de Dacian, não é? Posso garantir seu caráter bom e nobre. — Então, virando-se para Dacian, em um tom leve, de flerte, ela continuou: — E posso confiar que você não fará com que me arrependa da honra que acabei de lhe dar? Posso confiar que se comportará muito bem e agirá como o perfeito cavalheiro que eu sei que é, pelo menos enquanto estiver na companhia de Aurelia?

Eu me virei para ela, implorando com os olhos para que ficasse. Minha repentina conduta calma e modesta deu lugar a um enorme pânico só de pensar em ficar sozinha com ele. Eu podia parecer mais velha do que era, mas só na superfície. Por dentro, ainda era

eu. Ainda era a menina magrela e mirrada, tremendo nas bases, a pequena Riley Bloom. Não havia como fugir. Era muito complicado.

Mas se Messalina viu meu olhar suplicante, preferiu ignorá-lo. E eu só pude observar, horrorizada, enquanto ela dava meia-volta e seguia para o outro lado do salão, na direção do lugar onde, há alguns instantes, estava Theocoles. Resmunguei uma desculpa qualquer — tentei segui-la —, mas eu era muito lenta, e ela, muito rápida, e no fim das contas só consegui observar a distância seu paradeiro.

Acompanhei ansiosamente com o olhar a barra vermelha de seu vestido, seus cabelos escuros — vigiando de perto, a fim de reconstituir com cuidado cada passo, até que Dacian me alcançou, pegou em meu braço de leve.

— Por favor, não vá, não agora que acabamos de nos conhecer. Ainda tenho tanto a aprender sobre você! De onde você é? Por que nunca a vi nem ouvi falar de você?

Desviei o olhar por um segundo — menos de um segundo, eu juro —, mas foi o suficiente para perdê-la de vista. No pouco tempo que levei para olhar para o rosto sorridente de Dacian e voltar para o local onde estava Messalina, ela havia desaparecido. E eu não tinha dúvida de que ela havia me largado lá de propósito.



Dacian ficou olhando para mim, à espera de uma resposta, mas, em vez de responder, eu saí correndo e o deixei ali parado, vendo o tecido de meu vestido azul e brilhante enquanto eu corria pela sala, refazendo os passos de Messalina até chegar ao lugar onde a perdera de vista.

Examinei a área, mãos na cintura, girando a cabeça de um lado para o outro, em busca das possíveis rotas que ela poderia ter feito enquanto repetia suas palavras em minha mente.

Ela dissera que precisava falar com a tia, mas eu desconsidereei aquilo de imediato pois simplesmente não parecia ser verdade. Tinha algo a ver com Theocoles, disso eu tinha certeza.

Mas não fazia ideia de onde encontrá-lo, não fazia ideia de que caminho seguir, uma vez que as opções eram infinitas. Cada passagem para cada cômodo parecia desmembrar-se em mais uma, e mais outra, até que o mundo de Messalina começou a parecer um complexo labirinto. Um complexo labirinto que pretendia me enganar, me confundir, assim como fez com todos os outros Apanhadores de Almas que vieram antes de mim.

Dacian gritou meu nome, meu novo nome. Sua voz cortava o som das risadas e o ruído da festa enquanto ele passava pela

multidão, procurando-me com afinco. Ele estava aflito, com o olhar ansioso, preocupado por ter, de alguma forma, me ofendido.

Com apenas alguns segundos de vantagem até que ele me alcançasse, fechei os olhos com força e obriguei tudo a ficar em silêncio, menos minha voz interior, ciente de que me dizia: *As escadas — encontre as escadas que levam ao andar de baixo!* As palavras não eram mais altas do que um sussurro, mas, ainda assim, eram poderosas.

Mas antes que tivesse tempo de prosseguir, Dacian estava parado diante de mim. Sua voz soava tão aliviada quanto a expressão em seu rosto.

— Aí está você, Aurelia! — Ele fez uma reverência, permitindo que eu visualizasse seus cabelos castanhos e desgrehados até que me encarou novamente com seus olhos escuros. — Espero não ter feito nada para ofendê-la. — Um sorriso esperançoso surgiu em seu rosto e o deixou ainda mais irresistível com as covinhas que se formaram de cada lado das bochechas.

Naquele momento ele estava tão inacreditavelmente fofo que eu não consegui pensar em nenhum bom motivo para sair dali. De repente, pela primeira vez em muito tempo, tudo que eu sempre quis estava bem ao meu alcance.

Eu era adolescente.

Uma bela adolescente como minha irmã.

E como acontecia com minha irmã, garotos bonitos agora atravessavam salões, dispostos a agir como bobos só para ficar perto de mim.

Eu era a estrela de meu próprio conto de fadas.

Era bom demais para resistir.

Então nem tentei.

— Por favor, não se preocupe. Não é nada disso — garanti a ele, olhando timidamente em seus olhos. — É que eu... — franzi a testa, sem saber muito bem o que diria em seguida. Minha voz parecia

estranha, estava com uma cadência estranha que normalmente não tinha, sem contar as palavras que eu estava usando.

Dacian enrugou a fronte e deu outro passo adiante, até que ficou tão perto que eu podia distinguir cada ponto dourado em seus contemplativos olhos castanhos. A visão de sua proximidade me fez morder o lábio inferior, agarrando com os dedos as pregas da saia, torcendo e virando o tecido até transformá-lo em dobras amassadas que eu segurava nos punhos. Estava vagamente ciente da voz em minha cabeça que continuava a me estimular a seguir na direção de... *alguma coisa* que eu já não tinha mais certeza do que podia ser.

Minha única certeza era que Dacian estava diante de mim, com um sorriso doce e aberto, o olhar charmoso e cheio de esperança, e o resto não passava de um borrão.

Ele piscou, sorriu, esperou que eu terminasse meu pensamento, então eu limpei a garganta e me joguei de cabeça, confiante de que as palavras certas encontrariam um jeito de sair. Minha voz era mais leve, mais feminina, muito diferente da rouquidão de sempre, soando exatamente como Aurelia quando eu disse:

— É que eu... — Dacian fez um gesto com a cabeça, motivando-me a terminar a frase. — Bem... — Pressionei os dedos enfeitados com joias sobre os lábios, contendo um riso que não parecia me pertencer. — Embora esteja um pouco constrangida em admitir, devo confessar que não estou muito acostumada... — *Com meninos olhando para mim, flertando comigo, falando comigo...* minha mente girava com a longa lista de possibilidades. — Bem, a verdade é que não estou acostumada a esse tipo de *festa* — gaguejei, com uma onda de calor subindo por meu rosto, sabendo que aquilo mal cobria a longa lista de coisas que eu ainda precisava vivenciar, mas não deixava de ser verdade.

Dacian se aproximou de mim com uma expressão de surpresa no rosto.

— Está querendo dizer que é a primeira vez que vem aos jogos?

Confirmei com a cabeça e tentei não me contorcer enquanto ele me observava, enquanto girava os anéis nos dedos, esperando que ele achasse minha confissão mais charmosa do que lastimável.

— Mas você viu os gladiadores? Antes de descerem as escadas até o *ludus*?

As escadas.

As palavras me cutucavam e me agulhavam. Por mais simples que parecessem na superfície, não pude deixar de sentir que, de algum modo, haviam ido mais fundo e tinham algum significado.

— Espero que pelo menos tenha conseguido ver o campeão, Theocoles, conhecido como o Pilar da Destruição. Dizem que ele é favorecido pelos deuses, mas ninguém deve esquecer que, mais cedo ou mais tarde, todos caem. Quem sabe essa não foi sua última chance de vê-lo? Acho que amanhã saberemos com mais certeza.

Theocoles.

O Pilar da Destruição.

As palavras dispararam alarmes em minha cabeça. Como o som de palmas, dedos estalando, foi como se eu acordasse de um sono profundo.

Ou melhor, de um transe.

De repente, a magnitude de tudo o que acabara de acontecer ficou bem clara.

De repente, eu soube o que havia acontecido com aqueles pobres Apanhadores de Almas que vieram antes de mim.

O mundo de Messalina era tentador, sedutor, e oferecia a promessa imediata de tudo o que uma pessoa poderia desejar e parecia estar além de seu alcance. Ela me havia encantado, assim como a todos eles. Ela me dera a vida com a qual eu sempre sonhei — e assim me distraíra de meus próprios planos.

Apesar dos avisos de Bodhi, apesar de conhecer os riscos, no final eu não era diferente de meus colegas Apanhadores de Almas. Mal havia chegado e já estava desmoronando.

Se tivesse alguma esperança de salvar Theocoles — e de salvar a mim mesma —, eu teria de ser mais cuidadosa, mais atenta. Teria de ser minha própria guarda no que dizia respeito a Messalina. Não poderia correr o risco de deixá-la me encantar novamente.

Eu precisava fazer o que fosse necessário para realizar meu trabalho e dar o fora dali. Caso contrário, ficaria presa para sempre como Aurelia, uma menina tão diferente de mim que eu nunca seria encontrada.

Dacian podia estar no topo da minha lista dos mais “gatos”, mas eu estava ali para realizar um trabalho — e estava determinada a levá-lo a cabo.

Passei a mão pelos meus cachos, não querendo que ele percebesse minha súbita mudança de humor, não querendo que ele notasse que eu acabara de me livrar do encanto.

— Bem, acho que devo ter perdido a chance. Que pena! — respondi, mudando a expressão para parecer um pouquinho perturbada. — Mas acho que vou descer rapidinho para dar uma olhada. Importa-se de me indicar o caminho?

Dacian ficou boquiaberto e olhou para mim como se eu estivesse completamente louca.

— O *ludus*? — perguntou, sem fôlego. — Por quê? Não pode descer lá, é perigoso! — Ele olhou para o espaço que havia atrás de mim, bem à minha direita. Sem nem se dar conta, havia respondido à minha pergunta, revelado exatamente qual direção eu deveria seguir.

— Ah, acho que tem razão. — Ri cobrindo a boca com a mão, e fiz um gesto como se já tivesse desistido daquela ideia. — Mas eu preciso encontrar Messalina. Aguarde um instante e eu já volto aqui... — Olhei para ele, olhei bem em seus olhos. — Promete que me espera aqui?

Dei meia-volta antes que ele tivesse a chance de me responder e segui na direção que ele, inconscientemente, me indicara.

Ouvi sua voz me chamando, deixando-me ciente de que não havia sido nem um pouco enganado por minha história.

— Você não deveria ir até lá, Aurelia — disse ele. — E, acredite, *não* vai encontrar Messalina naquele lugar. Ela está proibida de chegar perto do *ludus*. Seu tio tomou medidas para garantir isso!

Ignorei rapidamente o aviso, já descendo as escadas enquanto refletia: *Você que pensa, Dacian. Você que pensa.*



Desci rapidamente pelas escadas, em silêncio, esperando reunir o máximo que pudesse de informação, sabendo muito bem que não podia confiar em Messalina — que tudo o que ela escolheu revelar foi cuidadosamente calculado e distribuído em pequenas partes. Essa menina tinha um plano — isso era certo. E embora eu não tivesse ideia do que podia ser, sabia que ela não só controlava seu mundo, como também todos que estavam nele, inclusive, mesmo que por pouco tempo, eu.

Fazendo uma pausa quando meus pés tocaram o patamar da escada, olhei para um grande corredor cheio de fantasmas de gladiadores grandes e parrudos repetindo o mesmo procedimento imbecil da última vez que os vi. Punhos girando desenfreadamente, corpos se batendo uns contra os outros. Abri caminho desviando-me deles, com a mão sobre o nariz para bloquear o mau cheiro, e continuei.

Meus olhos moviam-se loucamente, em busca de sinais de Messalina ou Theocoles — qualquer um dos dois serviria —, convencida de que aquele que eu encontrasse primeiro me levaria ao outro. Passei pelas fileiras de celas na ponta dos pés, na tentativa de espiar dentro das pequenas aberturas quadradas no

alto, mas foi só quando cheguei à penúltima que os vi. Messalina tão impecável, tão perfeitamente arrumada e penteada que me lembrava uma boneca de porcelana pequena e delicada que, de algum modo, foi parar em um aterro sanitário, enquanto o belo Theocolos, vestindo uma túnica, estava parado diante dela — a distância entre os corpos era de apenas uma lâmina e eles se olhavam com desejo.

Fechei bem a boca antes que ouvissem minha respiração profunda, ou um grito, ou qualquer coisa que pudesse alertá-los sobre minha presença, perplexa com o que via diante de meus olhos — e ver aquilo dava todo um novo significado a essa minha tarefa como Apanhadora de Almas.

Apesar de suas muitas e variadas diferenças em estatura e classe — apesar de pertencerem a dois mundos diferentes —, Theocolos e Messalina haviam sido apaixonados. E, pelo que eu podia ver, ainda eram.

Mas quando pensei que havia entendido tudo, Theocolos se deslocou e revelou algo novo.

Eu me aproximei, pressionando o rosto com força contra a madeira dura e cheia de farpas enquanto observava Theocolos se virar de lado, posicionando-se e saltando no ar, chutando, dando golpes de espada, furando o ar bem ao lado de onde ela estava.

E foi quando me dei conta, foi quando eu soube que enquanto Messalina estava olhando para Theocolos, ele não correspondia ao olhar. Ele não olhava através dela, pois ainda estava perdido em seu mundo.

Mas Messalina não era de desistir e permaneceu tão teimosa quanto eu sabia que era. E pela pequena abertura quadrada no alto da porta, eu acompanhei seu progresso enquanto se esquivava dos golpes e chutes, desviando deles em uma dança cuidadosamente coreografada.

Gritando o mais alto que podia, ela lutava para que o gladiador campeão a notasse. Sua voz ia sumindo, a expressão cada vez

mais frustrada, quando ele continuava a ignorá-la e dava preferência à sua sequência de treinamento incansável.

A cena era tão desesperadora e demorada que eu estava prestes a deixar para lá e procurar o caminho de volta, quando Messalina soltou um grande suspiro, conseguiu chegar ao canto da cama dele, sentou-se de pernas cruzadas com elegância e mãos precisamente cruzadas.

— Theocolos, gostaria muito que prestasse atenção em minhas palavras e, por favor, reconsiderasse. Você não precisa fazer isso, sabe... Não precisa continuar com isso. Eu ficarei feliz em lhe dar o dinheiro para que toda essa loucura possa chegar ao fim — disse ela.

Ela mal terminou de falar quando Theocolos parou e se virou, olhando em seus olhos como se estivesse sendo iluminado, como se a neblina se tivesse dissipado. Ele soltou as mãos nas laterais do corpo e aproximou-se dela.

— Sua oferta me insulta... me humilha! — Ele sacudiu a cabeça, passou os dedos sobre a franja, olhando para ela com seus profundos olhos cor de topázio. — Acha que não sou digno? Acha que cheguei tão longe, massacrei tantos oponentes de valor, só para encenar o espetáculo de minha própria derrota?

Ela olhou para ele com tão pouca expressão no rosto, pronunciando as palavras com tanta rapidez, de forma tão automática, que logo entendi o que estava acontecendo.

Era uma performance.

Ambos estavam passando as falas de uma cena que haviam representado inúmeras vezes.

Theocolos estava tão imerso no papel que ficou claro que, para ele, não era diferente da primeira vez que aconteceu. Mas para Messalina, as palavras soavam indiferentes, saturadas, ditas sem nenhum traço de emoção, como ler um livro em voz alta.

Ela havia tentado inserir uma nova cena, tentado acordá-lo para um tempo mais moderno, mas Theocolos permanecia preso em um

passado no qual escolhera viver repetidas vezes, forçando Messalina a entrar no papel que vivia há muito tempo para desfrutar de sua atenção.

Pressionei ainda mais o rosto na madeira, estiquei-me para ouvir as palavras, sabendo que, se ele havia escolhido aquela cena para reviver, então certamente era uma cena que significava muita coisa. Eu não poderia deixar passar.

— Sabe que eu não quis dizer nada disso. Só estou ansiosa para começarmos nossa vida juntos — sussurrou Messalina com a voz suave e cansada.

— Eu também estou. — Ele foi na direção dela com o olhar intenso e se ajoelhou à sua frente. — Tudo o que faço é na expectativa desse dia. Não sabe disso?

Ela inclinou a cabeça de lado e lançou a ele um olhar duvidoso.

— Tudo o que faz é por mim? — Ela cerrou os lábios e enrolou um cacho solto no dedo indicador. — Tem certeza? Nada disso é por Lucius?

Theocoles fez uma pausa e desviou os olhos com o rosto triste, reflexivo.

— Não existe uma coisa sem a outra. — Ele voltou a olhar para ela. — Receio que nossos destinos estejam interligados. — Ele estendeu o braço na direção dela, passou o dedo em sua fronte, pela curva do rosto, pressionando a parte macia sob o queixo. Ergueu o rosto dela até se olharem nos olhos. — Agora venha, é hora de nos despedirmos para que possamos descansar. — Ele se levantou e ela fez o mesmo. — Minha esperança é que leve a doce promessa de nosso futuro direto para seus sonhos e amanhã, em menos de 24 horas, o mundo será nosso.

Messalina sorriu com coragem, passou a mão rapidamente pelo rosto, interceptando a lágrima desertora que escorria antes que Theocoles a visse. Com a expressão impassível, resignada, ela deu um passo em sua direção e pegou em sua mão, enquanto eu me afastei da porta e voltei correndo o mais rápido que pude.



Apesar de ter feito os mesmos passos, assim que cheguei ao patamar da escada, vi que não estava bem onde esperava.

Não estava nem perto.

Em vez da festa glamorosa de que havia saído, fui parar do lado de fora, apertando os olhos devido ao sol forte e brilhante, cercada por centenas — não, esqueça isso —, eram dezenas de milhares de romanos vestidos de toga, empurrando e atropelando uns aos outros e brigando por um lugar para sentar.

— Aurelia! — Uma voz familiar surgiu atrás de mim, enquanto olhava para todos os lados, confusa. — Aurelia, o que você está fazendo aí no meio das massas?

Senti um puxão atrás do vestido e me virei, encontrando Messalina sorridente na minha frente, com o rosto radiante, as bochechas coradas no mesmo tom de rosa-claro do novo vestido que usava.

— Se já tiver terminado de se familiarizar com as classes mais baixas, talvez possamos ir para a tribuna de meu tio, muito menos lotada e muito mais agradável, com muita comida e bebida e, o mais importante nesse calor, sombra! — Ela revirou os olhos e riu, tirando um leque dourado e rosa das dobras do vestido. Ela o balançou sob meu queixo, na tentativa de me refrescar. — Ah, e acho que

também gostará de saber que Dacian está me deixando louca, imaginando se você aparecerá. Está preocupado em nunca mais vê-la novamente. Ouvi dizer que você não se comportou muito bem, bancando a difícil. — Ela me lançou um olhar astucioso antes de continuar. — Sério, o garoto está em um estado deplorável. Ele simplesmente não me deixa em paz! Fica insistindo para que eu lhe diga se pode ou não esperar por você. Mas devo dizer que tem sido tão divertido ver o pobrezinho sofrer que me recuso a revelar muitos detalhes. — Ela levou o leque ao rosto, deixando apenas os olhos à mostra. — Ele parece bastante impressionado com você, não é? A pergunta é: o que você pretende fazer a esse respeito? Está impressionada também? Vamos, você pode me contar, Aurelia, você sente a mesma coisa que ele?

Ela olhou para mim, os olhos brilhando, o rosto iluminado, à espera de uma resposta que nunca chegou. Eu estava muito ocupada tentando imaginar o que acabara de acontecer — como a noite se havia transformado em dia tão rapidamente — como havia chegado ao Coliseu sem nem me dar conta.

Mas Messalina não parecia nem um pouco incomodada com meu silêncio. Ela apenas abriu um grande sorriso, ofereceu-me seu braço e fez um sinal para que eu fosse junto com ela.

Seu sorriso estava emplastrado no rosto e se recusava a desaparecer, mesmo depois que eu disse:

— Não. — Cruzei os braços diante do peito e sacudi a cabeça para enfatizar, fazendo meus densos cachos loiros baterem no rosto. — Preciso encontrar Theocoles, como você bem sabe. — Olhei para ela, desafiadora, notando como sua sobrancelha havia parado no meio da testa e os lábios inclinaram-se para o lado.

— Bem, é claro que verá Theocoles — concordou ela, com a voz leve, porém forçada, os olhos movimentando-se lentamente sobre mim, conduzindo uma análise bem meticulosa. — Não seja boba, Aurelia... ele é a atração principal, não é? — Ela sacudiu a cabeça e fez um ruído de “*tsc, tsc*” com a língua no céu da boca. — Todos o

verão hoje, para dizer a verdade. Afinal, ele é o motivo pelo qual estamos aqui. Mas receio que terá que esperar um pouco. Ele não deve lutar até o fim do dia. Então, venha, chega de besteira. — Messalina inclinou a cabeça e me ofereceu sua mão, chamando com os dedos. — Por que não vem comigo? Mas quando não fui, quando não saí do lugar, ela se aproximou um pouco mais, abaixando a voz até virar um sussurro. — Ah, está bem. Antes de mais nada, temos que cuidar de seu vestido. Talvez precise se refrescar um pouco, não é? Afinal, Dacian está bem empolgado e não queremos decepcioná-lo, queremos?

Olhei para a frente de meu vestido e notei que, sim, ele estava um pouco amassado, um pouco empoeirado pelo tempo que passei no *ludus*, um pouco surrado, mas ainda assim nem chegava perto da tragédia que ela parecia considerar. Mas quando comecei a protestar, dizendo que estava bem daquele jeito, que não a seguiria a lugar nenhum até que me explicasse algumas coisas, ela me olhou com aqueles calorosos olhos castanhos, ergueu a mão fria até minha testa e esfregou o dedo de leve. Quando vi, estava concordando com tudo o que ela dizia. O vestido, o cabelo, as joias, a tribuna de luxo de seu tio — que também, segundo Messalina, era o melhor, mais importante e mais confortável lugar para assistir aos jogos.

— Você deveria se considerar uma pessoa de sorte por sentar-se aqui — declarou ela.

E o pior é que eu realmente me sentia uma pessoa de sorte. Uma pessoa de muita sorte, em vários aspectos. Tudo o que faltava em minha vida após a morte agora estava a meu alcance.

Eu desejava ter uma boa amiga, uma amiga tão próxima que seríamos como irmãs — e havia encontrado isso em Messalina.

Eu desejava uma oportunidade de vivenciar um pouco de diversão e romance e, graças a Messalina, encontrara isso em Dacian.

Eu era uma das poucas pessoas privilegiadas. Tinha sorte, sorte, sorte. Minha vida era extremamente boa. E tudo isso era obra *dela*.

Assim que entramos na tribuna, Messalina soltou meu braço e ficou para trás. Ela observou, com um sorriso satisfeito, o momento em que Dacian correu em minha direção, executou todo o ritual de reverência/beijo na mão, e só depois me acompanhou até o assento bem atrás dele, onde eu fingi ouvi-lo falando sem parar sobre a programação do dia.

Havia uma perseguição a animais selvagens em andamento, um grupo de prisioneiros seria executado, e blá-blá-blá — dizia ele sem parar. Ele não tinha ideia de que eu não me importava nem um pouco com aquilo, pois estava imersa em um mundo no qual as únicas coisas que me interessavam eram o fato de eu estar maravilhosa em meu novo vestido cor de alfazema e o quanto me sentia deslumbrante sempre que os olhos de Dacian passavam rapidamente pelos meus.

— E depois, é claro, quando tudo tiver sido dito e feito, chega a hora do grande Theocoles, que vem para defender seu título de Pilar da Destruição. Como mencionei ontem à noite, essa pode acabar sendo sua última luta. Desconfio que seja esse o motivo de o Coliseu estar lotado. Ele é uma grande atração. Muitos espectadores já fizeram suas apostas em seu destino, e devo admitir que você pode me contar como um deles. Na verdade...

Suas palavras desapareceram, substituídas por uma que continuava repetindo-se em minha cabeça: *Theocoles*.

Por que aquele nome tinha tanta importância?

Por que eu deveria me importar com o destino de um escravo gladiador que pode muito bem estar em seus últimos dias?

Encostei-me em meu assento, confusa pela sensação transmitida pelo nome.

— Você disse que é a... última luta dele? — Virei-me para Dacian, com uma pontada vaga, porém insistente, vindo de algum lugar bem profundo em meu interior, instigando-me.

Dacian confirmou com a cabeça.

— Theocoles tem mais do que sua vida em jogo nessa luta e, qualquer que seja o resultado, promete ser de fato um grande espetáculo. — Ele abaixou a voz como se revelasse um segredo, levado pela empolgação de ser o primeiro a me informar. — Ele reuniu um bom fã-clube, como verá logo mais. E não é só porque as apostas estão altas, mas também porque ele sabe como dar um show. Em um período curto, ele aprendeu convencer a multidão. Theocoles descobriu cedo que uma parte importante da sobrevivência de um gladiador não é apenas ter habilidade com a espada e ímpeto de conquistar e vencer, mas também garantir que a multidão fique entretida. Não basta destruir o oponente, pois a multidão se cansará disso rapidamente. Golpes e sangue, golpes e sangue... — Ele fez uma cara de tédio. — Como verá, quando as carcaças devastadas forem arrastadas para fora da arena, a multidão já terá assistido a várias horas de massacre e, depois de um tempo, uma terrível batalha pode começar a se dissipar já dentro da próxima. Um gladiador de verdade, um campeão como Theocoles, sabe muito bem disso, e então coreografa suas batalhas para fornecer o máximo de entretenimento, garantir que a atenção da multidão esteja pregada nele.

Agarrei-me a cada palavra, memorizando-as enquanto me esforçava para entender tudo. O olhar intenso em meu rosto fez Dacian voltar a falar.

— Ah, não. — Ele sacudiu a cabeça horrorizado. — Estou vendo que falei demais. Estou vendo no brilho de seus olhos que seu coração já foi tomado, e agora é só uma questão de tempo até que eu seja forçado a me jogar na arena para ganhar sua afeição!

Ele riu ao dizer isso, mas de alguma forma a piada não surtiu efeito em mim. Por alguma estranha razão, optei por levar suas palavras a sério.

— O quê? Não! — Sacudi a cabeça, flagrada desprevenida por... bem, por quase tudo. — Por favor, não deve fazer isso por minha

causa — acrescentei. As palavras soavam estranhas, escapando de minha boca.

— Fazer o quê por sua causa? — Messalina apareceu atrás de mim com movimentos fluidos como os de um felino, sorrindo de um jeito que me deixou imaginando há quanto tempo ela estava ouvindo enquanto se pendurava nas costas de minha cadeira.

— Parece que cometi o erro de deixar Aurelia um pouco versada demais nos jogos. Ela está obcecada, posso ver. Ele nem apareceu na arena e eu já a perdi para a lenda que é Theocoles.

— Ah, o Pilar da Destruição. — Messalina riu, embora o som não fosse leve e seus olhos não brilhassem.

— Você disse que ele seria libertado? — Eu me aproximei de Dacian. — Isso tem algo a ver com Lucius?

Dacian parecia confuso, mas não tanto quanto eu. *De onde havia saído aquele nome? Do que eu estava falando?*

No momento em que a lembrança começou a surgir — um vislumbre passageiro da conversa que testemunhei entre Messalina e Theocoles em sua cela quando escutei aquele nome pela primeira vez —, Messalina me deu um tapinha de leve no ombro.

— Se Theocoles for laureado o vencedor de hoje, suas vitórias serão suficientes para cobrir as dívidas de aposta de Lucius, o que, por sua vez, garantirá a liberdade dele, que atualmente trabalha nas pedreiras, um destino terrível, certamente. — Ela esfregou os braços, deu uma estremecida, mas seus olhos em momento algum se desviaram dos meus. — E o contrato que Theocoles tem com meu tio chegará ao fim, o que o libertará também. É realmente um dia muito importante para ambos.

— Isso quer dizer que Theocoles está aqui como *voluntário*? — Meus olhos encontraram os de Messalina e um novo raciocínio começou a tomar forma. — E é por isso que você...

— Por isso que eu *o quê*? — perguntou ela. E quando seus olhos encontraram os meus, eu já não tinha mais certeza. O que

estava tão claro um segundo antes havia desaparecido com a mesma rapidez.

A voz de Dacian cortava meus pensamentos vagos e nebulosos.

— O irmão dele se complicou um pouco — disse. Ele zombou, fez cara feia, não deixando dúvidas do que pensava daquilo.

Suas ações deixaram Messalina tensa ao meu lado, enquanto eu continuava parada entre os dois, percebendo algo dentro de mim, cutucando, agulhando, lutando para chamar minha atenção, e ainda assim minha mente estava tão nebulosa que a única coisa que eu conseguia fazer era passar as mãos pelas profundas pregas cor de alfazema de meu vestido e me perder admirando-o.

— Theocolos não demonstrou nada além de grande honra e coragem — declarou Messalina, com uma tensão na voz impossível de não se notar. — Seu irmão Lucius significa muito para ele, e o que Theocolos conseguiu conquistar em nome do irmão não é pouca coisa. Eu, por exemplo, acho que ele deve ser glorificado por isso. Não importa como seus dias acabem, ele não deve ser esquecido. Certamente isso seria considerado um crime.

— Vou lhe dizer uma coisa: se ele *ficar vivo*, eu serei o primeiro a glorificá-lo — disse Dacian, não dando atenção ao tom de Messalina, muito menos à expressão de choque que suas palavras haviam deixado no rosto dela. — E se não... — Ele deu um sorriso, alternando o olhar entre nós duas enquanto escorregava o dedo pela extensão de seu pescoço.

— Bem, teremos que esperar para ver então, não é? — Messalina olhava para nós dois. Sua resposta provocava riso em Dacian e silêncio em mim.

Eu não estava lá.

Estava perdida em uma névoa que não conseguia ultrapassar.

Sentia-me dividida, puxada em duas direções distintas, como se estivesse em um cabo de guerra insano e invisível, sem ter como saber quem puxava minhas cordas, muito menos que lado deveria favorecer.

— Aurelia? Você está bem? — Messalina se aproximou de mim. Seu rosto era uma máscara de preocupação.

Aurelia. Era eu. Era assim que todos me chamavam.

Era? Eu não sabia mais.

Messalina colocou o dedo sob meu queixo e o ergueu em sua direção enquanto olhava diretamente em meus olhos. Mexendo em meus cabelos, fingindo arrumar um cacho solto, ela passou o dedo frio em minha testa e a sensação de seu toque instantaneamente dissipou a névoa, permitindo que o sol entrasse e tudo voltasse a ficar visível.

— Você está bem? — repetiu ela, olhando fixamente em meus olhos.

Olhei ao meu redor, a observar a enormidade da arena, as dezenas de milhares de espectadores vibrando, sabendo que qualquer um deles faria de tudo para trocar de lugar comigo. Estava certa de que qualquer um deles desejava reivindicar um lugar no meio de tamanho luxo e conforto, cercados de montanhas de comida, um suprimento interminável de bebida, em companhia da rica e privilegiada nobreza romana, sem contar o garoto insanamente bonito que estava sentado ao meu lado.

Voltei a olhar para ela e disse com a voz cheia de gratidão:

— Está tudo ótimo. Está tudo absolutamente perfeito. E eu preciso agradecer a você.



Assisti, meio confusa, ao cortejo que marcava o início dos jogos. Surpresa pelo modo como a multidão permanecia estranhamente em silêncio, quase solene, até que Dacian me explicou que aquilo logo mudaria. Era apenas a parte oficial do dia, ele me disse. A hora em que as armas eram inspecionadas, um imperador morto era lembrado e todos os gladiadores apresentados, o que permitia que a multidão de espectadores os vissem, sabendo muito bem que, ao fim do dia, mais da metade nunca mais ficaria em pé.

Quando terminou, os portões foram abertos mais uma vez e liberaram um grupo de ferozes felinos selvagens na arena. A princípio, rugiam de medo, sem compreender muito bem o novo espaço, mas não demorou muito para se adaptarem e agirem de acordo com o instinto, ocupando-se em perseguir as presas e devorando um pobre e infeliz prisioneiro após o outro.

A multidão vibrava em resposta, batendo os pés e aplaudindo em júbilo enquanto assistiam a uma sucessão de pessoas sendo retalhadas, estripadas e rasgadas em pequenos pedacinhos ensanguentados, jogadas em uma briga que nunca seriam capazes de ganhar.

A mesma vibração continuava quando aqueles mesmos felinos, mais tarde, eram caçados e mortos por gladiadores especializados nesse ofício.

Até que, finalmente — depois de horas de sangue, golpes e violência implacáveis —, era hora de os gladiadores ocuparem o centro da arena. E eu estava tão anestesiada a esse ponto, tão completamente inabalável, que não demorou muito para eu ficar tão extasiada quanto os outros espectadores — torcendo e zombando junto com eles.

Fazia sinal de positivo com o polegar sempre que uma luta estava empatada e eu achava que ambas as partes mereciam viver, e de negativo quando não estava muito entretida, quando exigia que alguém fosse responsabilizado pela falta de divertimento e tivesse uma morte terrível para combater meu tédio.

Às vezes gritava “Viva!”, e outras “Mate!”, dependendo de meu humor. Estava consumida pelo poder que tinha. Sabia que eu era apenas mais uma entre tantos, que no final a decisão de conceder a vida ou a morte era do imperador. Mas ele não pendia para o lado de seus súditos? Ele não era movido pela necessidade de acalmar o povo e distraí-lo da labuta do dia a dia com uma demonstração de *pão e circo*?

Eu ficava feliz por fazer parte dessa decisão, por saber que meu voto ajudava a decidir quem teria permissão para viver mais um dia e quem seria sentenciado à morte.

E quando os pesados portões de ferro abriram-se mais uma vez e Theocolos entrou vociferando na arena, logo ficou claro por que ele era tão estimado.

Theocolos não andava, nem corria, mas emproava-se, passeava, com braços erguidos sobre a cabeça, balançando a espada e o escudo em reconhecimento a seus cinquenta mil fãs admirados, não deixando dúvida de que os amava, assim como eles o amavam.

Com o estádio quase estremecendo com o retumbar das batidas dos pés e das palmas, vi quando Theocoles se virou, reconhecendo cada parte da arena, circundando a onda de louvor como a terra circunda o calor do sol.

Os aplausos diminuíram de modo significativo quando seu oponente, Urbicus, entrou com um coro de desprezo e vaías — e embora parecesse igualmente forte, violento e determinado a sustentar seu lado, estava claro desde o início que lhe faltavam o entusiasmo e o carisma inatos do gladiador campeão e, por causa disso, a multidão nunca torceria por ele. Simplesmente não podia competir com o magnetismo singular de Theocoles, com sua combinação mortal de coragem, habilidade, espetacularidade e um inegável apelo de astro de cinema.

Assim como quase todo mundo à minha volta, escorreguei até a ponta da cadeira, observando, fascinada, cativada, assim que a batalha começou. Urbicus teve um desempenho muito bom na luta, mas não bom o bastante, e gastou a maior parte de sua energia desviando-se dos golpes bem dirigidos de Theocoles, que o deixaram tão ensanguentado e destruído que sua força rapidamente se esvaiu, enquanto Theocoles continuou lutando, com ferimentos que pareciam, em maioria, pequenos e superficiais.

Apesar do estado de fraqueza de seu rival — apesar das inúmeras chances que Theocoles teve de levar Urbicus ao repouso eterno —, a batalha continuou, e continuou, com Theocoles recusando-se a colocar um fim nela, determinado a dar à multidão aquilo que vieram ver, e mais. Ele continuou a atacar, e saltar, e infligir ferimento após ferimento em sua vítima até que a pele de Urbicus ficou parecendo uma franja com fitas totalmente ensanguentadas.

Assisti, com um misto de admiração e repulsa, imaginando a que ponto Theocoles decidiria colocar um fim naquilo para que pudesse reunir suas vitórias e com isso libertar seu irmão e a si próprio.

Ainda assim, estava tão entretida com o espetáculo que temia seu término.

Encostei-me em Dacian, tão dominada pela empolgação e pelo nervosismo, muito ocupada assistindo a Theocoles retalhar seu oponente, que levei um instante para notar que nossos ombros estavam bem juntinhos.

— Por que ele não o mata de uma vez e acaba logo com isso para poder reivindicar sua vitória? — perguntei.

Alternei o olhar entre Dacian e a arena, notando de repente que ele havia pego minha mão e entrelaçado os dedos nos meus.

— Está preocupada com Theocoles? — Sua voz era irônica em meu ouvido e ele se aproximou ainda mais. — Não se preocupe: ele está fazendo o que faz melhor. Está entretendo a multidão. Está nos mostrando o espetáculo pelo qual é conhecido, e até agora nunca deixou de funcionar. — Ele apontou para a arena, onde Theocoles, depois de retirar seu capacete de aço decorado e jogá-lo de lado, balançava os cabelos longos e revoltos em agradecimento a suas dezenas de milhares de fãs exaltados. — Ele está viciado em aplausos. Precisa deles como uma flor precisa de chuva. Ele sabe que chegou o fim. Sabe muito bem que, depois de hoje, nunca mais estará no centro da arena. Falarão sobre ele por um tempo, contarão cada passo de sua vitória, mas logo as atenções começarão a minguar, como sempre acontece. E quando isso acontecer, não demorará muito para que a memória de Theocoles caia no esquecimento, enquanto outro campeão assume seu lugar. Apesar do que Messalina prefere pensar, um dia o grande campeão, o Pilar da Destruição, será reduzido a nada mais do que o fantasma de uma lembrança, sem nenhuma prova real de sua existência. Tenho certeza de que, em alguma medida, Theocoles sabe muito bem disso, então, exatamente por esse motivo, ele está determinado a curtir... tirar o máximo que puder do momento.

— *Curtir?* — Olhei para Dacian, esforçando-me para entender por que ficara tão impressionada com aquela palavra,

especialmente considerando todas as outras coisas que estavam acontecendo. Um menino estava segurando minha mão! Acontecia um grande massacre na arena! Ainda assim, a palavra me cutucou, simplesmente não se encaixava, não combinava com o tipo de coisa que ele costumava dizer.

Dacian olhou para mim. Presumiu que eu não tivesse entendido o significado.

— Quer dizer que ele quer aproveitar o momento, quer espremer até a última gota — explicou.

— Entendi — concordei, aproveitando a chance para soltar minha mão da dele. De repente fiquei irrequieta, impaciente, com algo me cutucando no fundo da memória, embora não tivesse ideia do que poderia ser, não tivesse ideia do porquê me sentia daquela forma.

A multidão vibrou, atraindo minha atenção novamente para a arena, ansiosa para acompanhar o que havia perdido. Vi Theocoles dando voltas em seu perímetro, espada e escudo esticados de ambos os lados, provando, mais uma vez, que Dacian estava certo. Theocoles amava a adulação. Crescia com isso, pelo que eu podia ver. Ele estava definitivamente *curtindo*, para dizer a verdade. Não sairia de lá facilmente.

Olhei para a tribuna, notando que, assim como eu, todos estavam na beirada das cadeiras, incluindo o imperador, que havia deixado de lado a grande bandeja de vinho e uvas para dedicar total atenção aos jogos, enquanto o tio de Messalina, dono do *ludus*, dono de Theocoles, ficava a seu lado, murmurando uma longa sequência de palavras que eu não consegui entender.

Mas quando olhei para Messalina, não pude deixar de notar como sua reação era diferente do resto. Enquanto todos estavam roendo as unhas, ela já se havia virado, recusando-se a olhar. Apesar de, além de Lucius e Theocoles, ela ter muito interesse no resultado.

Um segundo depois, quando Dacian pegou em minha mão, o pensamento me escapou. A única coisa de que tinha consciência era o modo titubeante que seus dedos se entrelaçavam nos meus e seu rosto chegava mais perto, depois mais perto ainda, enquanto ele dizia:

— Ele está se preparando. Está quase no fim. E, acredite, não vamos querer perder isso.

Nós nos levantamos, todos se levantaram. Uma multidão de pessoas se empurrava para a frente, brigando para conseguir uma visão melhor quando Theocoles finalmente virou de costas e se aproximou de seu severamente ferido oponente, que, apesar da grave condição em que se encontrava, apesar de mal conseguir reunir forças o bastante para ficar de pé, recusou-se a cair. Sabendo muito bem que a morte iminente estava a caminho, ele estava determinado a morrer de forma nobre, corajosa, uma morte digna de um gladiador. Ele não cederia sem uma última briga.

— Mate! — gritei, acompanhando a multidão, com o polegar voltado para baixo, como fazia Dacian ao meu lado. Gritou-se a palavra repetidas vezes, em um cântico longo e ritmado, a trilha sonora de um público sedento por sangue.

Theocoles se virou, deixando claro que escutara a palavra e pretendia nos atender ao primeiro sinal de ordem do imperador.

Mas enquanto Theocoles estava olhando para nós, seu oponente aproveitou para se recompor e dar um último golpe pela vitória, ou pelo menos morrer tentando.

Cambaleando para a frente, ele usou o que lhe restava de força para dar um último e ousado golpe com sua espada. A ponta afiada cortou a parte de trás dos joelhos de Theocoles, abrindo um talho grande e profundo e o fazendo vacilar, desequilibrar-se na direção da areia, deixando espada e escudos escaparem de seus dedos, abandonados nas laterais.

Suas mãos tentaram agarrar o ar enquanto ele se virava de forma irregular, corpo oscilante, levando no rosto uma expressão

inconfundível de choque quando se viu caindo, desabando. Sua forma tão célebre resumia-se a um amontoado sangrento e fraco.

A multidão fez um silêncio estranho e lúgubre, necessitando de tempo para se adaptar a uma reviravolta tão inesperada, e eu fiz o mesmo. Com a mão sobre a boca, eu não conseguia acreditar no que via diante de mim, notando vagamente que Dacian escorregava o braço ao redor de minha cintura, na tentativa de me oferecer algum tipo de consolo.

Fomos para a frente, para a beira da tribuna, assim como todos que estavam por lá — a elite de Roma toda aglomerada, olhos saltados, pescoços esticados, ávidos por ver qual seria o próximo terrível e inesperado acontecimento.

Theocoles se esforçou para levantar, mas seus ferimentos eram muito profundos, e os músculos, agora retalhados, não funcionavam mais. Ele caiu de costas, olhando completamente descrente enquanto seu oponente surrado e ensanguentado se erguia sobre ele levantando a espada no alto, pronto, motivado, à espera de uma simples palavra que lhe permitiria sair vitorioso ao atingir profundamente a garganta de Theocoles.

Não esperava que Theocoles se virasse, usasse toda força que lhe restava para virar de lado — numa procura frenética por Messalina — querendo se desculpar, dizer seu último adeus.

Aquele único olhar continha tanto anseio, tanto significado, tanto arrependimento, que não consegui conter as lágrimas cristalinas que correram por meu rosto.

Mas o público não conseguia ver o que eu via.

Eles entenderam tudo errado.

Sabendo apenas que Theocoles havia virado as costas para seu oponente, seu último adeus foi confundido com um ato de covardia.

Furiosos em ver que o homem que consideravam um herói não era nem nobre o bastante, nem corajoso o bastante, para enfrentar a própria morte (um ato que não podia, e não seria, tolerado, um ato

que ia contra tudo o que um gladiador defendia), eles rapidamente se viraram contra ele.

Dezenas de milhares de bocas que havia poucos minutos estavam silenciosas, em choque, agora estavam abastecidas com o desejo de vingança, gritando o veredito: *Mate!*, repetidas vezes.

A exigência era tão avassaladora, tão exaustiva, que o imperador foi rápido em dar seu consentimento.

A multidão pressionou mais, fazendo minha cabeça ficar confusa enquanto eu tentava respirar. Engolia bocados de ar, descobrindo depois que não estava mais expirando.

Eu não precisava daquilo, não precisava respirar.

Uma vaga noção de algo me cutucava no fundo da memória, algo sobre mim, sobre Theocoles, embora eu não tivesse ideia do que fosse.

Enquanto meus companheiros romanos estavam concentrados na arena, ansiosos para ver o poderoso Theocoles, o Pilar da Destruição, encontrar seu fim, eu me virei para Messalina, em busca de orientação, à espera de que ela pudesse me dizer por que eu não dependia mais de ar.

Mas Messalina não estava lá. E quando olhei bem para o local que antes ocupava, a neblina se dissipou e eu fui libertada do transe.



Escapuli de Dacian, passei pelos nobres romanos que estavam na minha frente e saltei o mais alto que pude. Imune ao som da voz frenética de Dacian me chamando, agarrei a lateral da saia, juntei o tecido nas mãos e me lancei pela beirada da tribuna. Aterrissando sobre os ombros de um homem — surpreso e não muito alegre — vestido de toga, escapei de suas mãos furiosas e cheguei ao chão. Serpenteando até o centro da arena, alternei o olhar entre um Theocolos decapitado caído de bruços na areia, e sua versão completamente intacta, um pouco transparente, que estava ao lado, olhando fixamente para seu antigo corpo com uma mistura de perda e confusão.

— Theocolos. — Puxei sua mão, pois sabia que precisava agir rápido. Não tinha ideia de aonde Messalina podia ter ido, mas podia imaginar que não ficaria muito tempo fora. — Theocolos, por favor, você precisa me escutar. Tem que perceber que está morto. Acabou. A batalha foi perdida e não tem volta. Ao mesmo tempo que sinto muito pelo que aconteceu com você, que sinto muito por você ter partido de uma forma tão terrível, tão violenta, é hora de deixar tudo para trás e seguir em frente. Há um lugar melhor para

você, um lugar muito melhor, ao qual você realmente pertence. E se você apenas me deixar...

Ele se virou em minha direção, com os profundos olhos cor de topázio olhando nos meus, como se realmente me visse, como se realmente me ouvisse, e mesmo com o rosto radiante pela vitória, decidi guardar a comemoração para depois. Primeiro precisava terminar isso.

— Quem é? — perguntou ele. A voz era quase um sussurro enquanto ele olhava para seu pobre corpo destroçado.

— É você — informei a ele, com a voz igualmente suave, compassiva, sabendo por experiência própria como pode ser chocante ver uma coisa dessas, fazer a transição entre a vida e a morte. — Foi isso que aconteceu com seu corpo. Sinto muito por isso, mas, como pode ver, sua parte mais essencial continua existindo. Não é o fim para você, Theocoles. Não mesmo.

Ele se aproximou de seu cadáver, ajoelhando-se ao lado enquanto eu fazia o mesmo. Mas, diferente dele, fiz o possível para não olhar, e certamente não o toquei como ele fez — era muito terrível até para considerar. Podia estar fascinada por todo o sangue e violência quando era Aurelia, mas voltando a ser eu, não apenas estava enojada, como também profundamente envergonhada pelo modo como fui absorvida tão facilmente — como gritei avidamente “Viva!” e “Mate!”, junto com os outros. Prometi a mim mesma que não deixaria aquilo acontecer novamente.

Sério, era praticamente o tipo de coisa que se vê em filmes de terror — filmes que, quando eu estava viva, não tinha permissão para assistir. Meus pais me diziam que eu era muito nova, que seria assombrada por pesadelos, e mesmo assim, desde o momento em que me tornei Apanhadora de Almas, fui obrigada a testemunhar diversas formas de nojeiras pavorosas e sangrentas — o tipo de coisa que me causava uma ânsia de vômito fenomenal.

É isso, pensei. Assim que terminar essa missão com Theocoles, agendarei uma longa e boa conversa com o Conselho sobre tarefas

mais apropriadas à minha idade!

Logo em seguida eu me lembrei por que estava ali — fui eu que praticamente implorei para apanhar as almas mais difíceis.

“Tenha cuidado com o que deseja”, minha mãe costumava dizer. E quando olhei para o corpo asqueroso e decapitado diante de mim, soube que era verdade.

Theocoles se afastou do corpo e olhou para seu oponente. Ao ver Urbicus ser praticamente arrastado da arena, deixado em um estado tão deplorável, não pude deixar de pensar que estava a poucos momentos de encontrar seu próprio pós-vida.

— E o que vai acontecer com ele? — murmurou Theocoles, praticamente falando consigo mesmo.

Alternei o olhar entre ambos e dei de ombros.

— Ele sucumbirá à sua própria morte mais cedo ou mais tarde. E pelo que parece, será mais cedo do que tarde. No final, não importa o quanto tentemos evitar, todos temos que partir. O corpo é temporário, mas a alma nunca morre.

Relaxe e fiquei surpresa, percebendo que, provavelmente pela primeira vez, minhas palavras não continham nenhum traço do rancor que eu guardava de minha própria morte. Estava apenas expressando os fatos que conhecia, sem a hostilidade habitual. Finalmente havia atingido um ponto em que não levava mais minha morte para o lado pessoal.

— Onde estão as rosas? — perguntou ele, juntando as sobancelhas em sinal de confusão enquanto alternava o olhar entre o público e a areia, que, em vez das flores costumeiras, estava cheia de pedaços de pele e sangue, e só Deus sabe o que mais! — Eles sempre jogam rosas. O povo me ama e é assim que demonstra seu amor por mim. Eles me banham com pétalas de rosas, milhares e milhares de pétalas de rosas vermelhas que eu pego e amasso na palma das mãos para carregar o perfume comigo para o alojamento e reviver a lembrança.

— Sinto muito — disse eu. — Acho que eles esqueceram. Fiquei imaginando se deveria tentar materializar algumas pétalas de rosa rapidamente para poder espalhá-las e ajudá-lo a se sentir melhor, mas rapidamente desisti da ideia.

Era melhor não mimá-lo. Seria melhor que ele enfrentasse os fatos, mesmo brutais. Enfrentar a verdade era uma parte importante do processo. Seria de grande ajuda para ele seguir em frente, algo que precisava desesperadamente fazer — antes cedo do que tarde, se posso dizer alguma coisa.

— Eles se voltaram contra mim. — Seus olhos se arregalaram, desesperados, quando se deu conta da realidade da situação. — Perdi a adoração deles, sua estima! — Ele olhou em volta, enlouquecido, como se procurasse um modo de remediar tudo. — Eu sou o campeão deles, o Pilar da Destruição, como ousam esquecer isso?

Sua voz ficou rouca e ele se levantou. Pegando o capacete, acenou para a multidão tentando chamar a atenção antes de colocá-lo de volta na cabeça.

— Eu vou conquistá-los! Eu vou recuperar sua estima! Nem que seja a última coisa que faça, ouvirei o clamor de aprovação... e mergulharei no estrondo de aplausos mais uma vez!

Ai, não.

Eu me levantei e fiquei parada ao lado dele.

— Hum, Theocoles, sério, você realmente precisa repensar isso. — Estendi o braço em sua direção na tentativa de alcançá-lo com as mãos, só para vê-lo, espantada, passar direto por mim, chutar uma nuvem de poeira na minha cara, pegar a espada e se curvar, ficando agachado.

— Está bem, quer saber de uma coisa? — Fiz cara feia, limpando o rosto e o vestido de nojentos, ensanguentados e esponjosos pedaços de não-quero-nem-saber-o-quê. — Já *chega!* Estou falando sério. Não me importa quem você pensa que é, não me importa se é o campeão dessa arena, não me importa se é o

campeão do mundo inteiro. Você *não pode* cuspir em mim! Você *não pode* jogar areia grudenta em meu rosto! Sério, não estou brincando. Não quero saber de que época você é, não quero saber se você costumava viver como um bárbaro. Categoricamente, não é nem um pouco aceitável que você me destrates desse jeito! Está me ouvindo? — Coloquei as mãos na cintura e fiquei à espera de uma resposta. Dirigindo a pergunta a ele mais uma vez, gritei:

— Eu perguntei: *Está. Me. Ouvindo?*

Ele olhou nos meus olhos e, naquele momento, soube que nos havíamos conectado. Soube que finalmente havia conseguido chegar até ele.

Theocoles estava me ouvindo.

Estava me vendo.

Eu havia conseguido o que nenhum outro Apanhador de Almas conseguira antes.

Eu o havia libertado de seu transe.

Andei em sua direção com a mão aberta, à sua procura. Sabia que era apenas uma questão de tempo até materializar aquele véu dourado e brilhante que o levaria para a ponte, para o lugar ao qual pertencia.

Minha voz ficou abafada com a emoção da vitória. Então, olhei nos olhos dele.

— Theocoles, venha. É hora de você seguir em frente — disse.



Theocoles se inclinou para a frente, flexionando os dedos, esticando-os, movimentando-se na direção de... sua espada.

Primeiro ele pegou a espada.

Depois alcançou o escudo.

Fiquei ali parada, boquiaberta, em um misto de confusão e indignação quando Messalina apareceu.

— Já passamos por isso, Riley. Theocoles só ouve o que quer. E, para sua informação, quando ele finalmente se libertar do encanto, não será graças a *você*. Será graças a *mim*.

Ela veio em minha direção, uma visão vestida de rosa com um sorriso feroz de orelha a orelha e um brilho selvagem nos olhos.

E tudo o que eu pensava era: *Corra! Resista! Não deixe que ela toque em você! Não deixe que ela a encante novamente!*

Mas não adiantou.

Antes de eu conseguir me mexer, bem antes de conseguir fazer meu corpo cooperar com minha cabeça, ela se aproximou de mim, passando os dedos longos e frios no alto de minha testa, mais uma vez fingindo domar um cacho que havia saído do lugar.

Quando me dei conta, estava parada no meio de uma sala lotada e barulhenta. Meu rosto estava corado, meu olhar evitava

timidamente os olhos de um garoto muito lindo que pegava em minha mão.

Um garoto que se apresentou como Dacian.

Um garoto que parecia achar que meu nome era Aurelia.

E talvez fosse. Eu não sabia muito bem e não havia ninguém perto para questionar.

— Por que nunca a vi antes? — perguntou ele, com os olhos brilhando com um interesse desenfreado.

Abaixei a cabeça, olhei para cima por meio de meus cílios curvados, demonstrando na voz como estava confusa.

— Mas você já me viu — argumentei, só para vê-lo sacudir a cabeça em negativa e descartar de imediato o que eu disse.

— Acredite, eu não me esqueceria de uma coisa assim. Não há como uma beleza igual à sua ter me escapado.

Eu? Beleza?

Olhei para mim mesma, passei as mãos sobre o vestido, chocada ao ver que tinha o tipo de corpo com que sempre sonhara. E, se o peso dos cachos loiros que balançavam sobre meus ombros servissem de indicação, havia grandes chances de eu estar tão bela e radiante quanto o vestido cor de alfazema que usava.

Inclinei-me, olhando dentro da detalhada fonte que havia ao meu lado, em uma busca ávida por algum sinal de meu próprio reflexo, e relaxando quando vi meu rosto refletido em uma série de ondulações. A imagem era instável, agitada, mas ainda assim confirmava que as palavras de Dacian eram verdadeiras.

E, ainda assim, se o que Dacian disse era verdade — se meu nome realmente era Aurelia —, se eu realmente era uma bela adolescente, por que tudo parecia tão estranho?

Por que tudo parecia tão fora da realidade, como uma espécie de sonho?

O garoto, o corpo, o rosto, o vestido, o nome esquisito pelo qual me chamou, tudo parecia tão instável como a imagem que acabara de ver na fonte.

Devia ser a festa. E o grande número de pessoas e o barulho que acompanhava. Eu não estava acostumada com essas coisas. Não estava acostumada a ficar tão limitada, tão cercada. Eu precisava de ar, precisava ver o céu da noite, as estrelas e a lua, e tudo mais que acompanhava.

— Acredito que possa deixá-la aos cuidados de Dacian, não é?
— Messalina sorriu, alternando o olhar entre nós.

Eu pisquei. Fiquei me perguntando de onde ela havia saído. Não me lembrava de tê-la visto chegar. Foi como se ela tivesse aparecido do nada.

— E acredito que possa contar que Dacian irá se comportar muito bem quando eu deixar minha querida amiga a seus cuidados, não é?

Messalina e eu éramos amigas. Certo. Tudo estava começando a ficar claro. Éramos boas amigas. Melhores amigas. Ela me emprestara o vestido e as joias que eu usava. Tinha até arrumado meus cabelos, enfeitado com pedras — éramos tão amigas que chegávamos a ser quase irmãs.

Não vá!, eu disse. Ou pelo menos tentei dizer, mas as palavras se recusaram a cooperar e foram instantaneamente substituídas.

— Garanto que ficarei bem. Se Dacian ousar sair da linha, mesmo que só um pouquinho, convocarei os gladiadores para darem uma lição nele. — Sorri fazendo charme, olhos brilhando enquanto ria e olhava para os dois. — Na verdade... — Fiz questão de fazer beicinho — Farei melhor do que isso. Escolherei aquele gladiador gigante e parrudo que está ali. — Apontei para o lado oposto do salão, onde estava o gladiador mais alto, mais brutal e mais bonito, com pés e mãos acorrentados aos outros que estavam ao lado, garantindo que não fizessem nada imprudente, garantindo que os convidados da festa, a mais fina nobreza romana, não vivenciasse uma reprise da revolta lendária liderada por Espártaco. — Terei a ajuda daquele que chamam de Pilar da Destruição. Acho

que só essa ameaça deve desencorajar Dacian, não? — Lancei-lhe um sorriso convidativo, ansiosa para ouvir sua resposta.

— Você mandaria Theocoles me atacar? — perguntou Dacian, com uma expressão de falso terror no rosto enquanto Messalina ria atrás dele.

Theocoles.

O que havia naquele nome que me deixava tão estranha por dentro?

Olhei pra Messalina, minha amiga, minha querida amiga, e depois, sacudindo a cabeça, liberei-me de qualquer dúvida pendente ao pegar na mão dela.

— Vá! Veja o que sua tia quer, por favor. Tenho certeza de que com a ameaça de mandar Theocoles atrás dele... — Fiz uma pausa depois do nome e tive de me obrigar a continuar. — Bem, tenho certeza de que podemos contar com o bom comportamento de Dacian agora, não é?

Dacian riu de um modo que fez seus olhos brilharem, e Messalina se aproximou de nós, passando um dedo primeiro na testa dele, depois na minha.

— Na verdade — disse ela, de repente séria. — Estou contando com o bom comportamento dos dois, e estou certa de que não irão me decepcionar.

Então ela deu meia-volta e nos deixou a sós.



— Vamos nos servir? — Dacian apontou para uma grande bandeja de doces que uma criada estava oferecendo.

Eu neguei com a cabeça. Não estava a fim de doces. Não quando desejava ar fresco, o céu noturno, uma fuga.

— Acho que preferia que fôssemos lá fora um pouco — sugeri, com a voz leve e feminina, porém ao mesmo tempo séria. — Acho que gostaria de tomar ar fresco.

Dacian concordou, ofereceu-me o braço, e quando lhe dei o meu ele me conduziu por uma série de cômodos lotados até que nos vimos em uma sacada que dava para a arena onde os gladiadores treinavam durante o dia.

— Veja as estrelas! — Inclinei a cabeça para trás, deixando o complicado arranjo de cachos cair em cascata até a cintura enquanto olhava para a magnífica extensão de céu negro.

— Conhece as constelações? — perguntou Dacian.

Eu sorri, admitindo ao mesmo tempo que, sim, eu conhecia a maioria delas, ainda queria que ele me mostrasse.

— Bem, então vejamos... — Ele apertou os olhos no escuro. — Bem ali está a Cassiopeia. — Ele apontou e, movimentando o dedo, disse: — E aquela bem ali é Draco, é claro. E, se não estou

enganado, aquela outra deve ser a Aurelia Maior. — Ele se virou para mim com os cabelos caindo sobre um olho.

— Aurelia Maior? — Sacudi a cabeça e ri. — E quando exatamente essa constelação foi descoberta? É a primeira vez que ouço falar dela.

— Ah, ela é real, posso garantir. — Ele sorriu, mostrando dentes tão brancos, covinhas tão profundas e um rosto tão lindo que senti como se uma bolha cheia de borboletas tivesse explodido em meu peito. — Como posso provar?

A pergunta ficou pairando entre nós, um desafio cheio de charme ao qual eu não tinha ideia como responder. Só sabia que se não fizesse nada, se não falasse, se não desviasse os olhos ou talvez me afastasse, Dacian logo me beijaria.

E ao mesmo tempo que eu não tinha certeza absoluta de que queria que ele me beijasse — também não sabia se estava disposta a deixar passar o que poderia ser minha única chance de ser beijada por ele.

Ele apertou os lábios, estabilizou os dedos trêmulos em meu braço, depois fechou os olhos e se aproximou de mim enquanto eu ficava ali parada diante dele, corpo rígido, anotando na mente cada detalhe, sabendo que mais tarde iria querer lembrá-los.

Notei o som distante de risadas vindo detrás de nós — o barulho do arrastar de meu vestido quando Dacian passou a mão que estava em meu braço para minha cintura e me puxou para mais perto dele. Então, antes que eu pudesse me dar conta de mais alguma coisa, seus lábios já haviam encontrado os meus, pressionando brevemente, uma vez, duas, e então ele se afastou novamente.

Dacian sorriu, passou o braço em volta de meu corpo e voltou a olhar para as estrelas — o silêncio crescendo entre nós até que pareceu ter o tamanho do céu. Mas em vez de correr para quebrá-lo, deixei que se estendesse. Palavras seriam ditas mais cedo ou

mais tarde, mas naquele instante eu estava determinada a saborear a quietude pelo tempo que durasse.

— Veja! — A voz de Dacian estava cheia de empolgação e seu dedo apontava para o céu. — Lá está Aurelia Menor! Bem ali, bem ao lado da Aurelia Maior! Agora acredita em mim? — Ele olhou em meus olhos e eu vi nos dele a mesma coisa que sentia no fundo do peito.

Nós gostávamos um do outro. Não havia como esconder.

Desviei o olhar, de repente tomada pela timidez, sem saber o que dizer. Fiquei imaginando se deveria provocá-lo por não ter conseguido manter o bom comportamento — que o breve beijo que demos era mais do que suficiente para eu cumprir a ameaça e chamar um gladiador. Mas logo decidi não dizer nada, preocupada que ele pudesse levar a sério, que eu pudesse lhe dar motivos para não me beijar novamente, algo que eu não queria arriscar.

— Está com frio? — Ele passou a mão sobre meu braço em uma tentativa de me aquecer.

— Um pouco. — Dei de ombros, sem notar que estava tremendo até ele mencionar.

Ele olhou para mim com um olhar indistinto, como se pudesse tentar me beijar novamente. Mas assim que ele começou, vislumbrei algo brilhante, deslumbrante, espetacular e ligeiro cruzando claramente o céu.

E quando virei a cabeça para ver melhor, Dacian foi em frente para me beijar, resultando em dois narizes se chocando com força enquanto eu dizia:

— Veja, uma *estrela*... cadente...

Nós nos afastamos, respirando profundamente, chocados e constrangidos, mas logo aquilo deu lugar a um surto incontrollável de risos. Ambos ficamos nos desculpando sem parar, com as mãos cuidadosamente cobrindo o rosto, verificando os estragos, o que apenas desencadeou uma nova onda de risos que nos consumiu completamente.

Nosso riso foi interrompido pelo som de alguém.

— Olá. Hum, desculpe incomodar, mas gostaria de saber se vocês poderiam me ajudar.

Eu me virei, tirando instantaneamente a mão do nariz e a deixando na lateral do corpo enquanto observava aquele estranho diante de mim. Passei os olhos pelos cabelos castanhos um pouco longos que desciam por sua testa até caírem sobre um impressionante par de olhos verdes emoldurados por cílios grossos. Fui descendo até encontrar um conjunto de trajes muito estranhos e incomuns que claramente o identificavam como estrangeiro — incluindo sapatos grandes e volumosos, extremamente diferentes das sandálias de couro com tiras que os outros homens usavam. Quando voltei os olhos para a parte superior, vi que ele mastigava uma espécie de objeto verde e esquisito, apoiado no canto da boca, o que o deixava com um aspecto ainda mais estranho do que já tinha. Tudo nele era bizarro e, ainda assim, de algum modo, descobri que não conseguia desviar os olhos, mesmo que quisesse.

Dacian entrou na minha frente, como se quisesse me proteger — um ato que considerei gentil, embora um pouco desnecessário.

— E você precisa de ajuda com o quê? — Ele examinou o estranho quase tão meticulosamente quanto eu.

— Estou tentando localizar uma... amiga. — O tom de voz do estranho soou cuidadoso, ponderado. — Acho que sou responsável por ela, e gostaria de perguntar se algum de vocês não a viu. Ela é loira, tem olhos azuis, doze anos, mas é um pouco pequena para a idade. O nome dela é...

Voltei para o lado de Dacian, olhando nos olhos do estranho, sem saber ao certo o que deduzir do modo inequívoco como olhava para mim.

Chocado.

Descrente.

Como se não estivesse apenas olhando para mim, mas também *através* de mim, *além* de mim, e ao mesmo tempo que não tinha

ideia do que ele via, não havia como negar que estava interessado.

— Riley? — Sua voz ficou rouca e o canudo caiu de sua boca e foi parar em seus pés. Ele deu um passo à frente, hesitante, um pouco trêmulo, parando quando Dacian ergueu a mão entre os dois, mostrando a palma em alerta.

— Terei que impedi-lo bem aí — disse Dacian, em tom de ameaça implícita. — Certamente está no lugar errado, então é melhor ir embora.

Se o estranho ouviu, preferiu ignorar. E embora não tenha feito mais nenhum movimento em minha direção, aquilo não o impediu de ficar olhando para mim completamente fascinado.

— Riley? Riley Bloom? Diga-me, esse nome significa algo para você? — indagou ele.

Meu rosto ficou quente e um sentimento familiar desabrochou em mim. Embora soubesse que devia desviar o olhar, não conseguia, pois estava paralisada.

— É como eu disse. — Dacian deu outro passo na direção dele. — Está no lugar errado. Não tem nenhuma... *Riley Bloom* aqui. — Ele tropeçou no nome. — É hora de você ir embora.

O estranho olhou para nós dois e depois fixou-se em mim, segurando o olhar por tanto tempo que eu não pude evitar me esquivar sob aquele peso.

Notei que o corpo de Dacian estava começando a ficar tenso, os dedos estavam se fechando em punho, recusando-se a relaxar mesmo depois que o estranho voltou a falar.

— Não se preocupem, já estou indo. — Então se virou e saiu, olhando para trás e dizendo: — Pelo menos por enquanto.



Messalina e eu ficamos acordadas até tarde da noite, beliscando sobras de doces de uma bandeja, trançando os cabelos uma da outra e trocando histórias que juramos manter em segredo, o que exigiu um juramento solene de sigilo antes de contar qualquer coisa. Depois que a escutei falar sem parar, com entusiasmo, sobre seu romance secreto com Theocoles, foi minha vez de relatar todos os detalhes do momento em que Dacian me beijara.

— Ele *não* fez isso! — Messalina enfiou um doce na boca e se inclinou na minha direção com os olhos arregalados de surpresa.

— Fez sim. — Sorri só de lembrar. — Não foi muito cavalheiro da parte dele, isso é verdade, mas mesmo assim decidi não fazer nenhuma reclamação. Na verdade, até o deixei fazer de novo!

— Não! — Messalina riu e sacudiu a cabeça, relaxando sobre a grande pilha de travesseiros que havia colocado nas costas.

— Ah, sim. — Confirmei com a cabeça. — Mas, para ser sincera, não saiu como planejado. Em vez de nos beijarmos, tivemos um pequeno acidente e acabamos batendo nariz com nariz! — Eu cobri o rosto com as mãos, revendo o momento constrangedor com tanta clareza que foi como se estivesse acontecendo tudo de novo. — E antes de termos outra chance, um estranho nos interrompeu... e...

bem, o momento se perdeu. — Eu dei de ombros. — Mas depois, perto da fonte, ele...

— Estranho? Que estranho? — Messalina se levantou de repente com a voz tensa e a expressão tão espantada que me arrependi imediatamente de haver mencionado aquilo.

— Não é nada — disse logo para que ela não desse importância, querendo voltar para a minha história, o segundo beijo rápido que Dacian me dera. — Ele foi embora logo, você não tem com o que se preocupar.

— Mas ele provavelmente queria alguma coisa, não vai me dizer o que era? — Ela se aproximou de mim, tentando tocar em minha testa com os dedos e afastando meus cabelos do rosto.

— Ele estava procurando por uma pessoa chamada Riley. — Olhei nos olhos dela. — Riley Bloom, acho que ele disse.

— E o que você disse a ele? — Ela se aproximou ainda mais, com o olhar atento.

Suspirei, querendo mudar logo de assunto, mas bastava olhar para o rosto dela para ficar claro que aquilo não aconteceria a menos que terminássemos aquela conversa primeiro.

— Eu não disse nada. — Olhei logo em seus olhos para que ela soubesse que era verdade. — Dacian falou que não havia ninguém ali com aquele nome, que ele estava no lugar errado e deveria tomar seu rumo.

— E ele fez isso? Ele foi embora? — perguntou Messalina, visivelmente tensa.

— Ele foi embora. Não se preocupe. Duvido que volte.

Desviei os olhos, mordi os lábios, lutando contra o impulso de mudar de ideia, confessar minha mentira, contar a ela que, na verdade, ele dissera exatamente o contrário, fazendo-me acreditar que voltaria em algum momento. A guerra entre a verdade e a mentira ocorria dentro de mim, até que vi o modo como seu rosto ficou mais tranquilo e os ombros relaxaram enquanto ela puxava uma tâmara bem madura na bandeja e jogava em minha direção.

Enfiei a fruta esponjosa e enrugada na boca, fechando os olhos para saborear melhor sua maravilhosa doçura. A imagem do estranho brotava em minha mente, e eu não era capaz de entender por que menti para minha amiga, por que me apeguei à promessa de retorno dele. Só sei que foi isso que fiz.

— E como foi o beijo? — perguntou Messalina, voltando a seu assunto preferido. — Você vai me contar, não vai? Quero saber todos os detalhes! — Ela levou um travesseiro ao peito, abraçou-o e se aproximou de mim, pedindo: — Continue... como foi? Foi tão romântico quanto você pensava? Afinal, foi seu primeiro beijo, não foi?

Alcancei meu próprio travesseiro, fiquei um bom tempo mexendo com ele, arrumando até ficar certo. Mas foi tudo fingimento — estava ganhando o tempo necessário para apagar o estranho de olhos verdes de minha memória e substituí-lo pela imagem de Dacian. Então, com tudo no lugar, fiquei livre para me concentrar somente nas perguntas que ela fazia.

Coloquei um sorriso no rosto e tirei outra tâmara da bandeja.

— O céu estava salpicado de estrelas, não poderia ter sido mais romântico. — Fechei os olhos, desesperada para ver novamente. — Apareceu até uma estrela cadente, sinto tanto por você ter perdido.

— E você fez um pedido? — perguntou com a voz tão insistente que meus olhos se abriram bem a tempo de ver o olhar sério que cruzava seu rosto. — Devia ter feito — disse ela, afirmando com um gesto de cabeça. — Devia mesmo ter feito. A maioria das pessoas deseja que um momento nunca termine, ou pelo menos que o sentimento nunca termine, e o desejo sempre é atendido, nunca falha. É possível reviver a experiência repetidas vezes. Bonito, não é?

Ela suspirou e olhou para mim. E tudo o que pude fazer foi concordar.



Na manhã seguinte, Messalina me acordou sacudindo meu braço e rindo em meu ouvido.

— Acorde, dorminhoca, temos um grande dia pela frente!

Passei a mão por meu emaranhado de cachos, levantei da grande pilha de travesseiros e a acompanhei até o baú cheio do que parecia ser uma quantidade infinita de coisas lindas e sedosas que ela me encorajou a escolher.

— Vamos! Escolha algo bonito! — Ela sorria abertamente enquanto me observava vasculhar o baú. Ergui um tecido brilhante e cor-de-rosa com detalhes em dourado, mas ela pegou da minha mão e disse: — Esse não. — Ela se esforçou para controlar o rosto, tentando suavizar os cantos para não parecer tão brava como sua voz já havia denunciado que estava. — Eu devia ter dito que já havia decidido usar rosa hoje. E como tenho certeza de que prefere se destacar diante de Dacian, precisará escolher outra cor.

Olhei ansiosamente para o rosa. Agora que era proibido, queria mais do que nunca usá-lo.

— Mas nós somos como irmãs, não somos? — disse, tentando convencê-la. Olhei para ela por sob os cílios. — Bem, se nós duas usarmos rosa, ficaremos ainda mais próximas, quase gêmeas!

O argumento era bom e eu estava certa de que seria suficiente para persuadi-la, mas Messalina nem se mexeu, nem parou para considerar. Ela rapidamente dispensou a ideia com um gesto da mão e pegou um vestido que cintilava em um tom forte de cobalto com traços de tecido verde.

— *Este*. É este, não restam dúvidas em minha mente. — Ela segurou o vestido diante de mim, insistindo para que eu concordasse, mas minha empolgação não chegava aos pés da dela, ainda estava lamentando a perda do rosa. — Com algumas joias e safiras, ou mesmo lápis-lazúli... — Ela colocou o dedo no queixo como se estivesse mesmo decidindo qual das duas seria melhor. — Bem, de qualquer jeito, este vestido servirá para você, não tenho dúvida. Destacará seus lindos olhos azuis, certamente. Dacian não saberá o que fazer quando a vir!

Dacian.

O garoto que me beijou.

O garoto de quem eu estava começando a gostar, não estava? Messalina parecia achar que sim.

Eu me esforcei para me ater aos fatos e, ainda assim, sempre que tentava lembrar dele, só via a franja castanha caída, roupas estranhas, olhos verdes e brilhantes e um rosto tão reconfortante — apesar de desconhecido — que eu não conseguia identificar, não importava o quanto tentasse.

Sacudi a cabeça, desesperada para me livrar do pensamento. Messalina estava me encarando, sentindo a mudança em meu humor. Não querendo explicar a ela o que eu mal conseguia explicar a mim mesma, peguei o vestido azul-cobalto e o enfiei pela cabeça. Quando a complicada série de faixas e laços, joias e enfeites de cabelo estava finalmente no lugar, quando ambas estávamos radiantes, lindas e muito bem-vestidas, Messalina me deu o braço.

— E agora, que comecem os jogos! — disse ela.

O Coliseu era extraordinário, diferente de tudo que eu já havia visto. Eu me obrigava a girar a cabeça de um lado para o outro, em uma tentativa de ver tudo. Acompanhei Messalina até um camarote privado e sombreado onde estava toda a nobreza romana, eu me virei para ela e disse:

— Uau! Veja essas pessoas! É sempre cheio assim?

— É cheio quando Theocolos aparece. — Ela respondeu atentamente.

Concordei com a cabeça, achando o nome vagamente familiar. Ele era um campeão. Tinha um apelido maluco. Mas logo parei de pensar naquilo pois não estava interessada naqueles detalhes específicos. Estava mais interessada em encontrar Dacian.

— Ouvi dizer que Dacian perguntou por você a manhã inteira. — Messalina sorriu como se tivesse acabado de ler minha mente. — Soube que ele chegou mais cedo na expectativa de vê-la novamente. — Ela se aproximou e deu uma risadinha leve em meu ouvido. — Então não vamos decepcioná-lo, vamos garantir que tudo esteja no lugar, não é? — Ela ficou parada diante de mim, ficou à distância de um braço e me observou. Verificando para se certificar de que tudo estava no lugar, ela passou o dedo na minha testa, dizendo: — Perfeita. Você está simplesmente perfeita! Espero que goste do espetáculo, Aurelia. E, acredite, ninguém esquece a primeira vez que assiste aos jogos!

Ela me empurrou na direção de Dacian, que pegou em minha mão e me direcionou a nossos lugares, onde imediatamente começou a falar sem parar sobre a programação do dia.

O cortejo vinha primeiro, rapidamente seguido pelos jogos que se tornavam cada vez mais violentos e pavorosos, como imaginei que fossem. E ainda assim, não demorou muito até que me vi escorregando para a beirada da cadeira, envolvida na mesma empolgação de todos à minha volta. Vibrando e aplaudindo e batendo os pés — totalmente entretida com o espetáculo de mortes

terríveis e inimagináveis, enquanto uma após a outra, as carcaças, tanto de animais quanto de humanos, começavam a se empilhar.

E quando Theocoles ocupou o centro da arena, ficou imediatamente claro o motivo de ser tão venerado. Ele era carismático, tinha o magnetismo, era um astro brilhante em um mar de brutamontes sem charme. O tipo de guerreiro sobre o qual é fácil projetar todas as fantasias.

A batalha começou, e eu fiquei fixada junto com os outros — ávida por mais carnificina, mais matança, mais ferimentos, mais derramamento de sangue, consumida por um apetite insaciável por destruição que havia sido meramente aguçado pelas lutas anteriores. Dividida entre a ansiedade por ver Urbicus ser derrotado — transformado em pequenos pedacinhos ensanguentados — e a vontade de ver o espetáculo continuar, e continuar, e continuar, de modo que eu pudesse me sentir envolvida para sempre.

Estava fascinada pela arena, acompanhando de perto cada golpe, cada salto, cada giro da espada de Theocoles, até que alguém entrou na minha frente e bloqueou minha visão.

— Com licença! — Eu bati com força em seu ombro, desejando que Dacian interferisse e cuidasse disso para mim, mas nada atrapalhava sua visão e ele tinha os olhos grudados na arena, não querendo perder nada. — Você se importa de sair da minha frente? Estou tentando ver a luta, assim como você. Mas, diferente de você, não consigo ver nada pois está bloqueando completamente minha visão!

O estranho se virou, tirou os cabelos da frente dos penetrantes olhos verdes, revelando ser a mesma pessoa da noite anterior, só que vestido de forma muito mais apropriada, com uma toga azul e branca que ia até os joelhos.

Minha boca ficou seca, minha garganta esquentou e ficou apertada, enquanto minha cabeça girava de um modo que eu não conseguia definir.

Bem, sim, ele era bonito.

Muito bonito.

Incrivelmente bonito.

Mas não mais bonito do que Dacian.

Não mais bonito do que meu *novo namorado* Dacian.

Então por que eu me preocupava? Por que me sentia daquele jeito? Simplesmente não fazia sentido.

— Não sabia que você gostava tanto dos jogos, Riley. Normalmente você fica muito enjoada com tantos fermentos e tanto sangue. Normalmente tem muito mais respeito pela vida humana. Acho que a julguei mal.

— Meu nome não é Riley — retruquei. Era a única coisa de que eu tinha certeza.

— Não é? — Ele olhou atentamente para mim. — Bem, então me desculpe. Você me faz lembrar muito alguém que eu conheci. Alguém com quem estou *muito* preocupado. Alguém que estou procurando.

— Meu nome é Aurelia — disse eu, incapaz de parar de olhar para ele.

— Ah. — Ele fez um gesto positivo com a cabeça. — E o meu é Bodhi. — Ele tentou pegar em minha mão, mas por mais tentada que estivesse a deixar, recuei. Dacian podia estar entretido com os jogos, muito ocupado para notar, mas eu ainda não sabia se devia prosseguir com aquilo.

— Vocês dois estão juntos? — perguntou Bodhi, alternando o olhar entre mim e Dacian.

Confirmei com a cabeça, juntei os lábios e depois confirmei novamente.

— Então não vou mantê-la ocupada — declarou Bodhi. — Mas fico muito satisfeito em conhecê-la. Não conheço muita gente por aqui, então é bom ver um rosto familiar.

— Familiar? — Curvei as sobrancelhas, sem saber se ele dissera aquilo de propósito ou por um erro sincero.

Mas ele logo corrigiu, rindo com naturalidade.

— Foi isso que eu disse? Está vendo... Acho que você me lembra mesmo minha amiga *Riley Bloom*. Eu quis dizer *amigável*. É bom ver um rosto *amigável* por aqui. Essa multidão pode ficar agressiva, caso não tenha notado. Mas você parece ter se adaptado facilmente, não é? — Ele apertou os olhos enquanto sorria e me ofereceu novamente sua mão.

Olhei para Dacian, vendo que ele ainda estava entretido com os jogos. Estendi a mão para Bodhi. Observei-o abaixar a cabeça e roçar os lábios no dorso de minha mão. Depois, levantou os olhos e me lançou um olhar entristecido, logo interrompido pelo grito da multidão.

Theocolos havia caído e, quando vi, o estranho, Bodhi, estava correndo na direção da arena, na direção de Theocolos, e eu me virei para Dacian e perguntei:

— O que está acontecendo? O que ele está fazendo?

— Ele caiu — respondeu Dacian, sacudindo a cabeça com pena.

— O Pilar da Destruição caiu.

Olhei para Dacian e para a arena.

— Não, estou perguntando daquele cara, o estranho da noite passada. O que ele está fazendo lá embaixo?

Dacian apertou os olhos e franziu a testa confuso.

— Não faço ideia.

Eu me levantei e abri caminho até a borda da tribuna, onde vi Bodhi se ajoelhar ao lado de Theocolos, falando insistentemente em seu ouvido.

— Não entendo — disse eu, voltando-me para Dacian, que fora até onde eu estava. — O que eles estão fazendo lá embaixo? O que está acontecendo aqui?

Eu olhava para todos os lados loucamente, perguntando-me por que mais ninguém estava incomodado com o que eu via com tanta clareza.

— Acho que o calor e o espetáculo nos afetaram. — Dacian riu, pegando minha mão e me levando embora dali. — É um

acontecimento trágico, completamente inesperado, para dizer a verdade. O que me diz de encontrarmos um lugar tranquilo para nos sentar, um lugar onde possamos nos acalmar? Logo anoitecerá, e quando tudo estiver escuro podemos procurar nossas constelações favoritas mais uma vez. — Ele olhou para mim com uma expressão tão aberta e tão esperançosa que me pareceu impossível resistir.

Ainda assim, consegui me afastar, consegui voltar para a frente da tribuna para poder olhar para a arena. Fiquei surpresa em ver Messalina lá embaixo, seguindo Theocoles, que seguia seu próprio cadáver, que era arrastado para fora, para trás daqueles pesados portões de ferro. E Bodhi permanecia parado lá no meio, com o olhar fixo no meu, dizendo alguma coisa que eu não conseguia entender, ainda que me esforçasse muito.

Nosso olhar foi interrompido quando ouvi uma onda de risadas e um barulho, senti uma luz tocar primeiro em meu braço, depois em minha testa. E quando me virei, estava no meio de uma festa com Messalina rindo ao meu lado enquanto me apresentava a um menino muito lindo que se chamava Dacian.



Eu precisava tomar ar. Precisava sair do meio daquela multidão e do barulho. Por mais bonito que fosse Dacian, precisava me afastar um pouco dele também.

— Pode esperar por mim aqui? — Eu sorri, passando as mãos pelos cabelos e os deixando mais cheios, mais volumosos, sabendo só de olhar que ele estava tão enlouquecido por mim que faria qualquer coisa que eu pedisse àquela altura.

— Eu vou com você — declarou ele, movimentando-se para me acompanhar.

Mas foi interrompido pela objetividade de meu firme “não”.

Ele se afastou e me lançou um olhar magoado.

— Por favor — pedi, ressentindo-me da necessidade de suavizar o tom, mas sabendo que era necessário. Ele era legal, era lindo, não havia motivos para chateá-lo. — Só preciso de um instante sozinha. Voltarei antes que se dê conta, prometo.

Ele concordou com certa relutância, mas foi o suficiente para me liberar. E embora tivesse vontade de correr, obriguei-me a andar enquanto abria caminho por um labirinto de convidados e chegava até a porta.

Apoiei-me na sacada, inclinei a cabeça para trás e me perdi na noite, esperando que o ar fresco funcionasse como mágica e encontrasse um jeito de curar minha confusão mental, todos os sentimentos estranhos que me torturavam por dentro.

Eu tinha tudo o que uma garota podia querer e, ainda assim sentia que faltava alguma coisa, embora não tivesse ideia do quê.

Olhei para o céu em busca das constelações, encontrando com facilidade a Cassiopeia, a Draco, mas com um pouco de dificuldade para identificar Andrômeda.

— Andrômeda está bem ali.

Eu gelei, esperando encontrar Dacian, mas surpreendendo-me ao dar de cara com um estranho.

— Como sabia que eu estava procurando Andrômeda? — Passei os olhos por ele, observando os cabelos castanhos, olhos esverdeados brilhantes, e um estranho objeto verde entre seus dentes.

— Porque Andrômeda é sua preferida. — Ele sorriu, dando outro passo em minha direção.

— E como você sabe disso? — perguntei, um tanto impaciente.

— Boa pergunta. — Ele fez um gesto com a cabeça, fingindo pensar. — Como eu poderia saber? — Ele se movimentou até chegar ao meu lado, sussurrando: — *Pense*, Riley. Feche os olhos, bloqueie tudo isso e faça um esforço para pensar. Como eu poderia saber? Tente se lembrar, se conseguir.

— Eu... Eu não sei... — Olhei ao meu redor, de repente me arrependendo da decisão de ter saído sozinha. — E por que está me chamando de Riley?

— Porque é o seu nome.

— Meu nome é Aurelia — retruquei, embora fosse impossível disfarçar o tom duvidoso de minha voz.

— É mesmo? — Ele virou a cabeça de lado, passou o objeto verde pelos dentes da frente e ficou me encarando insistentemente.

— Ouça, eu não sei o que você... — As palavras morreram em minha língua quando um belo animal de pelo amarelo correu para o meu lado, balançando o rabo felpudo com empolgação e lambendo meus dedos alegremente. — O que é isso? — perguntei, sem saber ao certo se devia ficar honrada pela atenção daquela fera ou com nojo por ter babado em mim.

— É o Buttercup. Seu cachorro. E ele está muito feliz em ver você. Está sumida há muito tempo, Riley. Tempo demais. Nós ficamos muito preocupados com você.

— Preocupados? Comigo? Por que ficariam preocupados comigo?

— Porque eu... — O estranho fez uma pausa, obrigou-se a desviar o olhar por um instante antes de voltar a me encarar e começar novamente. — Porque me preocupar com você é o *meu trabalho*.

— Seu *trabalho*? Quem é você? Meu anjo da guarda ou algo do tipo? — Eu ri só de imaginar.

— Eu sou seu guia. Não é bem a mesma coisa, embora existam algumas semelhanças.

— Tem ideia da loucura que está dizendo? — Sacudi a cabeça, dizendo a mim mesma que deveria ir embora, voltar para a festa, e bem rápido.

Mas havia algo que me impedia.

Algo que me fazia permanecer bem ali.

— Só porque uma coisa parece loucura, não quer dizer que não seja verdade. — Ele abaixou a cabeça e olhou para mim por entre uma densa camada de cílios. — Às vezes é necessário dar um salto de fé, ignorar o que se está vendo, o que as outras pessoas dizem, e se concentrar no que sabe lá dentro, no fundo do coração.

Alternei o olhar entre o estranho e a fera, depois comecei a me virar, interrompida pelo som de sua voz.

— Você está muito bonita, Riley. Sério.

Perdi o fôlego e fiquei toda arrepiada.

— Entendo por que escolheu ficar. Assim que a vi desse jeito, fiquei até sem ar. — Ele sacudiu a cabeça, passou a mão agitada no queixo. — E agora que eu confessei isso, só espero que quando descobrir como tirá-la daqui, você não se lembre de nada.

Girei os anéis em minhas mãos, incapaz de parar de olhar para ele, memorizando com cuidado suas palavras, sentindo que significavam muito mais do que parecia, certa de que eu já havia desejado escutá-las, embora não tivesse a mínima ideia de quem era ele.

Ou tinha?

Eu não sabia mais ao certo.

— Você sabe que nada disso é real, não sabe? — Sua voz era suave, o olhar repleto de gentileza. — Sabe que precisa aceitar isso, precisa encontrar uma saída. Você pode ter tudo isso e muito mais. Na verdade, estava caminhando para isso. Só precisa ser paciente, Riley. A hora vai chegar. Eu prometo. Você pode ter tudo o que quiser em Aqui & Agora, não precisa ficar aqui.

Aquela sensação de formigamento que suas palavras trouxeram desapareceu com a mesma rapidez que surgiu. Ele estava errado. Eu *precisava* estar ali. Tudo o que eu era dependia disso. Ele não tinha ideia do que estava falando.

— Ouça — disse eu, olhando nos olhos dele, com a voz cheia de veneno. — Eu não sei quem você pensa que é, mas...

— Meu nome é Bodhi. — Ele fez um gesto positivo com a cabeça. Depois, apontou para a fera. — Sou seu guia, Buttercup é seu cachorro, e você *não* é Aurelia, você é Riley. Uma Apanhadora de Almas de doze anos de idade que mora em Aqui & Agora. Você está visitando Roma para um trabalho. Deve encontrar um gladiador chamado Theocolos e convencê-lo a atravessar a ponte. Você *não* pertence a essa época. Essa *não* é sua casa. Essas pessoas *não* são seus amigos. E essa *não* é sua verdadeira aparência na vida real. Você está morta. É já é hora de encontrar a saída e prosseguir com seu pós-vida.

Morta?

Morta!

Fechei os olhos com força e tentei impedir o surgimento de lágrimas cristalinas que ameaçavam escorrer pelo meu rosto. Agarrando as saias e sacudindo a cabeça, olhei para ele uma vez mais.

— Não! *Não*. — Mas minha voz soava cansada, falha, sem nenhum sinal de convicção. — De jeito nenhum. Você precisa ir embora. Você precisa sair daqui *agora* e precisa levar sua... — Engoli em seco, arrependendo-me das palavras antes de dizê-las. Mas eu não tinha escolha. Estava desesperada para conservar Aurelia, e quanto mais eles ficassem, mais impossível seria. — Você precisa levar sua fera fedorenta daqui antes que eu grite por ajuda e os dois sejam arrastados para fora.

A fera olhou para mim com os olhos caídos e o rabo enfiado entre as pernas assim que me ouviu chamá-la de *fedorenta*. E embora aquilo me chateasse, não me desculpei. Eu precisava me livrar deles, voltar lá para dentro. Minha nova vida como Aurelia dependia disso.

— Riley, por favor...

Bodhi, o estranho que dizia ser meu guia, estendeu o braço em minha direção e tocou em mim, passando os dedos em volta de meu pulso, convidando-me a segui-lo — e eu quase cedi, quase fui com ele, até que Messalina apareceu do nada, com Dacian a seu lado.

— Algum problema? — Ela apertou os olhos com raiva.

Eu me soltei de Bodhi e esfreguei o local em que seus dedos tocavam meu braço, como se mal pudesse esperar para apagar qualquer vestígio dele.

— Está tudo bem — respondi, dando um passo à frente para ficar ao lado de Dacian. — Ele veio parar na festa errada e me confundiu com outra pessoa, mas agora que já sabe a verdade,

agora que sabe que eu *não* sou a garota que ele procura, ele e sua fera estão indo embora. Não estão?

Estreitei o olhar sobre Bodhi, encarando-o o máximo possível. Meu coração estava afundando, uma sensação de náusea me invadia, combatendo o ímpeto de correr atrás deles, quando ele se virou e saiu, com o cachorro junto.

Messalina, satisfeita com a partida deles, deixou-me aos cuidados de Dacian assim que os dois se foram. Ficamos olhando para o vasto céu da noite, apontando para nossas constelações preferidas, inclusive uma que ele batizou em minha homenagem. E não demorou muito para ele fechar os olhos, aproximar-se de mim e me beijar.



Quando Theocoles caiu, todo o Coliseu ficou em silêncio. Olhei para Dacian, vendo sua cara cair, a boca ficar escancarada. Depois olhei para Messalina, que estava atrás de mim, e notei que ela era a única que não conseguia nem mesmo olhar.

Quando Theocoles se desvirou e seus olhos procuraram os de Messalina, a multidão rapidamente se recuperou, se virou para ele e entoou: “Mate!”

E quando Urbicus ergueu sua espada, esperando pelo consentimento do imperador, quando Messalina já tinha saído, incapaz de ver o massacre de seu amado mais uma vez, quando um estranho chegou perto de mim e se esforçou para olhar em meus olhos, larguei a mão de Dacian e saltei, pulei, dei um jeito de chegar ao centro da arena, tomada por um ímpeto e uma força que não sabia que tinha.

— *Theocoles!* — gritei, sabendo que precisava agir rapidamente, pois não havia tempo para sutilezas, não havia tempo a perder. — Theocoles, pare!

Eu caí de joelhos ao lado dele, registrando o olhar chocado em seu rosto ao observar o estado pavoroso de seu triste cadáver decapitado.

Repeti as mesmas palavras que dissera antes — mas, também como antes, não consegui fazer com que me ouvisse, pois ele sempre resistia.

— Ganharei sua estima e eles voltarão a me adorar! — gritou ele, levantando-se, pegando o capacete e enfiando-o na cabeça. — Não serei esquecido! Serei lembrado! Terei a admiração de todos novamente!

Ele recolheu a espada, pegou o escudo, e eu estava prestes a tentar falar com ele novamente quando Messalina surgiu atrás de mim.

— Você é muito mais forte do que parece. — Seu olhar queimava em meus olhos enquanto ela se aproximava. — Você é surpreendentemente resistente para uma *jovem* da sua idade.

Ela parou bem na minha frente. Suas palavras soavam penetrantes, escolhidas a dedo, com cuidado, e eu soube sem nem precisar olhar que o efeito daquela magia já havia passado.

Eu não era mais a linda adolescente Aurelia — havia voltado a ser a magricela e mirrada Riley Bloom. Inundada por uma onda de tecido azul que pendia de forma pouco atrativa, enquanto Messalina sacudia a cabeça com pena e estalava a língua no céu da boca.

— O que Dacian diria? — pensou ela alto.

Dacian.

Eu suspirei, certa de que ele nem teria o que dizer se me visse assim. Droga, ele nem me reconheceria no estado atual — e definitivamente não atravessaria salões só para me encontrar, muito menos daria meu nome a constelações, muito menos tentaria pegar em minha mão e me beijar.

Mas logo me ocorreu outra ideia. Algo tão terrível que hesitei em dizer em voz alta.

Então, obriguei as palavras a saírem de minha boca.

— Eu não sei, Messalina. O que Dacian *diria*? — Levei o dedo ao queixo, curvei os lábios como se refletisse profundamente. — Meu palpite é que ele diria o que você o fizesse dizer, já que, afinal

de contas, ele é criação sua, não é? Tão desalmado quanto os convidados de sua festa interminável, tão desalmado quanto os nobres romanos que lotam a tribuna de seu tio. — Eu a encarei, querendo que soubesse que embora pudesse estar magoada por me dar conta que meu namorado era uma farsa, eu me recusava a ficar arrasada. — Tão desalmado quanto todos aqui. Menos você, eu e, é claro, Theocoles.

— É isso que você pensa? — perguntou ela, em voz baixa e suave.

Eu encolhi os ombros. Bem, não tinha certeza absoluta, não tinha provas, mas me parecia uma teoria muito boa.

— Sinto falta de nossa amizade — murmurou ela, mudando de assunto, recusando-se a confirmar ou negar. — Nós éramos tão amigas, não éramos? — Ela sorriu lentamente, como se estivesse perdida em suas lembranças. — Acredite quando digo que foi realmente o período mais divertido que passei nos últimos tempos. Não há nada que você diga que me faça mudar de ideia.

— Você me *enfeitiçou!* — Sacudi a cabeça, mal acreditando no que ela dissera. — Você me lançou um encanto. E sempre que eu começava a encontrar a saída, você esfregava a mão na minha testa e me deixava inconsciente de novo!

— É? E daí? — Ela deu de ombros. — Está querendo me dizer que não gostou?

Apertei os lábios e enterrei as mãos nas pregas da saia, sabendo que tinha gostado. Tinha gostado mais do que gostaria de admitir. Tinha gostado tanto que preferi ficar, fingir, mesmo depois que Bodhi e Buttercup conseguiram me despertar.

O mundo de Messalina era atraente, tentador — permitiu que eu vivesse meu próprio conto de fadas, o tipo de vida com que sempre sonhei, com festas sofisticadas, vestidos bonitos e um príncipe lindo ao meu lado. Se continuasse enfeitiçada por ela, seria feliz por um bom tempo, talvez por toda a eternidade. Viveria o mesmo dia repetidas vezes, é claro, mas eu não saberia a diferença.

Mas ao mesmo tempo em que seu mundo era suave e confortável, oferecendo tudo que eu poderia desejar, tudo veio muito fácil. Paciência e esforço têm o seu valor.

Realizar um sonho à moda antiga, por real merecimento, tem seu valor.

— Não precisa acabar, sabia? — Ela sorriu, levantou a mão. — Você é a irmãzinha que eu sempre quis, podemos voltar àquilo facilmente. Basta dizer que sim e está feito.

Minha franja estava caída na testa, enquanto o corpete de meu vestido escorregava de modo constrangedor, apresentando dois bons motivos para eu dar meu consentimento, juntamente com uma pilha de outros que faziam fila atrás deles. Eu só precisava permitir que ela esfregasse o dedo em minha testa e eu me desmontaria de felicidade. Mas, por mais tentador que fosse, resisti:

— Não. — Minha expressão era severa, os olhos apertados, para que ela soubesse que eu estava falando sério. — Além disso, já tenho uma irmã, e um dia ficaremos juntas novamente. Mas por enquanto, fico satisfeita com as lembranças. — *Lembranças e visitas ocasionais ao Observatório, sem contar a Terra dos Sonhos.* Apontei com a cabeça para Theocoles, depois voltei a olhar nos olhos dela. — Você sabe que tenho um trabalho a fazer. Sabe que estou aqui para conseguir falar com ele, para ajudá-lo a seguir em frente.

— E você sabe que não posso deixá-la fazer isso — disse ela, com um arrependimento sincero no rosto.

— Então parece que chegamos a um impasse — disse eu, vendo-a se virar e olhar para ele.

Olhar para uma cena que acontecera pela primeira vez há vários séculos. Aquela em que Theocoles, perplexo, contemplava o próprio corpo morto que era arrastado para fora da arena.

Minha voz gritava por ela.

— Isso não termina aqui! Não desistirei até concluir o que vim fazer! — dizia eu.

As palavras passavam despercebidas enquanto o gladiador e sua namorada desapareciam atrás dos grandes portões de ferro.



— Riley! — Bodhi gritava meu nome, tentava me alcançar, mas eu continuava andando, desviando-me dele, desviando-me do pobre Buttercup que gania, indo na direção do Coliseu e saindo para a rua.

— Você foi ótima lá dentro — elogiou Bodhi, correndo para me acompanhar. — Sério, como seu guia, preciso dizer que fiquei realmente impressionado.

Desabei sobre uma pedra grande e enterrei o rosto nas mãos.

— É? Bem, pois não deveria. Tudo não passou de um fracasso colossal desde o momento em que cheguei aqui — resmunguei.

— O que você acha? — Bodhi se sentou ao meu lado e Buttercup tentou cheirar e lambe meus dedos, mas eu o afastei.

— O que você acha? — perguntei, sabendo que estava agindo como uma fedelha, mas incapaz de expressar o motivo real por trás disso.

Foi o jeito que Bodhi me olhou quando eu era Aurelia — *versus* o jeito que me olhava naquele momento. Os dois eram extremos opostos, mundos separados, tão diferentes quanto eu e, bem, tão diferentes quanto eu e Aurelia.

— Você conseguiu se livrar — observou Bodhi. — É a primeira Apanhadora de Almas a conseguir isso.

— Eu não consegui nada — informei a ele. — Consegui me livrar por sua causa e de Buttercup. O surgimento de vocês quando eu estava na sacada desencadeou alguma coisa dentro de mim, mas eu fiz o possível para combatê-la e poder continuar a viver como Aurelia. — Levantei a cabeça e procurei os olhos dele. — E, só para avisar, ouvi tudo o que você disse. Eu me lembro de *tudo*. — Lancei-lhe um olhar penetrante, imaginando se entendera ao que eu me referia: a parte em que ele confessou que eu, ou melhor, eu passando por Aurelia, fiz com que ele perdesse o fôlego. Sacudi a cabeça e resmunguei, fiz um gesto com as mãos desejando poder apagar o que havia acabado de dizer. Não havia motivo para continuar falando daquilo. — Só não deixei transparecer porque não queria sair dali. Antes de concordar com a entrada no mundo dela, fiz com que promettesse que não me aprisionaria. Mas quando me aprisionou, não me esforcei muito para me libertar. Messalina me deu tudo o que eu sempre quis e ainda mais. E, pelo menos naquele momento, o Aqui & Agora não era capaz de competir com a vida de conto de fadas que ela havia criado para mim.

— Então, o que fez com que mudasse de ideia? — perguntou ele, com a voz suave, porém curiosa.

Abri a boca para responder: *Você*.

Abri a boca para dizer que só pensar em estar ao lado dele, mesmo presa no corpo da pequena Riley Bloom, a menina que ele nunca levaria a sério, foi o que me fez mudar de ideia. Mas não consegui chegar às palavras.

Então, em vez disso, engoli em seco.

— Buttercup. — Bati com a mão no colo convidando meu cachorrão a subir. Agarrei-o com força junto ao peito que havia voltado a ser reto. — Senti falta do Buttercup. — E então enterrei o rosto no pelo dele, murmurando minhas desculpas em seu ouvido. — Sinto muito por chamá-lo de fedorento, porque você não é, pelo menos não no mal sentido, não como o *ludus*. Você tem cheiro de ar fresco, raios de sol e... — Enfiei o nariz bem fundo em seu pescoço.

— E morangos! Você estava rolando em algum campo de morangos? — Olhei dentro de seus grandes olhos castanhos, esperando encontrar um indício de perdão. E quando ele latiu empolgado, quando lambeu meu rosto e deixou uma poça de baba nas minhas bochechas, soube que estávamos bem novamente.

— E agora? — perguntou Bodhi. A questão era tão ampla que eu não soube muito bem o que quis dizer: *E agora, o que vamos fazer depois de nossa experiência estranha?*

Ou mais para: *O que vamos fazer agora — qual a estratégia para conseguirmos cumprir nosso objetivo?*

Preferindo ficar com a opção menos desconfortável, olhei para o meu vestido e apertei a faixa dourada em torno da cintura.

— Bem, tenho certeza de que poderemos encontrar Messalina e Theocoles em um de dois lugares, a festa ou os jogos. Até onde eu sei, eles ficam revivendo as mesmas duas experiências repetidas vezes.



Eu estava esperando encontrá-los nos jogos, já que não aguentava mais aquela cena da festa. E, sinceramente, estava esperando evitar Dacian também.

Em parte, por vaidade — não conseguia suportar a ideia dele me ver como eu mesma, minha *verdadeira* aparência, em oposição ao que eu seria no *futuro*. E, em parte, porque eu tinha quase certeza de que ele não era mesmo real. Tinha quase certeza de que ele não passava de uma materialização de Messalina para me distrair com mais eficiência. O fato de haver recusado a confirmar ou negar, o fato de ter desviado do assunto, servia para provar.

Mas, por um golpe de sorte, quando chegamos, a festa estava no auge, Messalina já havia descido para o *ludus*, e não havia sinal de Dacian, o que apenas confirmava minhas suspeitas. Dacian era falso. Se não fosse, estaria lá, fazendo as mesmas coisas idiotas de sempre. Mas como eu não participava mais daquilo, Messalina podia tirá-lo da lista de convidados. Ainda assim, embora já suspeitasse, não vou mentir que continuava sendo muito doloroso.

Doía de um jeito que até me surpreendeu.

Meu romance de conto de fadas não só fora completamente superficial — baseado em uma mentira —, mas, na verdade, não

chegou nem mesmo a existir.

Meu primeiro beijo de verdade não foi nem um pouco real — veio de uma aberração desalmada disfarçada de Príncipe Encantado. E eu queria tanto que fosse verdade que logo aceitei a ilusão criada por Messalina.

Não é lastimável?

Descemos as escadas, passando pela multidão de fantasmas de gladiadores enfurecidos até chegarmos à penúltima cela, onde fiz sinal para Bodhi espiar pela pequena abertura quadrada no alto, observar a cena que eu já conhecia tão bem.

— Uau, ele está realmente preso — sussurrou Bodhi, tirando os olhos da porta e se virando para mim.

Eu olhei para ele, de repente me dando conta de uma coisa que não havia notado antes.

— O que foi? — As sobrancelhas de Bodhi se juntaram e Buttercup inclinou a cabeça e ficou me olhando com curiosidade.

— Fale de novo — pedi. — Repita exatamente o que acabou de dizer, no mesmo tom de voz.

Ele olhou para mim como se eu estivesse enlouquecendo, mas rapidamente prosseguiu.

— Uau, ele está realmente preso — sussurrou. Depois olhou para mim, esperando pela grande revelação.

— É isso! — Eu o afastei da porta e fiz um sinal para Buttercup correr ao meu lado, olhando para trás e dizendo: — Ouça, quando chegarmos ao alto das escadas, sairemos no Coliseu. Não sei como isso acontece, só sei que sempre foi assim das outras vezes, então tenho certeza de que acontecerá novamente. Faça o que eu disser, está bem?

Bodhi concordou, confiando totalmente em mim. E quando subi correndo as escadas e cheguei ao patamar, descobri que estava mesmo no mundo de Messalina — e que as regras do jogo poderiam mudar em um instante.



Fiquei olhando confusa, sem saber como aquilo havia acontecido. Não estávamos nos jogos, nem nas proximidades do Coliseu, pelo que podia ver. A única coisa de que tinha certeza é que Messalina estava mexendo comigo. Se não podia me manter sob seu encanto, então me manteria presa em seu labirinto.

Bodhi virou a cabeça, olhando para mim à espera de instruções. Imaginando que, por haver passado tanto tempo aqui, eu deveria saber o caminho. E nesse momento, de repente entendi melhor seu trabalho — a grande responsabilidade envolvida em guiar os outros. Também entendi como devia ter sido horrível para ele ser obrigado a ser meu guia, quando minha tendência era contradizê-lo o tempo todo, garantindo que seu trabalho não fosse nada fácil.

Certamente, ficar presa em um labirinto de salas brancas e vazias que pareciam todas iguais, sentindo-me completamente perdida enquanto meu cão e meu guia esperavam que eu os conduzisse para a saída, era o troco que eu tanto merecia. Mas, sendo um troco merecido ou não, eu não tinha outra escolha além de superar e fazer o que fosse preciso para encontrar uma saída.

Obriguei-me a ficar quieta e imóvel, de olho em sinais que pudessem ajudar. E não demorou muito até eu escutar um barulho

vindo de um lugar próximo e fazer sinal para Bodhi e Buttercup me seguirem. Percorremos uma série de corredores, uma sucessão de salas idênticas, seguindo na direção do som de risadas, música e conversa que parecia ficar cada vez mais alto a cada passo que dávamos. Mas não importa o quanto andássemos, não conseguíamos localizar a fonte, nunca chegando mais perto do que quanto começamos.

Eu parei tão de repente que Bodhi se chocou contra mim e Buttercup bateu nele — a reação em cadeia me desequilibrou, obrigando-me a encostar na parede para me estabilizar.

— Desculpe — sussurrou Bodhi, começando a dizer mais alguma coisa quando levei o dedo aos lábios, alertando para que ele e Buttercup ficassem em silêncio.

Ouçã, pensei, sabendo que ele podia ouvir aquilo tão claramente quanto qualquer palavra que eu dissesse. *Ouçã com o máximo de atenção que puder.*

Bodhi se inclinou para a frente e Buttercup o imitou levantando uma orelha e segurando a pose por um instante antes de se virarem para mim, confusos.

Não ouço nada — pelo menos nada que se destaque em meio às risadas e conversas. Bodhi olhou para mim, extremamente confuso.

Fiz um sinal positivo com a cabeça. Finalmente havia entendido aquilo de que antes só desconfiava.

— Em vez de *seguir na direção* do barulho, devíamos nos *afastar* dele.

Bodhi olhou para ambos os lados e voltou a olhar para mim.

— O barulho é uma distração. Está nos desviando de nosso objetivo. Assim como está impedindo que Theocoles siga seu destino.

Bodhi suspirou, deu de ombros, sem entender nada do que eu estava falando, mas ansioso para continuar com aquilo. E então apontou com o polegar por sobre o ombro.

— Então devemos ir para o outro lado?

Fiz que sim com a cabeça.

— Na direção do silêncio. — Passei na frente dele, assumindo a dianteira. — Na direção do lugar onde o barulho não passe de um murmúrio. É onde o encontraremos, e para onde devemos conduzi-lo também.



Voltamos pelo labirinto, descendo as escadas e retornando ao *ludus*, afastando-nos do barulho que Messalina havia materializado para nos enganar, até chegar à longa fileira de celas, onde eu parei, escutei com atenção e, ouvindo a vibração da multidão, seguimos na direção de onde ela vinha.

— Espere, achei que tínhamos que nos *afastar* do ruído — disse Bodhi, mantendo o ritmo ao meu lado.

— Tínhamos. — Confirmei com a cabeça, acelerando o passo.

— Mas agora estamos indo na direção dele, de novo.

— É. — Dei uma série de voltas, tentando não pensar demais, pois só levaria a dúvidas e confusão. Se quisesse acabar com aquilo, precisava confiar em meus instintos.

— Eu não entendo — disse Bodhi, desanimado, como se estivesse pronto para assumir o controle.

— Pode não entender agora, mas logo entenderá. Prometo. Você precisa confiar em mim.

Olhei para ele, para seus cabelos caídos no rosto e a densa fileira de cílios, mas desviei o olhar rapidamente. Não sabia muito bem por que sentia uma repentina onda de perda quando estávamos nos relacionando melhor do que nunca, mas sem dúvida

as coisas haviam mudado. Mudado em uma dimensão muito maior do que nós dois podíamos perceber. Se era uma mudança boa ou ruim, ainda não dava para saber — eu só tinha certeza de que toda mudança vem da perda de algo que havia antes.

— O barulho da festa era uma estratégia para nos distrair, para nos levar na direção de algo que não existia — disse a ele. — Foi materializado por Messalina. Não existem convidados na festa. É ela quem cria essa impressão. A única coisa real é o que acontece entre ela e Theocoles.

— E os outros Apanhadores de Almas? Você encontrou algum deles? Será que ainda estão por aí, disfarçados de convidados da festa, gladiadores, escravos da casa e sabe-se lá mais o quê?

Dei de ombros. Não tinha como saber o que havia acontecido com eles e, por mais que odiasse dizer, aquilo não era da minha conta. Já me haviam alertado a respeito de criar minhas próprias missões. Foi uma lição que aprendi da forma mais difícil, mas pelo menos posso dizer que aprendi de verdade. O que significava que o destino de qualquer um, exceto Theocoles, não era da minha conta. O Conselho estava no comando, não eu.

— Trataremos disso depois. — Olhei por sobre o ombro. — Por enquanto, só precisa saber que encontrará Theocoles no lugar onde escutar a vibração do povo. Foi por ela que ele viveu, por ela que morreu inadvertidamente, e é a única coisa da qual se recusa a abrir mão.

Viramos em outro corredor e eu não pude conter o sorriso de triunfo quando a luz atingiu meus olhos com tanta intensidade que fui forçada a quase fechá-los e proteger o rosto com a mão.

— O Coliseu — disse Bodhi, enquanto o pobre Buttercup farejava o ar e olhava ao redor ansiosamente, sentindo a agonia de todos os animais que estiveram ali para morrer de forma terrível. — O *ludus* tinha uma passagem que levava diretamente a ele. Acho que havia esquecido.

Ficamos perto dos grandes portões de ferro, assistindo aos últimos minutos da luta — os momentos que restavam antes da morte de Theocoles —, antes de a multidão desdenhá-lo, virar-se contra ele e exigir que ele pagasse pelo que entenderam como um ato de covardia. E eu olhei para Bodhi.

— Por favor, espere aqui. Por favor, deixe-me cuidar disso. — Depois, sem dizer mais nada, saí correndo na direção da arena, sabendo que Messalina sempre demorava um pouco para chegar, mas que sem dúvida chegaria. Era uma dança que eles haviam repetido várias vezes, e Messalina estava tão presa a ela quanto ele. Aparentemente, também estava de olho em mim, porque mal consegui atravessar a areia e ela apareceu bem na minha frente.

— Se não quiser ficar e aproveitar a festa, talvez devesse ir embora. Tentei ser uma boa anfitriã. Tentei lhe dar tudo o que seu coração desejava. Mas não pareceu ser suficiente. Você quer mais. Quer algo que nunca poderei permitir que tenha. Não pode me derrotar, Riley. Nem você, nem seus amigos. — Ela apontou para o local onde estavam Bodhi e Buttercup. — Então talvez tenha chegado a hora de nos despedirmos.

— Eu pensei que você o amasse! — Eu me aproximei dela. — Pensei que quisesse ficar com ele! Pensei que estivessem planejando um futuro juntos! — Olhei para ela. Seus olhos brilhavam muito enquanto estava parada diante de mim, soberba, magnificente, rainha de seu próprio conto de fadas trágico.

— É verdade — disse ela, calmamente. — E terei tudo isso, você vai ver. Mas quando acontecer, será por *minha* causa. *Minha*, Riley, e não *sua*! Meu amor vai fazê-lo superar. Um dia ele olhará novamente para mim, no tempo atual, não em uma miragem da vida passada. Um dia ele me verá de verdade em sua frente, e isso bastará. Ele se lembrará do amor que tínhamos um pelo outro e isso o tirará do passado. Mas precisa vir de *mim*, Riley. Por que não é capaz de entender? Por que simplesmente não nos deixa em paz?

Fiquei de queixo caído enquanto um novo entendimento começou a tomar forma.

— Você acha que é culpa sua. — Olhei nos olhos dela e soube que era verdade pelo modo que ela se contraiu. — Você acha que Theocoles culpa você pelo que aconteceu com ele.

— O quê? E você vê de outra forma? — Ela me lançou um olhar de compadecimento. — Ele foi morto porque se virou para olhar para *mim*! Ele perdeu a luta. Não há dúvida disso, embora fosse o favorito da multidão, certamente o teriam poupado... certamente gritariam *viva* em vez de *mate* se ele não tivesse feito o que fez. Como saberiam que seu olhar estava à minha procura? Ninguém sabia de nosso envolvimento, ninguém *podia* saber de nosso envolvimento, meu tio nunca permitiria! Ele interferiria e faria o que fosse preciso para impedir. Mas, por obra do destino, meu tio teve aquilo que desejou. Eu estava ao lado dele quando Theocoles olhou em meus olhos, e foi aí que meu tio confirmou o que já suspeitava. Mas ele sussurrou no ouvido do imperador? Ele deu um jeito de intervir? Não. Permitiu que aquilo acontecesse. E, quando terminou, virou-se para mim e disse: “É para o seu bem. Um dia você vai me agradecer.”

Ela sacudiu a cabeça, carregando a perda no olhar enquanto ainda estava fresca.

— Então não se engane, Riley. Theocoles *me culpa*. Estou aqui há séculos e não consegui chegar até ele nenhuma vez. Ele se recusa a me ver, a menos que esteja revivendo uma cena do passado. Ele adora a multidão. É um amor com o qual não posso competir, um destino que tive que aprender a aceitar. Mas meu amor por ele está maior do que nunca e, em todos esses anos, não diminuiu nem um pouco. Na verdade serviu para me deixar mais determinada. Então, por favor, por favor, deixe-nos continuar com o que estamos fazendo. Volte daqui a uns cem anos, se precisar, mas por enquanto nos deixe em paz.

— Está disposta a aguardar mais um século?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mais cem anos da mesma rotina idiota?

— Pode ser a mesma, mas certamente não é idiota. Eu posso ficar perto dele, e isso é tudo o que importa para mim.

Olhei para ela, para aquele fantasma belo e charmoso que cheguei a confundir com uma amiga. E apesar do mal que havia atribuído a ela, não consegui deixar de sentir pena. Ela estava desorientada, não havia como negar, mas fizera tudo por amor.

Olhei para a areia, tomada por um dilema inesperado. De jeito nenhum eu a deixaria em paz por outros cem anos, isso estava fora de questão. Principalmente quando sabia exatamente como acordar Theocolos do passado — sabia como chegar a ele. Era uma descoberta que certamente me colocaria no Hall da Fama dos Apanhadores de Alma — se existisse algo do tipo —, uma descoberta sobre a qual todos os outros Apanhadores de Almas falaria, impressionados, por anos e anos. Poderiam até mesmo criar um feriado com o meu nome para celebrar o que certamente será uma vitória monumental.

Acontece que aquilo não precisava ser feito por *mim*. Eu poderia facilmente contar o segredo a Messalina e fornecer o roteiro a ela. Afinal, ela passou os últimos séculos só esperando por esse momento — e eu não sabia se podia roubar aquilo dela — mesmo que resultasse em muita glória para mim.

Afundi o dedão do pé na areia, sabendo que seria fácil passar por ela e ocupar o centro da arena.

Fácil, mas não necessariamente correto.

E definitivamente nem um pouco amável.

Soltei um grande suspiro e olhei para ela.

— Como, em hipótese alguma, vou deixá-la aqui pelos próximos cem anos, darei uma dica: se quer chegar a Theocolos, precisa aprender a murmurar...



— Eu não entendo. — Ela alternava o olhar entre mim e o gladiador com uma expressão repleta de crítica e desdém. — Como isso pode funcionar? Ele só responde à vibração do povo. E, no que depender dele, quanto mais alto, melhor. Por que prestaria atenção em algo que mal pode ouvir? Algo que certamente seria abafado pelo barulho?

— Porque às vezes existe mais valor no silêncio do que no ruído — disse eu, desesperada para que ela entendesse o que eu mesma acabara de descobrir. — Às vezes tudo o que você precisa saber está contido em um pequeno espaço silencioso. Às vezes ficamos tão envolvidos com distração, barulhos e a busca da aprovação dos outros que esquecemos da semente serena da verdade que mora em nosso coração. Mas só porque não conseguimos nos sintonizar com ela, não significa que não está lá. Theocoles ama você. Eu sei porque vi vocês dois juntos na cela dele, vi o olhar que ele lhe lançou depois que caiu na arena...

— Sim, e por causa daquele olhar ele se recusa a olhar para mim agora. — Ela sacudiu a cabeça e cruzou os braços no peito. — Sinto muito, Riley. Sei que só está tentando ajudar, o que é incrível

depois de tudo que passou em minhas mãos, mas eu simplesmente não vejo motivos para...

— Eu não tinha motivos para experimentar o vestido azul no dia em que nos conhecemos. Não tinha motivos para materializar uma versão nova e melhorada de mim. Mas no final, funcionou. Não importa o que aconteceu depois, pelo menos por algum tempo os resultados me deixaram feliz. — Acenei positivamente com a cabeça, querendo que ela percebesse a verdade por trás de minhas palavras, mas ela rapidamente me ignorou.

— Aquilo foi diferente, foi um resultado controlado por mim. — Ela deu de ombros e desviou o olhar.

— Foi mesmo? — Franzi a testa, recusando-me a ceder. — Bem, fui eu que visualizei como queria ficar, não você. Então não participei do resultado?

Ela olhou para mim e começou a entender alguma coisa.

— Tente — insisti. — O que custa tentar quando não há nada a perder?

Ela concordou, passou as mãos pelo lindo vestido cor-de-rosa, mexeu nos cachos, ajeitou o colar e os anéis e se aproximou dele. Parada ao seu lado enquanto ele ficava olhando para seu cadáver, murmurando, confuso, ela começou a fazer exatamente o contrário do que eu havia aconselhado.

Em vez de abordá-lo com calma, em silêncio, ela se virou para a multidão, jogou a cabeça para trás, abriu os braços e começou a movimentá-los com furor. O estádio gritava: *Theocoles! Theocoles! Vida longa a Theocoles, o Pilar da Destruição!*

Aquilo foi repetido várias vezes em coro quando Theocoles parou, alerta aos gritos de admiração do povo. Ele olhou à sua volta admirado, jogou a cabeça para trás, abriu bem os braços, e absorveu tudo aquilo.

— O que ela está fazendo? — perguntou Bodhi, chegando ao meu lado.

Sacudi a cabeça em resposta. Decepção era pouco para descrever como me senti.

— E o mais importante: o que você está fazendo? — perguntou ele, encarando-me seriamente.

Olhei para ele, sem saber muito bem do que estava falando.

— Entregando uma alma que deveria apanhar a uma fantasma que a enganou? — Ele franziu a testa. — A Riley Bloom que conheço nunca faria algo assim. Ela nunca consideraria abrir mão da glória.

Ah, isso.

Concordei, dei de ombros, sem saber como explicar, e apenas dizendo:

— Só acho que me pareceu a coisa certa a fazer. Você sabe, a coisa mais humana e madura a fazer. Mas talvez eu a tenha julgado mal.

Fechei os olhos para ouvir melhor o sermão que se passava em minha cabeça. Aquele que me censurava por minha tolice me repreendia por confiar em alguém que já me enganara várias vezes. Mas quando o diálogo interno começou a se estabelecer, surgiu um novo pensamento e interrompeu todo o resto.

Eu estava fazendo a mesma coisa que Theocoles fizera por muitos séculos. Estava sintonizada em meu orgulho ferido, em meu ego machucado, em minha imagem maculada, minha vaidade arranhada — estava tão focada no sermão que ignorei a verdade silenciosa que vivia lá no fundo. E uma vez silenciado o ruído em minha cabeça, percebi que o barulho na arena também havia desaparecido.

No fim das contas, Messalina havia escutado meu conselho.

Theocoles cambaleava, andava com dificuldade pela areia, procurando seu capacete, sua espada e seu escudo, pronto para entrar mais uma vez naquela rotina incansável.

Mas quando ele tentou pegá-los, Messalina fez tudo desaparecer, um a um, até ele girar, confuso, sem saber o que fazer.

— Sei que você prefere ouvi-los — sussurrou ela, apontando para o estádio. Ela encheu a plateia rapidamente com uma multidão que aplaudia, vibrava, observando como os olhos de Theocoles se iluminaram ao ver aquilo, ouvir aquele som, e como se apagaram rapidamente assim que ela fez todos desaparecerem. — Mas fiz sua vontade por muito tempo, e agora espero que ouça a minha voz, não a deles.

Ele passou por Messalina, chocando-se com ela, completamente alheio a ela, fazendo com que olhasse para mim arrasada, desejando algum tipo de encorajamento, aprovação, ao que correspondi de bom grado.

— Estou tentando falar com você há tanto tempo — observou ela. — Tenho tanto para contar. Nós costumávamos gostar de tantas coisas, tínhamos tantos objetivos para seguir, e, embora pareça que tenha esquecido de tudo isso, que tenha virado as costas e deixado de se preocupar com essas coisas, ainda quero que saiba que, logo depois que você morreu, seu irmão foi solto. Eu disse que conseguiria dinheiro, disse que não precisava lutar por ele, e mantive minha promessa. Fiz com que ele se libertasse das minas, e fico feliz em dizer que, por causa disso, Lucius pôde ter uma vida longa e gratificante. Também mandei erguerem um monumento em sua homenagem. Foi um busto de seu rosto, com seu nome em uma placa logo abaixo para que ninguém nunca esquecesse quem você foi, nem que costumava ser o maior campeão do Coliseu. Ele persistiu por muito tempo, centenas de anos, para ser mais exata. Ficava do outro lado desses muros. Mas, infelizmente, foi derrubado pouco tempo depois da queda. Sim, o império caiu. — Ela sorriu. — Tanta coisa mudou, parte de Roma está irreconhecível, e parte está mais ou menos como você a deixou. Não que tivesse a oportunidade de ver muita coisa fora do *ludus*, mas o ponto principal é que você não está mais preso aqui. Ou pelo menos não precisa estar. A escolha é sua. Mas se preferir ficar, bem, terá que ficar sozinho. — Ela se virou para trás e olhou em meus olhos. — Estou

cansada de viver sempre a mesma rotina idiota. Sinto muito por você nunca ter julgado por bem me perdoar. Mas talvez seja a hora de eu perdoar a mim mesma. Talvez seja a hora de eu seguir em frente e ver o que vem depois.

Ela se aproximou dele, segurou seus ombros e o encarou, repetindo as palavras que eu lhe dissera momentos antes.

— Desejo que você aprenda a bloquear o ruído da multidão e ouça o murmúrio de verdade que vive em seu coração.

Ele tentou se afastar, tentou passar por ela, ainda em busca da espada perdida, mas Messalina aguentou firme, segurando os braços dele com as mãos até terminar o roteiro que eu lhe dera.

— Seu coração sempre sabe o que é importante. Sempre sabe como guiá-lo. É puro e confiável, mas nunca vai gritar para ser ouvido. Nunca falará mais alto que um sussurro. Mas se aprender a prestar atenção, a ouvir, nunca se sentirá perdido no mundo.

Ele a tirou da frente, cambaleou e continuou a se arrastar pela areia enquanto eu mergulhava em frustração, sabendo que ela fez o melhor que pôde, que eu não poderia ter feito diferente. Acho que essa era uma alma que nenhuma de nós conseguiria levar para o outro lado da ponte.

Comecei a me virar na direção de Bodhi para ir embora. Meus sentimentos eram conflitantes. Eu sabia que tinha feito todo o possível, mas isso não melhorava nada. Eu não lidava bem com a derrota.

Lembrei-me das palavras que Bodhi dissera antes mesmo de eu iniciar essa jornada. Uma antiga citação de Gandhi: “*Um esforço total é uma vitória completa.*” E embora o significado fosse claro, eu não estava a fim de comemorar qualquer esforço que não tenha resultado em vitória. Era o meu jeito.

Olhei nos olhos de Bodhi, tentando não me sentir constrangida diante de meu guia, não vendo que ele gesticulava, apontando para trás de mim.

— Veja.

Eu me virei e vi Theocoles confuso, franzindo a testa enquanto observava Messalina cruzar a arena.

O Coliseu estava tão quieto que era possível escutar uma borboleta voando, mas o silêncio foi quebrado pelo grito fervoroso de Theocoles:

— *Messalina!*

Ela parou com os olhos arregalados e deu meia-volta para ficar de frente para ele. Seu corpo estava paralisado, o rosto esperançoso — mas com cautela —, como se não pudesse acreditar que o momento pelo qual tanto havia esperado estava acontecendo.

— Messalina, onde estou? — Ele olhou para os lados, confuso.
— Para onde eles foram?

Ele apontou para o estádio, antes lotado, agora vazio.

— Está em casa — disse ela. Sua voz era quase um suspiro. — Eles deixaram o Coliseu há muito tempo. Fomos os únicos que ficamos. Bem, pelo menos os únicos daquele tempo.

— E Lucius? Ele está livre? É verdade o que disse?

Ela confirmou com a cabeça, aproximando-se dele até ficar a apenas alguns centímetros de distância e dizendo:

— Sim.

— E eu, eu também estou livre?

Ela fechou os olhos, saboreando aquela pergunta e os abrindo de novo para dizer:

— Está. Finalmente. Depois de todos esses séculos, você agora está livre. Ou melhor, se optar por isso. No fim, depende de você.

— E nosso futuro?

Ela sorriu com os olhos brilhando de esperança e uma onda de lágrimas cristalinas.

— Poderemos aproveitá-lo assim que estivermos prontos.

Ele esticou os braços na direção dela e segurou seu rosto entre as mãos grandes e grosseiras com uma ternura que eu nunca

poderia imaginar. Ele olhava para ela como se fosse uma miragem preciosa que pudesse sumir a qualquer momento.

— E seu tio, então ele aprova nossa união? — Ele passou os polegares sobre a pele dela, olhando em seus olhos como se o tempo não tivesse passado, como se ele tivesse acordado de uma breve soneca.

— Não. — Ela negou com a cabeça, esticando os dedos até encontrar os dele. — Receio que ele nunca tenha mudado de ideia. Mas ele não é mais um problema. A única coisa que pode nos impedir de seguir em frente é você.

— Eu? — Ele deu um passo para trás e voltou a olhar ao seu redor, confuso. Mas não demorou muito para o peso de sua realidade atingi-lo. — Então realmente acabou. Eu não sou mais escravo de seu tio, não sou mais escravo... *deles*. — Ele apontou para a plateia vazia. — Tudo isso... — Ele olhou para baixo, chutou a pilha de pétalas de rosas que antes lhe eram tão caras, dando-se conta, de repente, de que havia trocado um amor que nunca vacilou por outro tão volúvel quanto o vento.

— Espero que não — confirmou ela. — Mas a última palavra é sua.

— Então o que estamos esperando? — perguntou ele, aproximando-se dela com determinação.

— Não estamos esperando nada — respondeu ela, sorrindo enquanto desaparecia em seus braços.



Theocoles caminhava ao meu lado enquanto Messalina ia atrás com Bodhi e Buttercup. Eu não esperava aquela formação, mas também nada estava saindo conforme o planejado.

Mesmo sabendo que ele tinha um lado mais suave (afinal, vi em primeira mão ao observá-lo no *ludus* com Messalina), ainda estava meio surpresa em ver como ele era gentil. Bem, para um cara grande e parrudo — que definitivamente estava à altura de seu apelido, Pilar da Destruição, ele falava comigo com tanta gentileza que eu não tinha dúvida de que a pessoa que eu veria na arena era mais um papel que ele representava para sobreviver — um papel que fugiu de seu controle, é claro — mas não correspondia a quem ele era por dentro.

Eu estava mais do que pronta para materializar o véu dourado e brilhante ali mesmo e mandá-lo diretamente da arena para a ponte, mas Theocoles havia ficado preso por tanto tempo no *ludus* e no Coliseu que queria ver como estava Roma antes de partir.

Ele queria ver a verdadeira Roma — a Roma atual —, com descargas nos banheiros e água encanada.

Embora eu preferisse a versão nova, melhorada e menos bárbara, Theocoles não pareceu muito impressionado.

— O que você acha? — perguntei, depois de fazermos um bom passeio pelo lugar.

Ele olhou para mim, sacudindo a cabeça.

— As pessoas se vestem assim? — Ele deu mais uma olhada, franzindo o rosto. — Mal consigo distinguir os homens das mulheres!

Eu revirei os olhos. Era impossível não levar para o lado pessoal, já que havia me livrado do enorme vestido azul na primeira oportunidade que tive, trocando por jeans, uma camiseta (muito fofa) e sapatilhas. E com os cabelos presos em um rabo de cavalo, o corpo voltando a parecer um graveto, bem, parecia que aquela afirmação era dirigida a mim. Sem contar o fato de ter vindo de um homem que passou a vida inteira usando vestido!

Lancei-lhe um olhar ofendido.

— Bem, vá se acostumando. Os tempos mudaram. Além disso, nem todo mundo é tão linda quanto Messalina. Alguns de nós têm um pouco menos de sorte no departamento feminino.

— Messalina é mesmo a mais bela de todos — disse ele, olhando para trás para confirmar. Depois, voltando-se para mim, acrescentou: — E você, Srta. Riley Bloom, não deveria se subestimar, pois pode ainda ser nova, mas tem muito potencial. — Ele se inclinou, bateu em meu rabo de cavalo e o deixou balançando de um lado para o outro, sorrindo para mim de uma forma que fazia seus olhos cor de topázio cintilarem e minha garganta ficar apertada e quente. O cara simplesmente transbordava charme e carisma, não podia evitar, era carismático de todas as formas possíveis.

— Então... é basicamente isso — disse eu, ansiosa para levá-lo ao outro lado da ponte e seguir adiante. — Coisas velhas, coisas novas, carros, lambretas, pessoas, agitação-agitação-agitação, já viu o suficiente? — Já havíamos dado a volta e o Coliseu estava bem atrás de nós.

Theocoles apertou os olhos, olhou ao seu redor enquanto Messalina e Bodhi continuavam conversando, sussurrando de um jeito que me deixou desconfiada.

Estava tão concentrada em observá-los, que quando Theocoles olhou para mim e disse:

— O que posso esperar quando chegar lá?

Bem, eu não sabia muito bem o que responder.

Parei um pouco para pensar, considerando como dizer da melhor forma, o quanto deveria revelar. Quero dizer... eu poderia alertá-lo sobre o esclarecedor/constrangedor processo de resumo de vida — poderia dizer que era provável que recebesse algum tipo de tarefa — que nada tinha a ver com passar a eternidade nas nuvens aprendendo a tocar harpa, como imaginava a maioria das pessoas. Mas quanto mais eu pensava, mais me dava conta de que não era isso que ele queria saber. Não eram aqueles detalhes que o interessavam a ele.

Ele estava preocupado com as escolhas que havia feito — com o modo como havia vivido. Aquele era um cara que havia deixado pilhas de corpos destruídos na arena, e estava preocupado por, de alguma forma, ter que pagar por tudo aquilo.

Ao mesmo tempo que não tinha ideia do que aconteceria, pude dizer:

— Tudo o que sei é que você será recebido com muita compaixão, amor, compreensão.

Lembrei-me de que fui a única a julgar minhas ações em meu próprio resumo de vida — fui a única a me contorcer com o que testemunhei naquele dia — o Conselho só queria ver minhas ações com a maior clareza possível.

Theocoles pensou por um instante. Depois, virando-se para o Coliseu, fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e abriu bem os braços, do mesmo jeito que fazia a cada vitória.

Mas dessa vez ele não buscava o som dos aplausos, da adoração, nem nenhuma das coisas de antes — dessa vez ele

ouviu com muito mais profundidade, ouviu a verdade que se escondia dentro de seu coração.

E quando estava pronto, quando fez o último gesto de consentimento, materializei o véu dourado e brilhante e fiz um sinal para que ele passasse. Depois me virei para Messalina, fazendo sinal para que o seguisse, mas fiquei chocada até o último fio de cabelo quando ela não saiu do lugar.

— Messalina não fazia parte da tarefa — disse Bodhi, como se estivesse explicando. — Não cabe a nós fazer a travessia dela.

O véu balançava diante de mim, diminuindo a cada segundo que se passava.

— Mas e se ela *quiser* atravessar a ponte? Você sabe... por vontade própria. Quero dizer... você *quer* atravessar a ponte, não quer? Esperou por esse momento por mais de mil anos!

Quando ela olhou para Bodhi, não conteve o suspiro. Só consegui me virar, com o corpo tremendo de raiva e pensando: *Que ótimo! Isso é uma maravilha. Lá vamos nós de novo. Outra menina linda com uma queda por meu guia — entre na fila!*

Sério. Que bela história de amor isso virou! Ela se derrete de amor por Theocoles para dispensá-lo na hora do véu, assim que Bodhi chega com seus olhos verdes.

Eu me senti uma idiota.

A fantasma mais ingênua do grupo.

Havia acreditado na história dela — nunca duvidei do romance dos dois — e, no final, era tão falso quanto aquele no qual me envolvi.

— Não se preocupe — disse Bodhi, tentando me confortar. — Há um grupo enorme de pessoas esperando por Theocoles, prontas para ajudá-lo a se orientar. Então, não se preocupe. Ele ficará bem. Messalina irá mais cedo ou mais tarde, mas por enquanto houve uma pequena mudança de planos...



Acabamos percorrendo uma boa distância, mas mesmo assim preferimos não voar.

Ou melhor, Bodhi e Messalina preferiram não voar e Buttercup e eu fomos obrigados a acompanhá-los.

Acontece que Messalina não sabia voar. E mesmo eu me oferecendo para ensiná-la (imaginando que, se consegui ensinar a Buttercup, conseguiria ensinar a qualquer um), Bodhi rapidamente interferiu, dizendo que tínhamos que nos apressar — que não tínhamos tempo —, então entramos em um trem.

Fiquei emburrada perto da janela durante a maior parte do caminho, espiando discretamente Bodhi e Messalina cochichando com a cabeça inclinada, sem prestarem a mínima atenção em mim. Depois de quase três horas e meia de viagem constante pelo trilhos, o trem finalmente parou e eu fui a primeira a levantar. Suspirei, sacudindo a cabeça enquanto ia para a porta, convencida de que três horas e meia teriam sido mais do que suficiente para ensinar alguém a voar.

E, por sinal, três horas e meia também eram mais do que o suficiente para ir de Roma a Veneza.

Isso mesmo, Veneza, Itália — terra dos canais, grandes palácios antigos de frente para a água, e passeios de gôndola —, uma

cidade que sempre sonhei em visitar.

Uma cidade tão linda que me tirou o fôlego enquanto eu me esforçava para observar tudo.

Uma cidade tão cheia de romance que eu não pude deixar de perceber a pequena pontada de remorso por meu próprio romance perdido, mesmo que tenha sido falso.

Paramos no meio da praça de São Marcos, vendo Buttercup enlouquecer completamente ao correr atrás dos bandos de pombos que não conseguia pegar. Latindo e rosnando, e voando e pulando, tentando em vão fazer contato, e uivando confuso sempre que os acabava atravessando em vez de alcançar.

— Ninguém nunca vai dizer a ele que está morto? — Apontei com a cabeça para o meu cão, sabendo que estava brava, rabugenta e coisa pior, mas eu achava que tinha um bom motivo. No Coliseu, agi com nobreza, até mesmo heroísmo. Havia até mesmo aberto mão da maior missão de todas para deixar Messalina ser a senhora de seu próprio final feliz, só para me tornar um incômodo, segurando vela na festinha improvisada dos dois. Alguém que tinham de arrastar junto por obrigação.

— Ei, se vocês quiserem dar um passeio de gôndola, fiquem à vontade. Buttercup e eu esperamos aqui. — Sentei no chão, consegui uma posição confortável, determinada a fazer o melhor que podia naquela situação irritante, mas ainda assim incapaz de não acrescentar: — Bem, o que fiz foi apenas ajudar Messalina a conseguir capturar a alma mais difícil do século, algo pelo qual provavelmente não receberei crédito algum, mesmo que a ideia tenha sido *minha*, que *minhas* palavras tenham acordado Theocoles. Mas, ei, tanto faz, não foi tão importante. Eu já estou até acostumada com isso a essa altura. Na verdade, eu...

Messalina olhou para mim, colocou o dedo na frente dos lábios, e o gesto foi suficiente para me lembrar.

Eu estava fazendo de novo.

Permitindo que me perdesse na trilha sonora de minha própria história triste, em vez de prestar atenção no que realmente importava — no fato de eu estar em Veneza —, algo definitivamente digno de celebração. Bem... e daí se eles estavam planejando me deixar de lado? Pelo menos eu ainda tinha o meu cachorro.

— Vem cá, Buttercup! — Bati no joelho, rindo muito quando ele veio em minha direção, saltando e pulando com tanto entusiasmo que caí no chão, onde fui imediatamente atacada por uma quantidade enorme de lambidas babadas. — Está bem, já chega! — Eu ri, empurrando-o e conseguindo fazer que ficasse parado ao meu lado. Mas só por um instante até ele se levantar novamente, dançando loucamente com as patas enquanto levantava o focinho e latia para alguma coisa atrás de mim. — O que foi? O que foi, garoto? — Levantei o pescoço, mas ainda não conseguia ver o que ele via.

— Por que não vamos descobrir? — perguntou Bodhi, fazendo sinal para que o seguíssemos enquanto perambulava por um labirinto de vielas estreitas, facilitando a nossa passagem em meio a hordas de turistas com os braços lotados de sacolas de compras, e diminuindo o passo ao chegarmos à porta de um lindo palácio antigo cujos fundos davam diretamente na água. Bodhi fez sinal para que passássemos pela porta trancada.

Buttercup saiu correndo na frente, latindo de empolgação e subindo vários lances de escadas de mármore. E só quando cheguei ao patamar, escutei.

Era uma música — uma música impossível de confundir com qualquer outra coisa.

Uma música que eu conhecia bem. Na verdade, era uma de minhas preferidas.

Era *Parabéns a você* — e eles estavam cantando para mim.

Entrei com tudo na sala, radiante, passando os olhos por entre a multidão, surpresa ao ver todas as pessoas que eu amava (bem, todas que estavam mortas). Acenei para os meus pais, meus avós,

assim como para os membros do Conselho, incluindo: Royce, Claude, Celia, Samson e Aurora (declaradamente minha preferida). A líder de torcida, mais conhecida como Jasmine, mais conhecida como a namorada de Bodhi, também estava lá (provavelmente mais por ele do que por mim, mas foi legal vê-la). Até Mort, o cara que me contara tudo sobre a Terra dos Sonhos, havia aparecido, juntamente com Balthazar, o diretor da Terra dos Sonhos, que estava ao lado dele. E quando bati os olhos no príncipe Kanta, que não via desde a minha ida a St. John, bem, não consegui conter um grito de alegria. Ele havia levado Rebecca junto, e seu cachorrinho Shucky já estava brincando de correr com Buttercup. Até mesmo os Garotos Radiantes apareceram (no fim das contas, eram três), e fiquei feliz em ver que eles haviam abandonado aqueles shorts medonhos que usavam e vestiam roupas muito mais contemporâneas. Não que eu me importasse — já estava cansada de julgar as pessoas pela aparência (bem, pelo menos na maior parte do tempo). Embora faltassem algumas pessoas, especialmente a Mulher Lamuriosa e Satchel, o menino que fazia pesadelos, decidi não me concentrar nisso.

Em vez disso, eu me concentrei na música — e em meus amigos — e na abundância de amor e de celebração que enchia a sala. E quando Bodhi apareceu na minha frente segurando um bolo enorme confeitado generosamente com muita cobertura roxa, bem, parecia que meu aniversário estava completo.

— As bordas são todas suas, mas só se você conseguir assoprar as velas de uma vez só — disse ele, sorrindo para mim.

De uma vez só, uma coisa muito fácil de fazer quando não se está morto.

Fiquei olhando para o pedaço do canto, aquele com uma grande borboleta de açúcar na lateral, e enchi o pulmão de ar, determinada a conseguir, e foi quando percebi algo notável: o número de velas ficava mudando.

Primeiro eram treze.

Depois eram catorze.

Depois quinze.

Depois voltou a ser treze.

Uma vez, chegou a doze.

Olhei para Aurora, em busca de respostas (ela sempre tinha respostas).

— A escolha é sua. Saiba que, qualquer idade que escolher, terá nosso total apoio. Estamos tão orgulhosos de você, Riley. Tão orgulhosos da escolha altruísta que fez. Você evoluiu muito — explicou ela.

Engoli em seco, voltei minha atenção ao bolo, e quando mostrou quinze velas novamente, pensei: *Vamos! Faça isso! Assim ficará com a idade de Bodhi! E talvez ele...*

Mas olhei para ele novamente e decidi deixar passar. Algumas coisas precisam acontecer sozinhas. Algumas coisas não podem ser forçadas.

Assim que deixei as quinze velas passarem, foi fácil deixar as catorze passarem também.

Já havia passado por isso. E já sabia, sem sombra de dúvida, de que existia uma grande diferença entre *parecer* ter certa idade e se *sentir* com *certa* idade.

Eu não estava pronta para dar um grande passo. Não chegava nem perto.

Lembrei-me do que Ever dissera quando nos encontramos na Terra dos Sonhos — que eu tinha sorte — que não seria forçada a fazer nada antes de estar pronta — que me tornaria adolescente quando chegasse a hora, nem um segundo antes. E eu tinha certeza absoluta de que minha irmã estava certa.

Eu esperei tanto tempo para fazer treze anos que mal podia acreditar que havia chegado o momento.

Mas eu também havia passado por tanta coisa desde minha morte que não sabia mais se aquilo servia.

As velas tremeluziam diante de mim, somando, subtraindo, repetidas vezes.

E quando meu número finalmente apareceu, fechei os olhos, respirei fundo e soprei com toda força, lembrando de fazer um desejo — *sempre* se deve fazer um desejo.

E quando abri os olhos e olhei para o meu corpo, vi que um de meus desejos se tornaria realidade.

Eu não apenas tinha treze anos — tinha treze e meio — *muitoobrigada!*

Era uma idade com que me sentia confortável — uma idade que eu merecia —, à qual havia chegado de verdade.

E, embora meu corpo não chegasse nem perto de ser tão impressionante quanto o que eu tinha em Roma, também já não era mais uma vareta.

— Se o seu desejo foi o pedaço do canto, então ele se realizou — disse Bodhi, colocando o bolo na mesa e cortando um pedaço enorme para mim.

— Você não queria saber? — Olhei para ele e revirei os olhos, mas em vez de começarmos a bater boca, como aconteceria normalmente, nós dois caímos no riso.

Bodhi me entregou o pedaço de bolo e eu estava prestes a atacar quando me lembrei de que meu aniversário não era o único a ser comemorado. Então fechei os olhos por tempo suficiente para materializar um lindo cupcake com cobertura cremosa rosa, salpicado de pedacinhos de doce que brilhavam como joias.

Então, depois de tirar uma das velas de meu bolo e colocar no meio do cupcake, olhei para as pessoas reunidas diante de mim e disse:

— Vocês se importariam de cantar *Parabéns* de novo? Mas dessa vez é para minha amiga Messalina. Ela nunca teve uma festa de aniversário, e acho que já esperou demais.



Mesmo esperando por isso há anos, mesmo imaginando todos os detalhes, no fim das contas o meu aniversário de treze anos não foi tudo o que eu pensava.

Não só porque nunca imaginei que estaria morta aos treze anos.

Não só porque resolvi acrescentar seis meses a mais e completar treze anos e meio.

Não só porque, tecnicamente, não foi uma festa de aniversário, já que não aconteceu no dia do meu aniversário (eu não sabia que dia era).

Mas principalmente porque, para alguém que havia passado a maior parte da morte se sentindo sozinha e sem amigos, quando olhei para a multidão em minha festa, percebi que não era nada disso.

Certo, eu não conhecia a maioria daquelas pessoas muito bem. Talvez uma boa parte fosse apenas gente com quem trabalhei, pessoas que ajudei na busca do caminho para o Aqui & Agora. Mas, ainda assim, passei tanto tempo me sentindo sozinha que fechei os olhos ao fato de que, na verdade, havia muita gente torcendo por mim.

Ao contrário de Theocoles, deixei de me sintonizar na aprovação deles para me concentrar em meus próprios pensamentos (predominantemente negativos). Mas chega — aqueles dias haviam chegado ao fim.

— Riley, isso é incrível! — Messalina levantou o guardanapo e limpou um pouco de cobertura que havia caído em seu queixo. — Aniversários sempre são assim? Se forem, mal posso esperar pelo próximo!

— Não são sempre assim — disse eu, enfiando o garfo em um pedaço de bolo açucarado e delicioso. — Mas deveriam ser.

Comi outro pedaço e sorri com os dentes cobertos com uma grossa camada roxa.

E foi quando eu o vi.

Foi quando eu o vi me olhando do outro lado da sala, mais ou menos do mesmo jeito que olhou da primeira vez, na festa infinita de Messalina.

Com curiosidade.

E intensidade.

Junto com uma dose inequívoca de interesse.

Mas, diferente da última vez, sua confiança em excesso havia desaparecido — e, com ela, sua altura, músculos e nível de maturidade como um todo. (Mas ele havia trocado aquela toga enfeitada por jeans e um suéter, e isso certamente contava pontos a seu favor.)

— Ele é real? — Eu me virei para Messalina, com a cabeça girando, cheia de sentimentos conflitantes de surpresa e descrença.

— É, sim. — Messalina sorriu e se aproximou de mim, prestes a limpar uma migalha de meu rosto, mas depois pensou melhor, imaginando que eu pudesse achar que ela fosse me encantar novamente, e contentou-se em apontá-la para mim.

— Então ele não era só mais um ser desalmado que você criou só para me manter ocupada?

— Não mesmo. Ele ficou mesmo impressionado quando a viu pela primeira vez. Eu não tive nada a ver com isso.

— Ele... ele era mesmo o filho de um senador na vida passada? Foi por isso que ficou tanto tempo por aqui? — Mordi o lábio, imaginando se ele teria coragem de cruzar a sala e me abordar.

— Por que você mesma não pergunta?

Eu hesitei, sem saber ao certo se conseguia prosseguir com isso. Era uma sala grande que parecia maior ainda quando me lembrei como devia estar diferente da menina por quem ele se apaixonou — uma menina que havia passado recentemente de Aurelia maior a Aurelia menor.

— Por que não tenta? — Ela me cutucou com o cotovelo. — Nunca vai saber até tentar, não é?

Suspirei, imaginando que alguém teria de dar o primeiro passo, então poderia muito bem ser eu. Além disso, a festa era uma desculpa perfeita. Eu estaria apenas sendo uma boa anfitriã. Certificando-me de que ele estava se divertindo Era só isso. Não significava nada mais.

Havia criado coragem e começado a me movimentar quando Messalina agarrou minha mão e pressionou algo duro e frio no centro dela. Depois, fechou meus dedos ao redor do objeto.

— Nunca esquecerei o sacrifício que fez por mim. Você podia ter acordado Theocoles facilmente, mas, em vez disso, deixou o momento para mim. Espero que decida manter esse pequeno símbolo de meu agradecimento, e talvez até mesmo usá-lo de vez em quando, se quiser. É uma réplica de um que uso. — Ela ergueu a mão e balançou o dedo até o anel refletir a luz. — Pense nisso como um símbolo de nossa amizade. Podemos não ser irmãs, mas espero que sejamos amigas.

Coloquei o anel no dedo e levantei a mão ao lado da dela, decidida a ficar com ele, a usá-lo todos os dias. Gostei dele, é claro, mas gostei mais ainda da ideia de ter uma amiga tão próxima a ponto de sermos quase parentes.

— E Theocoles? — Olhei nos olhos dela.

— Estou indo para lá agora. — Ela sorriu. — Isso se puder materializar aquele véu para mim, por favor.

Fechei os olhos por tempo o suficiente para visualizar o véu brilhante e dourado que a levaria a Summerland, à ponte e ao mundo logo depois dela, onde poderia se encontrar com Theocoles.

E quando terminei, quando me despedi dela, parti em minha própria jornada. Então, atravessei a sala até onde estava Dacian.



Assim que fiquei diante de Dacian, a primeira coisa em que pensei foi: *Uau, ele mudou ainda mais do que eu pensava!*

A segunda coisa foi: *Mas ainda está gatinho. Bem, super, hipergato e também parece ter a minha idade — que alívio!*

E daí se não era tão confiante?

E daí se não era nobre e tradicional como quando o conheci?

Para começar, fiquei feliz quando, em vez de pegar em minha mão e se abaixar para beijá-la, ele apenas acenou.

— Oi — disse ele.

Provavelmente porque não era realmente o filho de um senador romano que ficou no plano terreno pelos últimos séculos por não querer se desapegar da antiga vida. Era apenas um papel que acabou desempenhando.

No fim das contas, ele era um Apanhador de Almas, assim como eu.

— Sério? — Eu mal podia acreditar, mal podia conter a empolgação. Não conhecia nenhum outro Apanhador de Almas além de Bodhi, e fiquei muito animada com a notícia, pois sabia que assim teríamos algo em comum.

Ele acenou com a cabeça de modo que os cabelos caíram sobre os olhos, parecendo meio constrangido ao admitir.

— Você acreditou mesmo que eu fosse um usuário de toga legítimo?

Confirmei com a cabeça, rindo ao dizer:

— Sim, pelo menos no início. Depois achei que era um ser inventado.

Ele apertou os olhos, sem saber o que eu estava querendo dizer.

— Sabe todos aqueles convidados da festa materializados por Messalina? Bem, achei que você fosse um deles. Achei que não tinha alma. Estava certa de que ela o havia criado só para me manter ocupada. — Dei de ombros. — E quanto tempo você ficou preso?

Ele suspirou, desviou os olhos e enfiou as mãos no fundo dos bolsos.

— Muito, muito tempo. Pelo menos é a sensação que tenho. É difícil saber ao certo — respondeu.

— E o que o acordou? — perguntei. Não vi o que aconteceu e estava realmente curiosa.

Aquele mundo se havia desfeito quando Theocoles e Messalina partiram? Ou havia permanecido lá? Os outros Apanhadores de Almas ainda estavam vagando por aquele lugar triste e horrível, perdidos em um passado remoto? Agora que cumpri minha tarefa, posso nunca saber.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som de sua voz.

— Você — disse ele.

Inclinei a cabeça, achando mesmo que não estava escutando direito.

Mas antes que ele tivesse a chance de repetir, Bodhi chegou até nós.

— Estamos indo dar um passeio de gôndola. Vocês querem ir? — convidou Bodhi.

Olhei para Dacian e ele olhou para mim.

— Está bem! — dissemos os dois ao mesmo tempo, exatamente na mesma entonação, e não conseguimos conter o ataque de riso.

Bodhi olhou para nós dois com algo no olhar que não consegui distinguir muito bem.

— Ótimo! — exclamou ele. — Vocês podem ir conosco. A gôndola deve ter espaço para cinco, incluindo Buttercup.

E embora eu ainda estivesse empolgada com a ideia do passeio de gôndola, não pude deixar de olhar para ele com certa desconfiança.

Bodhi nunca quis passar um tempo comigo.

Na verdade, era o contrário. Ele estava sempre tentando se livrar de mim para poder ficar com a namorada. E com minha festa de aniversário chegando ao fim, tive muita dificuldade em acreditar que ele queria mesmo ficar ao meu lado, junto com Dacian e meu cão, quando podia estar explorando uma das cidades mais românticas do mundo com Jasmine.

— Achei que seria divertido — murmurou Bodhi, dispensando a ideia com um gesto, reagindo ao olhar cético em meu rosto. — Mas talvez não seja. Deixa pra lá, nós pegamos uma outra.

Ele se virou e começou a sair quando um novo pensamento me ocorreu: *Talvez Bodhi não estivesse tentando me supervisionar, espiar, vigiar. Talvez só estivesse tentando ser legal, me conhecer, passar um pouco mais de tempo comigo fora do trabalho agora que eu era adolescente e tínhamos idades mais próximas. Talvez eu estivesse tão acostumada a não ter amigos que não sabia como reagir.*

— Espere! — Dei um passo à frente, agarrando na manga dele. — Eu adoraria dividir a gôndola com vocês. Parece divertido. — Acenei positivamente com a cabeça, ansiosa para que ele soubesse que eu estava falando sério.

Virei para Dacian, certificando-me de que ele concordava, e uma onda de calor subiu ao meu rosto quando ele fez que sim com a cabeça, agarrou minha mão na dele e entrelaçou os dedos nos meus.

Um movimento que não passou despercebido por Bodhi. Enquanto seu olhar corria entre mim e Dacian, ele juntou as sobrancelhas, com os pensamentos girando.

— Então o que acham de irmos logo? O barco está esperando!
— exclamou.

Deixamos o maravilhoso palácio veneziano em uma longa procissão — uma longa fileira de fantasmas passando por uma porta trancada e caminhando por um labirinto de vielas estreitas até o lugar onde os barcos longos e curvos ficavam atracados.

Meu progresso foi interrompido quando Bodhi se virou e agarrou meu braço, pedindo que Dacian e Jasmine continuassem, pois logo o alcançaríamos. Então me conduziu a uma pequena loja.

— Quero que veja uma coisa.

Fiquei olhando para ele, confusa, sem a mínima ideia do que pretendia. Bem, certo, os vestidos vendidos ali eram todos muito bonitos, mas eu não precisava comprar nada quando bastava materializar qualquer roupa nova que eu quisesse. Além disso, eu gostava do que estava usando. Havia passado por tantas transformações que não estava em busca de mais nenhuma.

Mas então ele me empurrou para a frente de um espelho de corpo inteiro.

— Veja — disse ele.

E eu vi.

Observei um rabo de cavalo loiro, olhos azuis e brilhantes, maçãs do rosto um pouco mais pronunciadas do que as que eu tinha antes (o que deixava meu nariz um pouquinho menos achatado!) e, sim, em vez de afundar como costumava acontecer, a parte de cima de minha camiseta estava saltada.

Está bem, talvez *saltada* não seja o termo mais exato, posso ter exagerado um pouco. Mas posso afirmar com certeza que pela

primeira vez o tecido não ficou caído. E, sim, ver isso me deixou orgulhosa.

Mas, no fim das contas, não era isso que Bodhi estava querendo me mostrar. Ele estava apontando para o meu brilho.

— Por que se livrou dele? — Ele olhou para mim com seriedade, querendo entender por que eu faria uma coisa assim se o brilho sempre significou tanto para mim.

— Eu queria me encaixar. — Dei de ombros, passando os olhos por meu reflexo, maravilhada. — E ninguém tinha brilho no mundo de Messalina. Mas também, para ser sincera, o tanto que ele diminuiu depois do que aconteceu na Terra dos Sonhos só servia para me lembrar que eu havia estragado tudo, o quanto ainda precisava evoluir.

— E agora? — O tom de voz de Bodhi soava suave e gentil, mas ao mesmo tempo me pressionava.

— Agora parece que estou no caminho certo. — Sorri ao ver meu intenso brilho verde, notando que se parecia muito com o de Bodhi no dia em que nos conhecemos, no dia em que se tornou meu guia, coisa que mudou o curso de minha pós-vida.

Graças a Messalina, eu tivera um bom vislumbre do futuro. Havia visto em primeira mão o que eu era capaz de fazer. E Bodhi também. E, embora não tivesse ideia de quando seria esse futuro, sabia que um dia aconteceria. Disso, eu tinha certeza.

A única coisa que havia mudado era minha pressa em chegar lá. Eu não precisava mais correr. Decidi aproveitar cada dia como se apresentasse. Como diziam na Roma antiga: *Carpe diem!*

— Você está feliz? — perguntou Bodhi. E quando olhei em seus olhos, soube não que não deveria ser petulante, nem ignorá-lo. Estava claro que sua pergunta era realmente séria.

Fiz uma pausa e aproveitei para organizar meus pensamentos. Não sabia se dizia algo profundo ou se mantinha a simplicidade. Mas antes de conseguir tomar a decisão, Buttercup entrou correndo

na loja, mordeu a perna de minha calça e puxou forte com os dentes.

— Os barcos estão esperando. Vocês ainda querem ir? — Jasmine alternou o olhar entre nós dois, deixando transparecer um indício de preocupação.

Fiz que sim com a cabeça, rindo enquanto deixava Buttercup me puxar para fora da loja, onde Dacian esperava. Sua mão se aproximava da minha quando olhei para trás, para os olhos de Bodhi.

— Sim. A resposta à sua pergunta é *sim*. Nunca estive tão feliz — disse eu.

Nota da autora

Embora os personagens e as situações em que se encontram sejam fictícios, as ruínas do *Ludus Magnus*, considerada a maior escola de treinamento de gladiadores da época, existem até hoje. O restaurante com vista para elas também é verdadeiro. No entanto, tomei liberdades significativas na disposição do *ludus* e sua história para corresponder às necessidades do enredo.

Agradecimentos

Devo agradecimentos grandes, enormes e cheios de brilho a Jean Feiwel, Rose Hilliard, Eileen Lawrence, Mariel Dawson, Bill Contardi e, é claro, Sandy — obrigada por todo o esforço que fizeram em nome de Riley!

Sobre a autora

© Nancy Villere

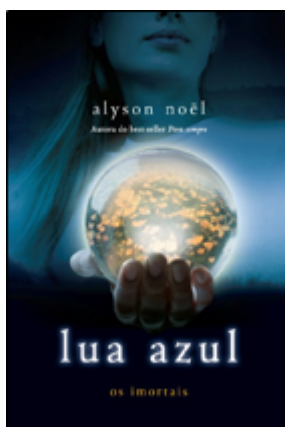


alysson Noël é autora de *Radiante*, *Luminoso* e *Terra dos sonhos*, os primeiros volumes da *Série Riley Bloom*, e da série *Os imortais* (*Para sempre*, *Lua azul*, *Terra de sombras*, *Chama negra*, *Estrela da noite* e *Infinito*). Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo — viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se exclusivamente a seus livros.

Conheça os livros da série *Os Imortais*



Volume 1



Volume 2



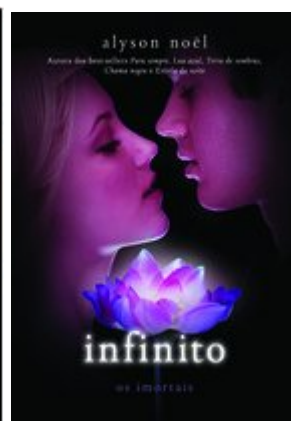
Volume 3



Volume 4

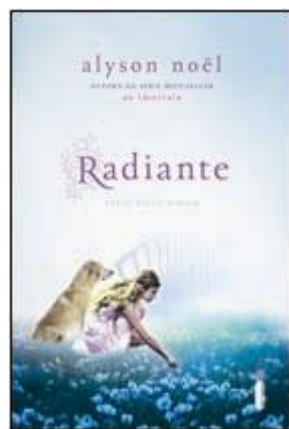


Volume 5

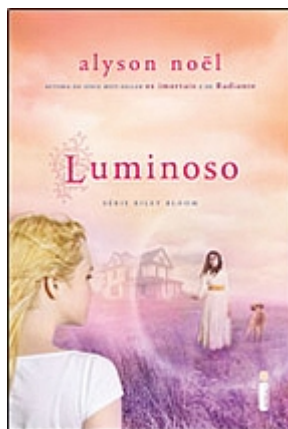


Volume 6

Conheça os livros da série *Riley Bloom*



Volume 1



Volume 2



Volume 3



Volume 4